

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

JULIANA FORNER

HABEMUS PAPAM: A REPRESENTAÇÃO DOS PAPAS BENTO XVI E
FRANCISCO NO JORNAL ZERO HORA SOB UMA PERSPECTIVA
NARRATOLÓGICA

PORTO ALEGRE

2015

JULIANA FORNER

**HABEMUS PAPAM: A REPRESENTAÇÃO DOS PAPAS BENTO XVI E
FRANCISCO NO JORNAL ZERO HORA SOB UMA PERSPECTIVA
NARRATOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. Vitor Necchi

PORTO ALEGRE

2015

JULIANA FORNER

HABEMUS PAPAM: A REPRESENTAÇÃO DOS PAPAS BENTO XVI E FRANCISCO NO JORNAL ZERO HORA SOB UMA PERSPECTIVA NARRATOLÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Vitor Necchi – Orientador

Prof. Me. Alexandre Claser Elmi

Profª Dra. Ivone Maria Cassol

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Claudio e Rosane, e ao meu irmão, Lucas, por estarem sempre presentes, me proporcionando momentos maravilhosos e me apoiando nos ruins. Obrigada, também, por todos os dias que deixaram de assistir televisão durante o período de realização desta monografia – afinal, a sala era o lugar ideal para escrever.

Ao restante da minha família, principalmente aos meus avós, João, Irene, Cealdini e Nelci, por me mimarem desde sempre, e à minha dinda, Rosângela, pelo auxílio com os afazeres da formatura.

Ao meu namorado, Ângelo, parceiro desde o início da faculdade, por ter me aguentado em diversos momentos de estresse (e não ter terminado comigo por isso), me dado incontáveis caronas até a PUCRS e imprimido várias partes deste trabalho quando minha impressora não funcionava (sempre).

Aos meus colegas da Zero Hora e a todos os professores da Famecos, por terem me ajudado a transformar a Juliana em jornalista. Em especial, ao meu orientador, Vitor Necchi, cujas leituras atentas aperfeiçoaram esta pesquisa.

À Renata, Luisa, Natália e Camilla, pela amizade de oito anos e por terem entendido, nos últimos meses, que não, eu não podia sair. Aos amigos conhecidos na faculdade, por todos os trabalhos em grupo e por terem tornado minha experiência universitária maravilhosa.

Por fim, a todos os professores que já passaram pela minha vida, com destaque aos de Português, que me fizeram ter paixão pela língua e cujos ensinamentos tornaram-se a base desta monografia.

Muito obrigada.

RESUMO

Esta monografia se propõe a analisar como o jornal Zero Hora representa os Papas Bento XVI e Francisco sob a perspectiva da narratologia. Tendo em vista o acesso extremamente limitado aos líderes da Igreja Católica, é por meio das informações publicadas pelos veículos de comunicação que muitas pessoas, fiéis ou não, tomam conhecimento de suas características e ações, simpatizando ou não com eles. Por conta da importância deste papel, decidiu-se examinar notícias e reportagens protagonizadas por Joseph Ratzinger e Jorge Mario Bergoglio, veiculadas uma semana antes e uma semana depois da eleição de cada um (ocorrida em 19 de abril de 2005 e 13 de março de 2013, respectivamente). Após esta primeira seleção, foi realizado um sorteio que delimitou a amostragem em 1/3 dos textos de cada semana. A metodologia utilizada foi a Análise de Narrativa, e, portanto, os Papas foram tratados como personagens. Este trabalho ainda se deteve nas estratégias comunicativas, sempre com foco na caracterização e nos papéis de Bento XVI e Francisco no decorrer das publicações. Percebeu-se que as personalidades de ambos eram simplificadas para que o leitor tivesse uma fácil identificação das personagens, e, assim, dependendo do texto, algumas características eram evidenciadas em detrimento de outras.

Palavras-chave: Bento XVI. Francisco. Papa. Jornalismo internacional. Narrativa. Personagem. Zero Hora.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how the Zero Hora newspaper represents the Popes Benedict XVI and Francis from the perspective of narratology. Given that access to leaders of the Catholic Church is extremely limited, it is through the information published by the media that many people, believers or not, become aware of its characteristics and actions, sympathizing with them or not. Because of such responsibility, it was decided to examine news and reports starring Joseph Ratzinger and Jorge Mario Bergoglio, published a week before and a week after the election of each one (held on April 19, 2005 and March 13, 2013, respectively). After this first selection, a sortation was made, which delimited the sample in 1/3 of the weekly texts. The methodology used was the Narrative Analysis, and therefore the Popes were treated as characters. This work also discussed communication strategies, always focusing on characterization and on Benedict XVI and Francis roles over the publications. It was noticed that the personalities of both were simplified so that the reader had an easy identification of the characters, and thus depending on the text, some features were highlighted over others.

Keywords: Benedict XVI. Francis. Pope. International journalism. Printed journalism. Narrative. Character. Zero Hora.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Notícia de 15 de abril de 2005.....	50
Quadro 2 – Notícia de 20 de abril de 2005.....	51
Quadro 3 – Notícia de 20 de abril de 2005.....	52
Quadro 4 – Notícia de 20 de abril de 2005.....	54
Quadro 5 – Notícia de 20 de abril de 2005.....	55
Quadro 6 – Notícia de 20 de abril de 2005.....	56
Quadro 7 – Notícia de 20 de abril de 2005.....	57
Quadro 8 – Notícia de 20 de abril de 2005.....	58
Quadro 9 – Notícia de 20 de abril de 2005.....	60
Quadro 10 – Notícia de 21 de abril de 2005.....	61
Quadro 11 – Notícia de 21 de abril de 2005.....	62
Quadro 12 – Notícia de 21 de abril de 2005.....	63
Quadro 13 – Notícia de 21 de abril de 2005.....	65
Quadro 14 – Notícia de 21 de abril de 2005.....	66
Quadro 15 – Notícia de 23 de abril de 2005.....	67
Quadro 16 – Notícia de 14 de março de 2013.....	68
Quadro 17 – Notícia de 15 de março de 2013.....	69
Quadro 18 – Notícia de 15 de março de 2013.....	70
Quadro 19 – Notícia de 15 de março de 2013.....	72
Quadro 20 – Notícia de 16 de março de 2013.....	73
Quadro 21 – Notícia de 16 de março de 2013.....	74
Quadro 22 – Notícia de 17 de março de 2013.....	75
Quadro 23 – Notícia de 17 de março de 2013.....	77
Quadro 24 – Notícia de 18 de março de 2013.....	78
Quadro 25 – Notícia de 20 de março de 2013.....	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A IGREJA, OS PAPAS E A MÍDIA	11
2.1	BENTO XVI	14
2.1.1	O Papado de Bento XVI	17
2.2	FRANCISCO	21
2.2.1	O Papado de Francisco	23
2.3	A RELAÇÃO ENTRE VATICANO E MÍDIA	26
3	ANÁLISE DAS NARRATIVAS DO JORNALISMO	30
3.1	ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS.....	36
3.2	ESTRUTURA POR CONFLITOS	39
3.3	AS PERSONAGENS	40
4	OS PAPAS BENTO XVI E FRANCISCO NA ZERO HORA	45
4.1	ZERO HORA E OS SELECIONADOS	47
4.2	BENTO XVI NA ZERO HORA	48
4.3	FRANCISCO NA ZERO HORA.....	69
4.4	ACONTECIMENTOS-INTRIGAS	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	91
	ANEXO – Versão original das notícias	99

1 INTRODUÇÃO

É indiscutível a importância da religião na história da humanidade e evidente a magnitude do catolicismo no panorama mundial da religiosidade. Como líder supremo da Igreja Católica, as opiniões, ações e falas do Papa mobilizam fiéis ao redor do globo, afetando até o âmbito político e, portanto, a vida de não católicos. O acesso a ele e ao Vaticano como um todo, no entanto, é restrito, e o número de pessoas que efetivamente conseguem se aproximar é reduzido. Neste sentido, a mídia tem uma grande responsabilidade: reduzir essa distância, relatando quem são e o que pregam os sumos Pontífices.

A partir do que os veículos de comunicação reportam sobre os Papas, o público tem a impressão de conhecê-los, simpatizando ou não com eles, concordando ou não com suas ideias e atitudes. É também por meio deste canal que a Igreja tenta angariar um maior número de devotos, objetivo vital da instituição. A religião, então, depende da comunicação, mas nem por isso o acesso ao Vaticano é fácil (mesmo para os jornalistas). Essa barreira invisível em torno da cidade-Estado perde imponência durante o Conclave, momento de escolha de novos líderes que chama atenção do mundo todo, em particular da mídia.

Bergoglio, o Papa Francisco, primeiro pontífice vindo do continente americano (Argentina), conquistou a simpatia da opinião pública. Em julho de 2013, o termo “Papa do Povo” (“The People’s Pope”, em inglês) foi cunhado pela primeira vez na capa da revista Time (2013). No mesmo ano, ele foi escolhido “personalidade do ano” pela Time (GIBBS, 2013) e pela The Advocate (GRINDLEY, 2013) – publicação americana voltada ao público gay – e “homem do ano” pela versão italiana da Vanity Fair (REDAZIONE, 2013). Uma pesquisa feita pelo Vaticano, divulgada no dia 2 de janeiro de 2014, aponta que o atual Pontífice atraiu, em pouco menos de um ano, um número quase três vezes maior de pessoas à cidade-Estado que o então Papa Bento XVI durante todo o ano de 2012. Foram mais de 6,6 milhões de visitantes de março de 2013, quando Francisco foi eleito, até dezembro; ante 2,3 milhões que estiveram em cerimônias presididas por Bento XVI em 2012. O levantamento teve como base a quantidade de entradas distribuídas para eventos Papais, além de estimativas em encontros abertos ao público, no Vaticano. (PULLELLA, 2014).

Bento XVI tomou a iniciativa de criar uma conta oficial no Twitter (com o usuário @pontifex, o primeiro tuíte foi postado em 12 de dezembro de 2012). Quando

anunciou sua renúncia, em 28 de fevereiro de 2013, o número de seguidores era de 3 milhões. No entanto, foi com Francisco que a conta atingiu proporções inimagináveis. Entre 13 de março de 2013, quando Francisco foi eleito, e 16 de abril de 2014, a iniciativa que começou com o Papa emérito ganhou a adesão de 10 milhões de pessoas (AGÊNCIA LUSA, 2013).

Dito isso, o tema deste estudo surgiu como uma curiosidade da pesquisadora, que queria entender como essa comoção em torno do Papa Francisco foi criada. Sendo assim, chegou-se ao seguinte problema de pesquisa: como o jornal Zero Hora representa os Papas Bento XVI e Francisco? A Zero Hora foi escolhida por ser o jornal impresso de maior circulação do Rio Grande do Sul, Estado onde a pesquisadora vive e realizou sua formação universitária. Embora a motivação inicial tenha se derivado da figura do Papa Francisco, achou-se prudente analisar o assunto a partir da comparação entre dois Pontífices.

Neste trabalho, o relato jornalístico foi tratado como narrativa, e utilizou-se a metodologia Análise de Narrativa, baseando-se principalmente em Motta (2013). Para compor os procedimentos metodológicos que diziam respeito à produção do conteúdo (analisada aqui a partir do produto), abordou-se a Análise da Cobertura Jornalística cunhada por Silva e Maia (2011). Fundamentou-se, com Moscovici (2003), o conceito de representação, que, por sua vez, foi estudado sob a perspectiva da personagem – figura composta por elementos narrativos que, por mais que se relacione com alguém da vida real, existe de forma independente. No âmbito da personagem, a pesquisa deteve-se nas postulações de Reuter (2002) e Brait (1985).

A amostragem foi composta por notícias e reportagens do jornal Zero Hora que tivessem Joseph Ratzinger e Jorge Mario Bergoglio como figuras centrais. Pela relação entre o Vaticano e o restante do mundo se estreitar durante Conclaves, o período de análise escolhido para este trabalho incluiu uma semana antes e uma semana depois das eleições de Joseph Ratzinger e de Jorge Mario Bergoglio (de 12 a 26 de abril de 2005 e de 6 a 20 de março de 2013, respectivamente). A partir do material coletado, sorteou-se 1/3 dos textos de cada semana, e o resultado passou por uma análise que incluiu o exame de estratégias comunicativas, conflitos da narrativa e, principalmente, papel da personagem.

O segundo capítulo contextualiza a religião católica, sua relação com a mídia e as trajetórias dos Papas Bento XVI e Francisco. O terceiro explica conceitos envolvendo a narrativa e as personagens, além de antecipar escolhas metodológicas.

O quarto, por sua vez, apresenta o objeto estudado, explica o protocolo utilizado para examinar as publicações e diz respeito à análise propriamente dita, dividida em um estudo das características individuais de cada texto e na transformação do papel das personagens nos acontecimentos – o que é possível de ser feito por meio de uma unificação dos relatos em uma narrativa.

Percebeu-se que a representação de cada Papa apresentou alterações à medida que os textos eram publicados, o que mostra que, por ser difícil de abordar a complexidade de uma pessoa em um texto jornalístico, as personalidades eram simplificadas para que o leitor tivesse uma fácil identificação das personagens. Ou seja, dependendo do momento relatado, algumas características apareciam em detrimento de outras, salientando a subjetividade no jornalismo.

2 A IGREJA, OS PAPAS E A MÍDIA

Neste capítulo, traçou-se um panorama do catolicismo e da Igreja como instituição, com destaque para o Vaticano, onde está localizada a base organizacional dessa religião, e para os Papas, seus líderes. A título de contextualização, as histórias de vida de Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI, e de Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco, foram brevemente relatadas. Por fim, abordou-se a relação entre a Igreja Católica e a mídia, objeto deste estudo.

É impossível tratar da história da humanidade sem citar a religião, e impossível tratar de religião sem abordar o catolicismo, vertente do cristianismo que reconhece a autoridade da Santa Sé. Um dos maiores grupos religiosos do mundo, com 1,253 bilhão de adeptos, segundo o Anuário Estatístico da Igreja de 2013, ele tem interferido na vida pessoal daqueles que o seguem e não o seguem, moldado culturas e transformado o rumo de acontecimentos ao redor do globo em aproximadamente 2 mil anos de existência (RÁDIO VATICANA, 2014).

No Brasil, por influência da colonização de Portugal, país de raízes católicas, foi tido como religião oficial até a Constituição da República de 1891, o que contribuiu para que, em todos os censos¹ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o maior número de devotos se concentrasse no catolicismo. Nas últimas décadas, o montante de seguidores da religião católica apostólica romana vem apresentando queda, mas ainda representava 64,6% da população brasileira no último levantamento, realizado em 2010. O segundo lugar, que dizia respeito aos evangélicos, também um movimento cristão, resumia-se a 22,2% da população.

Mais do que uma crença abstrata, a religião católica se organiza em torno de uma instituição altamente complexa e singular, a Igreja, que superou adversidades, se adaptou a mudanças externas e sobreviveu a milênios.

Desde que ela existe, a Igreja nunca foi uma ilha; ela se desenvolveu no seio de um mundo de sociedades humanas: por um lado, ela se introduziu em suas ideologias e suas instituições, emprestando-lhes espontaneamente, ou após reflexão, modelos a transportar para ela ('inculturação'); por outro lado, influenciou essas mesmas ideologias e instituições, comunicando-lhes normas, princípios, exemplos e valores evangélicos ('aculturação'). 'Igreja' e 'mundo' sempre estiveram, como se diz, 'no mesmo barco' (LAFONT, 2008, p. 23).

¹ Em 1872, 99,7% da população se autodenominava católica; em 1970, 91,8%. A partir daí, o número começou a reduzir-se mais significativamente, com 89% em 1980, 83% em 1991 e 73,6% em 2000 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

A influência da Igreja Católica atingiu a moral, os costumes, a arte, a arquitetura, a ciência, a política e a economia mundiais. Em seu período mais sombrio, durante a Inquisição Romana, fê-lo de maneira imposta. O site oficial do Vaticano divulga um documento assinado por Paulo VI, de 1965, em que o Papa explica:

Em 1542, Paulo II instituiu uma comissão de seis cardeais cuja missão era velar sobre as questões de fé para que 'a fé católica florescesse e se desenvolvesse por toda a parte e qualquer perversão herética fosse banida dos fiéis cristãos'. Esta comissão, conhecida pelo nome de Santa Inquisição Romana e Universal, [...] no início tinha um carácter exclusivamente de Tribunal para causas de heresia e cisma (PAULO VI, 1965).

Paulo IV, a partir de 1555, aumentou o campo de ação da comissão ao fazê-la competente também para julgar "questões morais de índole diversa". Em 1571, São Pio V criou a Congregação para a Reforma do Índice dos Livros Proibidos, especificamente para obras que não se enquadrassem nos padrões da Igreja. Com a reforma da Cúria realizada em 1588 por Sisto V, a atividade da Inquisição estendeu-se a tudo que pudesse direta ou indiretamente referir-se à fé e à moral, tornando-a o principal instrumento da autoridade pontifícia. Em 1965, o nome do órgão foi transformado em Congregação para a Doutrina da Fé – o qual Joseph Ratzinger presidiria vários anos depois –, e os métodos de punição foram suprimidos (PAULO VI, 1965).

A Inquisição deixou feridas profundas. Conforme Angelini (2014), somente na gestão de Tomás de Torquemada, frade dominicano espanhol considerado o mais cruel dos inquisidores, nomeado para a função pelo Papa Inocêncio VIII, 170 mil judeus foram expulsos da Espanha e de suas 14 colônias, além das 2 mil pessoas condenadas à morte na fogueira. Nesta época, organizava-se um espetáculo público em torno dos julgamentos: os condenados eram levados a um palco onde todos podiam assistir a um processo de condenação e humilhação (PAULO VI, 1965). Este período afetou especialmente a Ciência – Nicolau Copérnico, Giordano Bruno e Galileu Galilei foram alguns dos pensadores que tiveram suas teorias censuradas pela Igreja, sendo o segundo condenado à fogueira. Desde o término da Inquisição, em 1908 (BAIGENT; LEIGH, 2001), a Igreja tem tentado conquistar fiéis, em vez de impor seus ideais. O Papa João Paulo II pediria perdão publicamente, mais de uma vez, pelas atrocidades da Inquisição.

No catolicismo, a organização da Igreja tem como base as dioceses, que são as unidades geográficas em que a Igreja divide o mundo, as comunidades religiosas de âmbito local. Elas, por sua vez, não existem isoladamente, estão ligadas entre si e à Igreja de Roma por meio de seus bispos. Neste contexto, o Papa, sucessor de São Pedro (líder dos apóstolos), bispo de Roma, chefe do Colégio dos Bispos e monarca da Cidade do Vaticano, é líder supremo. Conforme Reese (1999), essa pluralidade de papéis dá-se da seguinte forma: como bispo de Roma, ele é diretamente responsável pelas necessidades espirituais de 2,6 milhões de católicos da diocese de Roma, assim como ocorre com os bispos de qualquer diocese no mundo; como monarca absoluto da Cidade do Vaticano, um Estado independente com uma área de 108,7 acres e com menos de 500 cidadãos, o Papa é um chefe de Estado civil, reconhecido no direito internacional, com autoridade legislativa, judicial e executiva; como chefe do Colégio dos Bispos, que inclui todos os bispos do mundo, ele lidera e dirige a Igreja Católica.

O Papa senta na cadeira de São Pedro (Santa Sedes). Esta é uma cadeira desconfortável, porque o homem que nela se senta está sobrecarregado com as enormes preocupações espirituais, políticas e sociais das pessoas do mundo todo. É um trono do qual é fácil cair. É uma cadeira extremamente visada, que faz do seu ocupante o alvo de excêntricos, profetas, reformadores e até de assassinos (REESE, 1999, p. 20).

O Papa é um líder global, que trabalha pela paz e pelos direitos humanos, além, claro, de visar à evangelização, objetivo principal da Igreja Católica. Ao concentrar sua energia em um tema específico, ele tem a capacidade de unir a força de toda a Igreja e mobilizar fiéis pelo mundo, gerando reflexos também para os não-católicos. Os posicionamentos Papais sobre o controle de natalidade e o aborto têm efeitos demográficos e ambientais – na Conferência do Cairo², de 1994, diplomatas do Vaticano conseguiram barrar a inclusão da linguagem dos direitos do aborto em um documento das Nações Unidas. A opinião do Papa sobre qualquer acontecimento e assunto (guerra do Golfo Pérsico, controle de armamentos, dívida do Terceiro Mundo, situação dos refugiados, capitalismo, liberdade religiosa e tantos outros) é chave importante do discurso internacional, em que, pela sua grande influência, a Igreja Católica é um participante singular. O impacto de suas ações levou praticamente todos os países, exceto a China e o Vietnã, a trocar embaixadores com a Santa Sé.

² “A Conferência do Cairo aconteceu após 200 anos de debates sobre questões de demografia e economia, tornando-se um ponto de inflexão nas orientações sobre este tema” (ALVES; CORRÊA; JANNUZZI, 2006, p.29).

Isso mostra que tanto os países católicos quanto os não católicos acreditam ser vital ter uma representação no Vaticano (REESE, 1999).

O papel do Papado também variou bastante com o tempo: confortar os cristãos durante as perseguições dos romanos, se submeter a impérios, enfrentar reis e outros governantes seculares, converter e civilizar hordas bárbaras, patrocinar as artes, condenar hereges, convocar as Cruzadas e mediar disputas entre as nações. Alguns protegeram as Igrejas locais de políticos e interesses externos, outros venderam benefícios a quem pudesse pagar. Eles têm sido “santos e patifes, guerreiros e pacificadores, reformadores e corruptores” e “suas ações têm unido e dividido a Igreja” (REESE, 1999, p.12).

Independentemente da personalidade, das escolhas ou das crenças pessoais dos Papas eleitos, são indiscutíveis a importância e a visibilidade deles no cenário mundial. Os casos de Bento XVI e Francisco não foram diferentes: o primeiro liderou e o segundo lidera a complexidade da instituição da Igreja de formas distintas, o que, naturalmente, também gera diferentes repercussões, mas ambos têm o poder de reter a atenção da sociedade de uma forma que só este cargo permite.

2.1 BENTO XVI

Filho de um gendarme (chefe de polícia rural) e de uma cozinheira, Joseph Ratzinger – o caçula entre seus irmãos, Maria e Georg – nasceu em 16 de abril de 1927, um Sábado de Aleluia, na cidade de Marktl am Inn, em Baviera, Alemanha. A família, que vivia com bastante simplicidade, seguia a religião católica com afinco, rezando todos os dias, unida, antes e depois de cada refeição. Com 12 anos, Joseph entrou para um seminário arquiepiscopal na cidade de Traunstein, onde não se adaptou bem com a coletividade. Ratzinger (2012, p. 95) cita um relato de Bento XVI, a quem chama de um “individualista amante da liberdade”, sobre a época:

‘Em casa eu vivia com grande liberdade, estudava como queria e construí meu próprio mundo infantil’, contou Bento XVI. ‘Ter então de me acostumar a estar em uma sala de estudos com uns sessenta outros rapazes foi uma tortura, que fez o aprendizado, que antes fora tão fácil para mim, parecer quase impossível.

Joseph e a família sofreram com a ascensão de Adolf Hitler ao poder. Para cumprir a Lei da Juventude Hitlerista – aprovada em dezembro de 1936, que obrigava

o ingresso de todos os jovens a partir de 14 anos de idade ao grupo, – o seminário passou a inscrever seus alunos, o que incluiu Georg e, dois anos mais tarde, Joseph. No começo da Segunda Guerra Mundial, no entanto, o seminário foi transformado em hospital militar, e os estudantes foram transferidos a escolas públicas. Apesar de a Juventude Hitlerista proporcionar descontos estudantis, muito bem-vindos à família Ratzinger, que não disponibilizava de muito recurso financeiro, Joseph não era mais obrigado a frequentá-la e saiu assim que pôde (RATZINGER, 2012).

Contudo, ele não escapou da guerra. Em 1943, Joseph foi destinado à bateria de defesa antiaérea (Flak) de Munique. Primeiramente, alocaram-no na divisão de medições e, depois, na central telefônica, não precisando, pelo menos, usar uma arma. Segundo Ratzinger (2012, p. 115), “ele aproveitava cada minuto livre para ler e organizar aulas de religião – mais tarde até mesmo visitas regulares à igreja – para todos os católicos da unidade”. Nesta época, já queria ser padre. Em 1944, delegaram-no ao quartel de Traunstein, porém, quando a ameaça de ser convocado para o front se aproximou, Joseph desertou. Ele já estava em casa quando os americanos marcharam sobre a cidade. Ao identificá-lo como ex-soldado, levaram-no como prisioneiro e o libertaram apenas depois de a guerra terminar, em 19 de junho de 1945 (RATZINGER, 2012).

A ligação de Joseph à Juventude Hitlerista encadearia, posteriormente, na época do Conclave de 2005, notícias extremamente negativas e críticas. A divulgação dessa informação dificultou a eleição do Papa alemão, segundo Camarotti (2013). A verdade é que ele, assim como todos os jovens da Alemanha nazista, não teve opção. Os alemães Günter Grass, Nobel de Literatura de 1999, nascido em outubro de 1927 (mesmo ano que Joseph Ratzinger), e Jürgen Habermas, filósofo, nascido em junho de 1929, também fizeram parte da organização, sendo que o primeiro, como Joseph, sofreu duras críticas quando o fato foi divulgado.

Joseph então voltou sua atenção aos estudos e à ordenação. Em 29 de junho de 1951, ele e seu irmão foram ordenados padres. No entanto, Ratzinger (2012, p. 155) salienta que o entusiasmo não impedia dúvidas:

Joseph Ratzinger era fascinado pela teologia científica, isso era evidente. Mas ele também teria sucesso em desempenhar as funções de um padre? ‘Como eu era bastante tímido e tinha pouco senso prático, não tinha talento para esportes, nem para organização ou administração, fui forçado a me perguntar se eu conseguiria ter acesso às pessoas’, ele confessou ao jornalista Peter Seewald.

Quanto aos estudos, sua tese de doutorado, intitulada *O Povo e a Casa de Deus na Doutrina Agostiniana da Igreja*, foi defendida em 1953, e sua tese de pós-doutorado, que analisa a teologia da história de São Boaventura, apresentada em 1956. Habilitado, aos 29 anos, Joseph tornou-se professor. Rowland (2013) classifica-o como “um dos mais prolíficos teólogos da sua geração”, destacando sua atuação na Universidade de Bonn (1959 – 1963), na Universidade de Münster (1963 – 1966), na Universidade de Tubinga (1966 – 1969) e na Universidade de Ratisbona (1969 – 1977).

Em 1961, o Papa João XXIII elogiou um discurso do cardeal Joseph Frings em Genova que, na verdade, havia sido escrito por outro Joseph: o Ratzinger. Por isso, quando Frings foi nomeado membro da Presidência do Conselho Papal, Joseph virou um fiel escudeiro e, posteriormente, seu conselheiro teológico oficial. Ambos participaram ativamente do Concílio Vaticano II (1962 – 1965), um marco religioso no qual 2,8 mil bispos de todo o mundo se uniram para moldar o futuro da Igreja (RATZINGER, 2012).

Joseph não ambicionava o cargo quando foi nomeado arcebispo de Munique e Freising, em 1977. De acordo com Ratzinger (2012, p.205), “a ideia absolutamente não lhe convinha. Ele [Joseph Ratzinger] estava afogado em trabalho e, de qualquer forma, não se julgava apto a enfrentar esse desafio. Depois de alguma hesitação e com o coração pesado, ele disse sim”. Em junho do mesmo ano, o Papa Paulo VI fê-lo cardeal (BIOGRAFIA..., [200-?]).

A surpresa acometeu-o novamente quando o Papa João Paulo II o convidou, em 1981, a ocupar o cargo de prefeito da Congregação pela Doutrina da Fé, autoridade do Vaticano para cuja reforma ele havia contribuído como crítico no Concílio Vaticano II. Ratzinger (2012, p. 211) declarou: “Tenho a impressão de que ele nunca quis realmente ir para Roma. Ele queria convencer o Papa a deixá-lo em Munique e vivia encontrando novos argumentos para tentar convencê-lo”.

O Papa não desistiu, e, por fim, Joseph cedeu. Segundo Ratzinger, (2012), o então cardeal trabalhou de forma meticulosa, rejuvenesceu e internacionalizou sua congregação, contratando especialistas em direito religioso e teólogos recém-formados, vindos de universidades dos cinco continentes. Tinha um ouvido aberto, e controvérsias eram largamente aceitas. Como prefeito, foi um dos líderes do processo

de reaproximação com os lefebvristas³, o que continuou fazendo posteriormente, durante o Papado (DIAS, 2010). João Paulo II e Joseph Ratzinger tinham personalidades completamente diferentes, mas se complementavam e trabalhavam bem juntos:

O carismático e extrovertido “John Paul Superstar” foi um Papa muito popular, que queria abraçar o mundo inteiro – Ratzinger, em contrapartida, sempre foi um homem pacato e introvertido, um espírito tímido, que preferia evitar a vida pública. O primeiro era um místico e um poeta; o outro, um teólogo e um analista. O grande coração da Igreja e sua mente afiada: as fraquezas de um eram os pontos fortes do outro. (RATZINGER, 2012, p. 212).

O Papa elevou-o à Ordem dos Bispos em 5 de abril de 1993. Entre suas numerosas publicações, destacam-se *Introdução ao Cristianismo*, uma compilação de lições universitárias publicadas em 1968 sobre a profissão de fé apostólica, e *Dogma e Revelação*, de 1973, uma antologia de ensaios, homilias e meditações, dedicadas à pastoral. (BIOGRAFIA..., [200-?]). Foi nomeado membro associado da prestigiosa Academia Francesa, na seção de Ciências Morais e Políticas, em 6 de novembro de 1992, fato abordado por Rowland (2013):

Esta honra, conferida por uma instituição completamente secular, sediada na capital de um país reconhecido por manter Deus fora do âmbito público pelo menos desde 1789, indica de alguma forma a elevada reputação de Ratzinger no mundo da literatura europeia.

Com a morte de João Paulo II em 2 de abril de 2005 (JOÃO PAULO II, 2014) no segundo dia de Conclave, em 19 de abril de 2005, Joseph Ratzinger era eleito bispo de Roma.

2.1.1 O Papado de Bento XVI

A indicação do sucessor de João Paulo II não apresentou variação significativa em relação ao comportamento adotado pela Santa Sé desde o fim dos anos 1970, tendo em vista que esse Papa, durante seu período como bispo de Roma, manteve um perfil conservador no colégio cardinalício, responsável pela votação. A surpresa maior, além da nacionalidade, posto que a expectativa era de um italiano ocupar a

³ “Referência aos seguidores do arcebispo francês Marcel Lefebvre, que rejeitam o Concílio Vaticano II por considerá-lo uma ‘heresia’ e por ver suas reformas como ‘destrutivas’” (TORNIELLI, 2013, p.28).

titularidade da Santa Sé, se deu à idade avançada do escolhido – aos 78 anos, Ratzinger foi o eleito mais idoso desde a escolha de Clemente XII em 1730. Desta forma, era esperado que o Papado de Bento XVI fosse de transição, sem riscos visíveis de solavancos políticos ou ideológicos (ARRAES, 2006).

Desde o início, tinha deixado claro que seu estilo seria diferente daquele do antecessor, devido à sua idade e à sua formação. Inicialmente encabulado e tímido, Bento XVI logo assumiu o papel de Papa itinerante, começando pela Jornada Mundial da Juventude de Colônia, em agosto de 2005, uma das invenções de seu “vulcânico antecessor” (TORNIELLI, 2013). Ao todo, fez 24 viagens fora da Itália durante seu pontificado⁴.

Em sua primeira missa Papal, Bento XVI mencionou a necessidade da unidade entre os cristãos e de diálogo aberto e sincero com fiéis de outras religiões. Em linhas gerais, sinalizava a mesma meta de João Paulo II – manter o contato com outras culturas religiosas com o fito de reforçar a paz universal e, por extensão, negar validade ao primado do choque de civilizações. Isso foi refletido também na escolha do nome: afinal, o mote de seu santo homônimo, patrono da Europa, havia sido paz (ARRAES, 2006).

No Natal de 2005, Bento XVI lançou *Deus é amor*, sua primeira carta encíclica, que sintetiza sua interpretação do cristianismo e do papel da Igreja e que pode ser considerada a base teórica de seu Pontificado. Conforme Rowland (2013), o documento proclama que ser cristão não é o resultado de uma escolha estética ou de uma ideia grandiosa, e sim o encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá à vida um novo horizonte e uma orientação decisiva – um antídoto ao moralismo, ou seja, uma teologia centrada no amor divino.

Em contrapartida, Santiago (2008, p. 203) analisa que essa primeira carta representa a falta de tolerância que seguiria assombrando o pontificado do Papa alemão: “Não sem alguma sutileza, ela promove uma ênfase excessiva da igualdade/identidade e, por consequência, um desequilíbrio na lógica da tolerância que acarreta, se não a supressão, ao menos o desprivilégio da diferença”. O autor aponta alguns acontecimentos como exemplos desse pensamento: em setembro de

⁴ Em 2012, ao Líbano, ao México e à Cuba (sendo estes dois últimos feitos em uma viagem); em 2011, ao Benim, à Alemanha, à Espanha e à Croácia; em 2010, à Espanha, ao Reino Unido, a Chipre, a Portugal e a Malta; em 2009, à República Tcheca, a Israel, a Camarões e a Angola (sendo os dois últimos uma só viagem); em 2008, à França, à Austrália e aos Estados Unidos; em 2007, à Áustria e ao Brasil; em 2006, à Alemanha, à Polônia, à Turquia e à Espanha; em 2005, à Alemanha. (BIOGRAFIA..., [200-?]).

2006, em viagem à Alemanha, o Papa tece duras críticas à ideia de autonomia da razão, tachando de “irracional” toda tentativa teórica que faça economia da fé, e seu discurso enfurece muçulmanos de todo o mundo ao, mediante uma citação, qualificar Maomé de portador de “coisas más e desumanas” e acusá-lo de querer “propagar através da espada”; em maio de 2007, no Brasil, na abertura da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, referindo-se à colonização do continente americano, o Papa afirma que a cristianização da América “não supôs, em qualquer momento, uma alienação das culturas pré-colombianas, nem foi uma imposição de uma cultura alheia”; por fim, um documento oficial do Vaticano de julho de 2007 define a Igreja Católica como a “única igreja” de Cristo, minimizando a crença protestante. Sendo assim, o seu catolicismo

[...] não se contenta com a sua verdade, mas gostaria que essa verdade, que é sua, fosse também a de todos os outros reunidos numa identidade superior – que pode ser dita, em princípio, a do cristianismo, mas que ao fim e ao cabo reduz-se àquela da própria Igreja Católica, que nunca escondeu suas pretensões universalizantes (SANTIAGO, 2008, p. 200).

No entanto, como defende Tornielli (2013), depois do equívoco da fala sobre Maomé, que não era do Pontífice e reverberou em todo o mundo, o Papa multiplicou a atenção com os muçulmanos, confirmando a amizade e o respeito para com o islamismo. Além disso, provavelmente como consequência da própria história de vida na Alemanha nazista, Bento XVI se esforçou para a reconciliação com os judeus, visitando mais sinagogas do que qualquer um dos seus antecessores – em agosto de 2005, a sinagoga de Colônia; em abril de 2008, a sinagoga de Nova York; e em janeiro de 2010, a sinagoga de Roma. Em Auschwitz e em Yad Vashem, ele rejeitou todas as formas de antissemitismo ou antijudaísmo e, em Jerusalém, rezou no Muro das Lamentações. Imediatamente após a sua eleição, escreveu à comunidade judaica de Roma. Por fim, foi o primeiro Papa a convidar um rabino a falar perante o Sínodo dos Bispos (RATZINGER, 2012).

De acordo com Dias (2010), com a eleição de Joseph Ratzinger, um novo horizonte abriu-se para os chamados tradicionalistas, pois Ratzinger já havia feito inúmeras demonstrações de sua afeição pelo rito de São Pio V⁵, quase esquecido

⁵ O sacrifício do culto cristão primitivo era feito em diversos ritos regionais durante a Idade Média, fato suplantado com o advento do Concílio de Trento (1543 – 1565), quando o rito foi compilado e outorgado pelo Papa São Pio V (1566 – 1572) com o intuito de consolidar a fé católica e combater o protestantismo – que tinha outra visão do culto cristão, não como sacrifício, mas como memória (DIAS, 2010).

pelo restante do mundo católico que, por sua vez, transformara o rito de Paulo VI⁶ em regra. De fato, poucos meses após a missa de abertura de seu pontificado, o Papa reuniu-se em Castel Gandolfo, onde está sediado o palácio Pontifício, residência de verão dos líderes da Igreja Católica, com o monsenhor Bernard Fellay, sucessor direto de Lefebvre (previamente mencionado), e uma nova fase de acordos começou, “gerando grandes expectativas das alas mais conservadoras da Igreja Católica” (DIAS, 2010, p.19).

O Pontificado ratzingeriano foi difícil. Em 2011, emergiu um escândalo de pedofilia na Igreja Católica, com a publicação de documentos sobre velhos casos encobertos em todo o mundo, dos Estados Unidos à Alemanha. Bento XVI enfrentou a crise abertamente, modificando regras e pedindo à Cúria e aos bispos de todo o mundo que mudassem a mentalidade. Para dar o exemplo, em cada viagem ele procurava se encontrar com vítimas dos padres pedófilos. “No passado, os colaboradores da Cúria serviam de escudo ao Papa. Com Ratzinger, como se vê, aconteceu exatamente o contrário” (TORNIELLI, 2013, p. 32).

Em fevereiro de 2012, o jornal *Il Fatto Quotidiano* e o canal de tevê La7 divulgaram documentos secretos do Vaticano ao longo de duas semanas. Eram cartas confidenciais para o Papa, assinadas e carimbadas. Os documentos, publicados pelo jornalista Gianluigi Nuzzi, serviram como base para o livro *Sua Santidade*, que revelava um antagonismo crescente entre o Papa e a segunda pessoa mais importante do Vaticano, o secretário de Estado, Tarcisio Bertone. Um dos documentos era uma carta que levantava suspeitas sobre casos de superfaturamento na gestão dos gastos do Estado. O porta-voz do Vaticano, padre Federico Lombardi, ao responder aos jornalistas, comparou a situação ao Wikileaks, quando documentos do governo americano foram igualmente vazados para a imprensa, e ela acabou batizada de *Vatileaks*. Uma investigação apontou como responsável direto o mordomo de Bento XVI, Paolo Gabriele, que servia ao Papa desde 2006. Ele foi julgado e preso, mas perdoado pelo Papa (CAMAROTTI, 2013).

A renúncia veio cerca de um ano depois, em 11 de fevereiro de 2013. Torielli (2013) relata que Bento XVI presidia um consistório público para a canonização de alguns beatos, quando, sem alarde, simplesmente emendou um discurso, ainda em

⁶ Após o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962 – 1965), entrou em vigor uma nova forma para a celebração do culto católico, promulgada pelo Papa Paulo VI (DIAS, 2010).

latim, informando sobre sua decisão. Ele foi o primeiro Papa a deixar o cargo por motivo de idade avançada.

2.2 FRANCISCO

Os avós de Jorge Mario Bergoglio, provenientes de Portacomaro, um pequeno município da província de Asti, no Piemonte, chegaram a Buenos Aires em 1929. Jorge Mario, o mais velho de cinco irmãos, nascido em 17 de dezembro de 1936, começou a trabalhar aos 13 anos de idade, primeiramente em uma fábrica de meias e depois em um laboratório. A vocação se apresentou aos 17 anos, em um dia em que o futuro Papa pretendia se encontrar com um grupo de amigos para a Jornada do Estudante, uma festa que acontecia no início da primavera. No entanto, decidiu visitar antes a sua paróquia, a Igreja de San José de Flores, e lá se confessou com um sacerdote que desconhecia, mas que lhe passou uma profunda espiritualidade. Este encontro mudou sua vida. Ele foi para casa, em vez de sair com os companheiros. Tinha decidido virar padre (TORNIELLI, 2013).

Conforme Tornielli (2013), Bergoglio continuou trabalhando no laboratório e terminou os estudos. Quatro anos mais tarde, aos 21 anos, quando pretendia entrar para o seminário, porém, ele foi acometido por uma grave infecção nos pulmões, causada por uma pneumonia. Por isso, ele precisou passar por uma ablação da parte superior do pulmão direito.

Bergoglio sofria dores tremendas, absolutamente insuportáveis. Aqueles que apareciam para visitá-lo no hospital diziam que as coisas iriam melhorar, que tudo aquilo passaria, mas isso não o consolava. Até que uma monja que o jovem conhecia desde pequeno explicou que “o sofrimento nos faz compreender Jesus e sua obra na Cruz” e, através da dor, em muitas ocasiões, “nos encontramos com Ele”. Isso aquietou sua alma e seu corpo doentes (GOLDEROS, 2013).

Quando melhorou, Bergoglio finalmente pôde trilhar o caminho que havia decidido seguir anos antes. Tornielli (2013, p.74) cita uma fala de Francisco explicando os motivos por ter escolhido se tornar jesuíta:

Decidi pela Companhia de Jesus porque fui atraído pelo fato de ela ser uma força avançada da Igreja, na qual se usava uma linguagem militar e determinada pela obediência e pela disciplina. Eu a escolhi também porque a companhia era direcionada ao serviço missionário.

Bergoglio, nos anos 1970 e 1980, uniu atividades acadêmicas e de ensinamento com a atividade pastoral. Depois de ter sido, por três anos, mestre dos noviços na Vila Barillari, na cidade de San Miguel, professor na faculdade de teologia e reitor do Colégio Máximo – onde cozinhava para os estudantes aos domingos –, foi eleito provincial dos jesuítas da Argentina, tarefa que exerceu por seis anos. Ao lecionar, considera o contato com a pessoa um fator essencial (TORNIELLI, 2013).

Foi devido à época à frente da Companhia de Jesus que vieram, posteriormente, os primeiros ataques à imagem do Papa Francisco. Nos dias que se seguiram à sua eleição, veio à tona a acusação de sua participação na ditadura de Jorge Videla, na Argentina, entre os anos de 1976 e 1983. As acusações giravam em torno da possível omissão face à prisão de dois padres jesuítas pelo regime de Videla. No entanto, algumas figuras envolvidas com este episódio desmentiram a ligação do Papa com o regime e evidenciaram os trabalhos realizados por Francisco, na época, para ajudar os oprimidos. Um deles foi Perez Esquivel⁷, Nobel da Paz de 1980, que conhecia os dois padres presos e afirmou que Francisco, na verdade, tentou ajudar, por meio de uma diplomacia silenciosa. Além disso, uma das vítimas, Jalics, retrucou que o Papa Francisco não o havia entregado ao governo, como alguns boatos diziam (CAMAROTTI, 2013).

De acordo com Golderos (2013), desde sua nomeação como arcebispo e, mais tarde, como cardeal, Bergoglio pertenceu a várias congregações, o que o forçou a viajar mais para Roma. Por exemplo, fez parte da Sagrada Congregação para o Clero, que supervisiona os sacerdotes que não pertencem a uma ordem religiosa. Também foi membro do Pontifício Conselho para a Família e a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, que se encarrega da liturgia da Igreja Católica e do ritual dos sacramentos; do Conselho Ordinário da Secretaria Geral para o Sínodo dos Bispos, responsável por organizar os sínodos e as reuniões dos bispos; da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, organização focada na supervisão de institutos seculares e religiosos; e, por fim, do Conselho Episcopal Latino-Americano, que introduz as bases para a política a ser seguida na Igreja Católica da América Latina.

⁷ Perez Esquivel é um artista e ativista dos Direitos Humanos argentino. Foi professor durante mais de 25 anos. PEREZ ESQUIVEL (2015).

“A proximidade do bispo Bergoglio com sua gente – em particular com os mais desfavorecidos, os mais fracos, os pobres, os doentes – foi um traço distintivo de seu episcopado” (TORNIELLI, 2013, p. 100). Sua proximidade e suas palavras sobre a pobreza e a justiça social inclusive acabaram sendo interpretadas por Nestor Kirchner e por Cristina Kirchner como uma repreensão ao governo (TORNIELLI, 2013).

Golderos (2013) aponta dois momentos em que o recém-nomeado cardeal Bergoglio chamou a atenção da Cúria Romana. Em 2001, o arcebispo de Nova York, que precisava presidir o sínodo de bispos em todo o mundo, teve que regressar com urgência aos Estados Unidos depois do atentado contra as Torres Gêmeas, em 11 de setembro. Naquele sínodo, 252 padres sinodais de 118 países puderam conhecer Bergoglio no exercício do cargo de relator-geral, e, “graças àquele brilhante desempenho” (GOLDEROS, 2013), ele foi nomeado membro do conselho pós-sinodal como representante do continente americano. Em 2007, para a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, celebrada em Aparecida, no Brasil, o presidente da comissão redatora do documento final foi o cardeal argentino.

O êxito de Bergoglio nessa conferência se tornou evidente nos aplausos que ele recebeu depois de realizar a missa e a homilia. Nenhuma das outras participações foi tão celebrada quanto a sua. O jovem e tímido argentino que havia progredido nos últimos anos de maneira fulminante passava, então, a ser um dos homens mais conhecidos e apreciados dentro da hierarquia da Igreja Católica (GOLDEROS, 2013).

Nessa última ocasião, o então cardeal Bergoglio teve uma rápida conversa com o jornalista de O Globo Gerson Camarotti, que relatou, na obra *Segredos do Conclave*, que ficou “impressionado com a simplicidade de Bergoglio”. Na conversa, Camarotti (2013) perguntou sobre a evasão de fiéis no continente, para o que o arcebispo de Buenos Aires defendeu a adoção de uma forte linha pastoral, que permitisse uma Igreja missionária com uma ação mais evangelizadora. Em outras palavras, uma Igreja que vai a todos os lugares, até as periferias, para alcançar os fiéis. “Seis anos depois, em março de 2013, a aposta de muitos cardeais era que esse pensamento seria um pilar fundamental do pontificado de Francisco” (CAMAROTTI, 2013, p.129).

2.2.1 O Papado de Francisco

Foram dias turbulentos na Cúria Romana nos dias que antecederam o Conclave de 2013: escândalos de pedofilia voltaram a repercutir, e, em meio à crise envolvendo o Banco do Vaticano, foi escolhido às pressas um novo presidente para o Instituto para Obras Religiosas. Os purpurados que chegavam dos continentes mais distantes cobravam transparência da Cúria Romana – era sinalizado um movimento de mudança na Santa Sé. Isso começou a ficar claro já nas reuniões das congregações gerais. “O gesto revolucionário de Bento XVI [*renunciar*] abriria espaço para a realização de mudanças que ele próprio não conseguiu fazer durante os oito anos que ficou à frente da Igreja” (CAMAROTTI, 2013, p. 11). Bergoglio já era bem conhecido pelos cardeais que participariam da votação, mas nem tanto pelos jornalistas do mundo todo que estavam no Vaticano, transmitindo informações.

Mesmo nos dias que antecederam o conclave, Bergoglio se deslocou a pé por Roma, sem o solidéu na cabeça. [...] Os cardeais se reuniram no salão novo do Sínodo e, a esperar por eles, fora dos portões da Praça do Santo Ofício, havia uma multidão de repórteres, fotógrafos, operadores de vídeo. Era quase que uma batalha armada do circo midiático. As teleobjetivas perscrutavam o rosto dos ‘cotados’. Padre Bergoglio chegou rapidamente, mas quase ninguém o reconheceu. Os telejornais naqueles dias registraram várias vezes sua passagem, sem que ninguém o abordasse ou lhe fizesse perguntas (TORNIELLI, 2013, p. 43)

Em 2005, o argentino obteve mais votos entre os demais cardeais no enfrentamento do então favorito, Joseph Ratzinger. Todavia, o nome de Bergoglio não configurava a lista de papáveis da mídia neste novo Conclave, a qual incluía o italiano Angelo Scola, o canadense Marc Quillet e o brasileiro Odilo Scherer. Na verdade, a articulação pela eleição do arcebispo de Buenos Aires já havia começado bem antes, desde o primeiro dia das congregações gerais, mas mantida em sigilo para evitar um desgaste precoce no nome do argentino. Depois de vários dias de confabulações, o nome de Bergoglio ganhou força na reta final do chamado pré-Conclave, e ele foi escolhido em apenas cinco votações – apenas um escrutínio a mais que no Conclave que elegeu Bento XVI, que já entrara como favorito (CAMAROTTI, 2013).

Quando anunciaram o nome Georgium Marium Bergoglio das janelas da galeria central de São Pedro, as pessoas não sabiam de quem se tratava e, a princípio, ficaram um pouco aturdidas. Pela primeira vez na História, um Pontífice aparecia vestido de branco, e não com a mozeta vermelha forrada de arminho ou a estola sobre os ombros – depois se saberia que ele não quis usar o traje real por não considerar adequado a um Papa chamado Francisco. A cruz peitoral era a mesma que Bergoglio

sempre trouxera consigo, de metal, não de ouro, e sem pedras preciosas. Torielli (2013, p.18) transcreve algumas das primeiras palavras de Francisco: “Vocês sabem que o dever do conclave é dar um bispo de Roma. Parece que meus irmãos cardeais foram buscá-lo quase no fim do mundo”. A partir dessa fala, o autor salienta que Francisco não se definiu Papa, mas lembrou primeiramente que é bispo de Roma, como João Paulo II também havia feito – o “papa é papa porque é bispo de Roma, e não o contrário [...]. É um bispo que fala a seus diocesanos antes que ao mundo” (TORNIELLI, 2013, p.18).

Então, ele pediu ao povo para ser abençoado. Um pedido completamente inédito, que punha como protagonistas os leigos em sua oração sobre o pastor. Uma vez terminada a cerimônia, não entrou no grande automóvel preto de placa SCV 1, quis ir no ônibus com os cardeais. Ele faria o mesmo no dia seguinte, após a sua primeira missa (TORNIELLI, 2013).

Conforme Camarotti (2013), a eleição do argentino surpreendeu o mundo. Foram três ineditismos de uma só vez: o primeiro Papa da América Latina; o primeiro Papa jesuíta; e o primeiro Papa a adotar o nome de São Francisco de Assis. Era um sinal explícito de que o Vaticano iniciaria um período de reformas.

A mudança de nome entre a comunidade religiosa é feita durante séculos e significa um ato de despojamento, a manifestação do desejo de se assumir uma nova forma de vida ou de missão. Na história do Papado, de um modo especial, ela tem sido reveladora, não no sentido de apenas homenagear ou recordar as virtudes de alguém, mas no de traçar os elementos caracterizantes de sua missão. Assim, o nome Francisco tem uma razão profunda na vida e na missão do Papa Bergoglio. Ele explicou a escolha dizendo que queria uma Igreja pobre para os pobres e, por isso, se baseou em São Francisco de Assis, um homem da paz (CAVACA, 2014).

Exatamente um mês depois de eleito, em 13 de abril, o Papa Francisco anunciou a criação de uma comissão com oito cardeais para aconselhá-lo na administração da Igreja e ajudar a promover uma reforma na Cúria Romana. Foi a primeira resposta do Papa às sugestões feitas pelos purpurados nas congregações pré-Conclave e o primeiro sinal de que o Papa decidiu descentralizar as decisões e adotar um governo colegiado. Para coordenar a comissão, escalou o cardeal de Honduras, Óscar Rodríguez Maradiaga. Além disso, nomeou um grupo de cardeais engajados no combate à pedofilia, como o alemão Reinhard Marx, arcebispo de Munique, e o americano Sean O’Malley, arcebispo de Boston (CAMAROTTI, 2013).

Cavaca (2014) avalia que Bergoglio se projetou na Igreja da Argentina muito mais como pastoralista do que como teólogo – embora não se possa negar sua boa base teórica de teologia. Ele não está preocupado com novidades eclesiológicas ou com citações de efeito. Sua eclesiologia, na verdade, que está de acordo com o Vaticano II e com a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, é uma atualização da tradição do primeiro milênio, que vê a Igreja basicamente como uma comunhão, e utiliza as intuições eclesiológicas do Povo de Deus, de abertura, enfoque aos pobres e identidade missionária. Desta forma, o atual Papa

[...] não apenas ensina, tem vontade de aprender; não se expressa com frieza de intelectual, partilha sentimentos e emoções; não se distancia dos ouvintes, aproxima-se, toca, abençoa; não usa gestos medidos, calculados, tensos, mas espontâneos, naturais, livres; não expressa nenhuma aura de poder, e sim uma simplicidade quase desconcertante para o uso do seu cargo na igreja. (WOLFF, 2014, p. 557)

Isso, por si só, já é uma novidade maior do que a sua nacionalidade. Segundo Wolff (2014), ele se distancia da postura de uma autoridade magisterial, burocrática, curial, e se manifesta desejoso de um encontro direto com as pessoas. Assim, propõe-se a um diálogo aberto com a sociedade do nosso tempo, as igrejas e as religiões. Não um diálogo de mão única, apenas para ensinar e doutrinar, como se a Igreja tivesse a última palavra para tudo. O Papa Francisco propõe um diálogo consequente, que exige humildade na compreensão da verdade, acolhida da verdade do outro, corresponsabilidade (WOLFF, 2014).

2.3 A RELAÇÃO ENTRE VATICANO E MÍDIA

Tendo em vista que o principal objetivo da Igreja Católica é evangelizar, a mídia se configura como importante canal de comunicação com a massa de fiéis e futuros fiéis. Porém, não foi sempre assim. A comunicação, obviamente, é essencial para a religião desde o princípio, mas, inicialmente, a Igreja Católica temeu a ascensão dos meios de comunicação de massa. Puntel (apud ANGELINI, 2014) lembra que, em 1487, Inocêncio VIII publicou o *Inter Multiplices*, no qual define o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los: “o Papa estava preocupado com a vida espiritual dos católicos e via no advento da imprensa uma

nova tecnologia que poderia ameaçar o controle eclesiástico da produção cultural do seu tempo” (PUNTEL apud ANGELINI, 2014, p. 22).

É nessa fase que, segundo Angelini (2014), a Igreja tenta manter a exclusividade da informação e cria a primeira forma de censura. No século XIX, com o Papa Leão XIII, a relação com a imprensa começa a mudar, e, em 1879, ele dá a primeira audiência coletiva concedida por um Pontífice a jornalistas (PUNTEL apud ANGELINI, 2014). Na primeira metade do século XIX, começaram a surgir jornais e revistas católicos, feitos por padres e leigos. No início, em comparação com as publicações liberais, Lenzenweger e outros (2006) apontam-nas como de segunda categoria, mas já um reconhecimento, por parte da Igreja, da importância da imprensa para a sociedade moderna.

Segundo Pessinatti (1998), o fenômeno religioso e o da comunicação têm histórias entrelaçadas, já que ambos trabalham com um importante elemento em comum: o simbólico, o imaginário. As instituições religiosas sempre se ocuparam de forma intensa com as estratégias de comunicação.

O fenômeno da comunicação, com todos os seus desdobramentos, coloca para a instituição religiosa questionamentos novos, valores ambivalentes, provocações que a mesma não pode ignorar ou ficar indiferente. Pois o próprio movimento da comunicação cobra e exige posicionamentos de instituições como a Igreja Católica (PESSINATTI, 1998, p. 26).

Lafont (2008) afirma que a reforma introduzida pelo Concílio Vaticano II foi, em primeiro lugar, uma reforma de linguagem. Ou seja, tratando da liturgia, isto é, desse espaço da vida da Igreja que se exprime pela linguagem figurada, a comunidade católica muda a forma como a palavra é dita em uma tentativa de se aproximar dos fiéis e reconquistá-los.

Hoje, a Igreja de Roma aproveita a constante cobertura dos meios de comunicação de massa para divulgar sua mensagem. É aí que o sucessor de Pedro faz contato com seus fiéis. Os veículos também demonstram interesse por essa divulgação porque sabem que estão tentando atingir mais de 1 bilhão de habitantes no planeta (ANGELINI, 2014).

No entanto, apesar da importância do Papado para a Igreja Católica e do seu papel proeminente nas questões internacionais, além do reconhecimento da comunicação como fator vital para a religião, as atividades internas do bispo de Roma são pouco conhecidas dos católicos, dos líderes mundiais ou do mundo em geral. Isso

se deve, em parte, pela natureza secreta do Vaticano, que vê pouca vantagem em deixar que as pessoas de fora conheçam suas operações internas e não tem convicção de que haveria respeito, pelo mundo externo, por seu funcionamento (REESE, 1999).

O Conclave é o principal momento em que a barreira entre o Vaticano e o mundo é perpassada. Golderos (2013) define esse momento como um espetáculo cada vez mais cobiçado pelos meios de comunicação e pelo grande público. A própria Igreja Católica, desejosa de um pouco de publicidade positiva, vê no ato de eleição do Papa uma maneira muito eficaz de se tornar o centro do mundo por alguns dias. “Nenhum outro ato em nível global é tão acompanhado quanto esse, nem mesmo a eleição do presidente dos Estados Unidos” (GOLDEROS, 2013).

Outro esforço de aproximação, que acaba também atraindo a atenção da imprensa, são as viagens internacionais. Angelini (2014) pondera que o contato direto de todos os fiéis com o Papa é impossível, mas que conseguir apertar a mão, tocar nas vestes do líder da Igreja ou participar de um evento onde ele está presente são ocasiões que já emocionam os fiéis, mesmo que estejam no meio de uma multidão. Os frames das imagens da TV e as fotos veiculadas na mídia mostram claramente o significado do valor de um simples gesto do Papa dirigido a uma única pessoa no meio de tantas outras – as imagens registram a importância do contato pessoal por excelência. E, claro, não basta estar com o Papa. O público, por sua vez, fotografa e documenta o fato para repercutir nas redes sociais utilizando os dispositivos móveis, o que completa a alegria de ter compartilhado um momento com o líder da Igreja. Assim,

[...] o gesto do Papa repercute para quem é muito próximo, para quem divulga a foto e serve como informação para quem não conhece. O mundo fica sabendo, rapidamente, que o Papa beijou uma criança ou recebeu um abraço dela. É o caso do menino que ofereceu um saco de batatinha para o Papa Francisco na Praça São Pedro, no Vaticano, no dia 16 de abril de 2014. (ANGELINI, 2014, p.20).

Atualmente, a Santa Sé dispõe de um aparato comunicacional composto pelo jornal L'Osservatore Romano, a Rádio Vaticano, o Centro Televisivo Vaticano, uma página na internet (com a seção “Sala de Imprensa” e com atendimento para credenciamento de jornalistas) e um assessor de comunicação, além da presença nas redes sociais, com a criação de uma conta no Twitter, desde o Papa Bento XVI, e um canal do Vaticano no Youtube (SIMON, 2013).

Os jornalistas credenciados na sala de imprensa da Santa Sé, ou *sala stampa*, em italiano, e que, portanto, transmitem informações sobre o Vaticano, são conhecidos como vaticanistas – assim como estudiosos especializados no assunto. O trabalho deles, opina Franco (2010), não é fácil: o profissional tem de desvendar novidades no meio de discursos hermenêuticos e simbólicos e descodificar a linguagem da Cúria em um ambiente de desconfiança. Do Brasil, Ilze Scamparini, correspondente internacional da TV Globo, e Gerson Camarotti, repórter especial da GloboNews, são os setoristas mais famosos.

Por outro lado, o papel dos vaticanistas é extremamente importante. Eles que irão alimentar, direta ou indiretamente, canais noticiosos do mundo todo, e é por meio deles que a sociedade pode ter um vislumbre do que acontece no Vaticano e de quem são as figuras emblemáticas dos Papados. Nestas notícias, estarão muitas vezes veiculadas as ideias apoiadas e refutadas pelos líderes católicos, que irão inspirar o montante de mais de um bilhão de seguidores pelo mundo, quem sabe aderir novos, e influenciar decisões políticas que afetam nações inteiras.

3 ANÁLISE DAS NARRATIVAS DO JORNALISMO

A vida em sociedade está repleta de narrativas. Elas podem ser sustentadas pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todos esses elementos, conforme sustenta Pinto (2008). Sob um amplo número de formas, estão presentes em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades, já que “a narrativa começa com a própria história da humanidade” e “não há em parte alguma povo algum sem narrativa” (PINTO, 2008, p.19).

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo em relatos. A partir dos enunciados narrativos, as pessoas são capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico, e, assim, compreender o mundo. Essa forma narrativa de contar, por sua vez, está impregnada pela narratividade, qualidade de descrever algo pela enunciação de estados de transformação. Ao estabelecer sequências de continuidade ou de descontinuidade, ela integra ações no passado, presente e futuro (MOTTA, 2007).

Squire (2014) define a narrativa como uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, que se movimentam temporalmente, causalmente ou de alguma outra forma socioculturalmente reconhecível, podendo operar em várias mídias. Ela deriva simplesmente da sucessão de signos, independentemente do sistema de símbolos ou da “matriz semiótica” em que esta sucessão ocorre. O essencial é que, nela, esse movimento tem um significado social, cultural e histórico reconhecível. Por exemplo: uma série numérica é uma progressão de signos, mas seu sentido primordial é matemático e não se encontra em âmbitos sociais, culturais ou históricos (SQUIRE, 2014).

Em última instância, sua importância está ancorada no processo universal de construção da realidade, ficcional ou fática. À teoria da narrativa e aos métodos e procedimentos empregados na análise das narrativas humanas, dá-se o nome de narratologia. Por ser tanto um campo de estudo quanto um método de análise das práticas culturais, foi abordado, neste capítulo, não somente a teoria, como também as escolhas metodológicas que darão forma a este trabalho.

Reis (2006) recorda que, no princípio, a narratologia, ainda não conceitualizada como tal, se resumia à análise estrutural da narrativa. Nesse estágio inicial, a edição

número oito da revista *Communications*, publicada em 1966 na França e justamente intitulada *Analyse structurale du récit* (“Análise estrutural da narrativa”), assumiu um protagonismo de renovação metodológica que logo ficou evidente. Entre os estudiosos que nela apareceram, estão Roland Barthes, Claude Bremond, Gérard Genette, A. J. Greimas, Tzvetan Todorov e Umberto Eco. Apesar de se basear na estrutura e nos estudos literários, e, por isso, ser uma abordagem estruturalista, a publicação já apontava em direções que os transcendiam, anunciando domínios de trabalho tão fecundos como diversificados: o cinema, o mito, o relato de imprensa, a narrativa policial e a publicidade (REIS, 2006).

Estudar a narrativa é compreender como os homens criam representações e apresentações do mundo. Representar, define Motta (2013), é colocar algo no lugar do outro, criar um símbolo que é tomado como o próprio outro. Moscovici (2003) afirma que as representações têm duas funções básicas: em primeiro lugar, elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram, dando-lhes uma forma definitiva e localizando-lhes em uma determinada categoria; em segundo lugar, elas são prescritivas, isto é, se impõe sobre as pessoas como uma força irresistível, porque a maneira de pensar e o que elas pensam depende de tais representações.

Cresceu nas últimas décadas a consciência de que a linguagem é a mediadora entre o homem e o mundo, mediadora das nossas experiências, do nosso conhecimento sobre a realidade, das representações que construímos, das sucessivas apresentações discursivas que fazemos dos fenômenos materiais e sociais, de que a linguagem é o veículo de instituição e constituição do mundo humano e a narrativa é sua principal forma expressiva (MOTTA, 2013, p.69).

Atualmente, graças à tecnologia e à possibilidade de transmitir uma mensagem instantânea e simultaneamente a milhares de interlocutores, a sociedade é cada vez menos testemunha direta ou ocular dos fatos de que toma conhecimento. As experiências de vida são cada vez mais mediadas, e as pessoas tomam cada vez mais contato com o mundo exterior através de representações discursivas da realidade, sendo a mídia ainda mais fundamental. Estudar as narrativas como representações sociais, portanto, pode ensinar muito sobre as maneiras pelas quais os homens constroem essas representações do mundo material e social, já que grande parte delas se estrutura na forma de narrativa (MOTTA, 2013).

É preciso analisar as narrativas porque cada um de nós (e nossa sociedade inteira) está recoberto por mantos superpostos de narrativas que refletem e condicionam nossas crenças e valores, nossa história e costumes, nossas leis e culturas. É preciso estudá-las, porque contá-las e recontá-las dá sentido à vida humana (MOTTA, 2013, p.62).

Maingueneau (2013) salienta que todo ato de enunciação é fundamentalmente assimétrico: a pessoa que o interpreta reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador. Compreender um enunciado, explica o autor, não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável. Isso faz com que o estudo das narrativas seja um trabalho complexo, e talvez justamente por isso mais excitante: o analista se propõe a esmiuçar seu objeto de estudo, de tal forma que abrace todas as possibilidades de significação, sendo nada mais do que um leitor extremamente atento. O entendimento de determinado enunciado é flexível, mas a construção da coerência narrativa faz com que ele se torne o mais eficaz possível.

Neste trabalho, adotou-se a visão conceitual e metodológica de Motta (2013), que trata a narratologia sob uma perspectiva que dá ênfase ao processo de comunicação narrativa, mais do que sobre a narrativa como obra fechada. Ou seja, o enunciado é o objeto a ser observado, mas ele é compreendido como um elo entre dois interlocutores que se envolvem em uma coconstrução narrativa do mundo, e seus componentes foram analisados para que se possa compreender o seu significado. O que interessa, então, é fazer inferências sobre essa coconstrução, mais do que somente estudar a composição da obra em si – que, por sua vez, foi referida como uma estratégia enunciativa que visa atrair, envolver e convencer o interlocutor. Desta forma, usou-se alguns conceitos linguísticos cunhados na abordagem estruturalista, berço dos estudos na área, mas o objetivo final estava no âmbito cultural e antropológico, na medida em que a análise remete à cultura da sociedade e não apenas às suas expressões ficcionais.

O que foi feito aqui, então, diz respeito a uma análise pragmática da narrativa jornalística, que consiste no estudo dos princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação. É, portanto, um procedimento metodológico que privilegia o uso da linguagem, mas que abarca aspectos que um estudo puramente gramatical ou linguístico não daria conta: noções como emissor (ou narrador), destinatário (ou

narratário), intenção comunicativa, contexto verbal e conhecimento de mundo compartilhado. Mesmo aspectos tipicamente gramaticais, como a ordem das palavras, a sequência dos episódios ou a escolha e inserção de personagens, estão determinados por fatores de tipo intencional, situacional e contextual. O texto é analisado como ponto de referência entre alguém que construiu argumentativamente sua expressão narrativa para induzir seu interlocutor a interpretar os fenômenos relatados conforme a sua intenção (MOTTA, 2013).

Os discursos⁸ narrativos midiáticos se constroem por meio de estratégias comunicativas. Sua organização, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produz certos efeitos, consciente ou inconscientemente desejados. Assim, a comunicação narrativa implica na competência e na utilização de recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas. O narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário (MOTTA, 2007).

Maingueneau (2013) ressalta que o discurso jornalístico é, de certa forma, antecipadamente legitimado, uma vez que foi o próprio leitor que o comprou. Mesmo no meio online, onde o conteúdo algumas vezes não é pago, o jornal procura apresentar-se como quem responde a demandas, explícitas ou não, dos leitores. Mesmo assim,

[...] jamais algo é dito ou contado de maneira neutra. Toda palavra e todo enunciado correspondem a uma dupla escolha fundadora: escolha do que é dito, escolha da maneira de dizer. Nesse tocante, toda palavra, todo enunciado e toda narrativa portam valores e intenções que os opõe potencialmente a outras palavras, outros enunciados e outras narrativas (REUTER, 2002, p.127-128).

O jornalismo é um exemplo de narrativa que pretende ser objetiva, e seus relatos tentam se aproximar do real. Seus narradores procuram provocar a falsa imagem de que os fatos falam por si mesmos. Todavia, mesmo se a narrativa trata de uma história verdadeira acontecida no mundo real, uma reportagem, uma biografia ou a descrição de um episódio histórico, por exemplo, ela é igualmente uma construção

⁸ O discurso, de acordo com Pinto (2008), é um exemplo empiricamente testado de linguagem constituído de vários enunciados. A comunicação narrativa pressupõe uma estratégia textual que infere na organização do discurso e que o estrutura na forma de sequências encadeadas (MOTTA, 2007). Todorov (2008) acredita que a obra literária é tanto história quanto discurso: existe um narrador que relata a história e, há diante, dele um leitor que a recebe. Nesta pesquisa, a narrativa jornalística é tratada da mesma forma.

discursiva sobre as coisas do mundo, uma versão entre tantas outras possíveis sobre os episódios ou pessoas reais. A prática jornalística está impregnada de subjetividades, mesmo quando faz um esforço para dessubjetivar-se (MOTTA, 2013).

Os relatos veiculados pela mídia exploram estrategicamente o fático e o imaginário buscando ganhar a adesão do ouvinte, telespectador ou internauta, procurando envolvê-lo e provocar certos efeitos de sentido. Exploram o fático para causar o efeito de real [a objetividade e a veracidade] e o fictício para causar efeitos emocionais [subjetividades, emocionalidades] (MOTTA, 2013, p.90-91).

Como a comunicação é uma atividade fundamentalmente cooperativa, o autor de um texto é obrigado a prever constantemente o tipo de competência de que dispõe seu destinatário para decifrá-lo. Quando se trata de um texto impresso para um grande número de leitores, o destinatário, antes de ser o público empírico – o conjunto de indivíduos que lerão efetivamente o texto –, é apenas uma espécie de imagem à qual o sujeito que escreve atribui algumas aptidões, o chamado leitor-modelo (MAINGUENEAU, 2013). De acordo com Motta (2013), os ouvintes e leitores de uma narrativa não captam apenas as sequências dos acontecimentos representados (a trama ou enredo). Captam também aspectos ocultos ou virtuais das personagens e das ações que requerem uma recriação das situações e comportamentos, da moral e da ética pressupostos ou sugeridos pelas histórias.

O desafio do analista para identificar o narrativo no texto fragmentado e muitas vezes inconcluso do jornalismo é muito maior porque o texto é objetivo e não tem a pretensão de encadear sequências integrais nem de compor uma intriga. O tempo, no relato jornalístico, é difuso e invertido – a história começa muitas vezes pelo final, quando o incidente é reportado, e só depois vêm as causas e os antecedentes. Entretanto, Motta (2013) defende que a lógica narrativa só se revelará nas notícias do dia a dia se for observado como elas lidam com o tempo e o organiza. Por isso, o autor propõe que se reconfigure os relatos como unidades temáticas, intrigas que contenham princípio, meio e fim de uma história única, unindo informações dispersas sobre um mesmo assunto, que podem estar separadas por intervalos de dias, semanas ou meses.

[...] a recorrente presença dos personagens, conflitos e cenários de um assunto nas páginas e telas confere a eles certa unidade e continuidade, e nos autoriza a unir as partes, recompor o acontecimento-intriga temático, como o leitor faz [...]. Os acontecimentos-intriga, oriundos do duro jornalismo do dia a dia caracterizam, a meu ver, a narrativa noticiosa por excelência, apagando a dura referencialidade e revelando uma poética jornalística (MOTTA, 2013, p. 98).

Em outras palavras, o procedimento de análise de reorganização das notícias em uma única narrativa pressupõe que é por meio desse processo de reunião das partes que o leitor constrói, mesmo que subconscientemente, a realidade imediata, o presente. Aquele que acompanha um determinado jornal diariamente faz a ligação entre uma notícia e outra sobre um mesmo assunto, até porque um acontecimento narrado em um veículo de comunicação poucas vezes já dispõe de um final propriamente dito. Ele vai sendo contado enquanto vai se desenrolando, o que pode durar dias, semanas ou meses. É importante destacar que a narrativa constitui-se como sentido não porque os fatos narrados sejam verdadeiros ou falsos, mas porque ela é constituída por uma estrutura interna de conexão que determina a sua configuração integral (MOTTA, 2013). Tendo dito isso, no presente estudo não se pretende verificar a veracidade dos fatos relatados, mas sim as estratégias comunicativas e o sentido construído por elas.

Mainqueneau (2013) considera que todo discurso respeita algumas leis, chamadas de leis do discurso: a) lei da pertinência – uma enunciação deve ser maximamente adequada ao contexto em que acontece, ou seja, deve interessar ao destinatário, fornecendo-lhe informações que modifiquem a situação; b) lei da sinceridade – para afirmar algo, deve-se estar em condições de garantir a verdade do que se diz e, para dar uma ordem, deve-se querer que a ordem seja obedecida; c) lei da informatividade – estipula que não se deve falar para não dizer nada, os enunciados devem fornecer informações novas ao destinatário; d) lei da exaustividade – o enunciador deve dar a informação máxima, considerando-se a situação. Há ainda as leis de modalidade, que preveem a clareza da enunciação e a economia (a formulação mais direta possível), mas que são relativas aos gêneros de discurso, pois não existe uma norma universal de clareza. Essas seis postulações, enfatiza o autor, permitem a transmissão de conteúdos implícitos, nos quais entram informações subentendidas (implícito que se evidencia pelo confronto do enunciado com o contexto de enunciação) e pressupostas (que vêm inscritas no enunciado).

Também é necessário levar em conta que há pelo menos três narradores ou vozes sobrepostos na comunicação jornalística. Em primeiro lugar, está o veículo, jornal, emissora, revista ou portal. Em segundo lugar, está o jornalista, os repórteres, editores, apresentadores e ilustradores. Em terceiro lugar, estão as personagens, vozes que se manifestam nas reportagens, quase sempre em confronto uma com a outra. No processo de enunciação, esses três narradores participam de uma negociação simbólica e política com os outros narradores pelo poder de voz (MOTTA, 2013).

A narrativa midiática é diferente da narrativa literária. Na análise da mídia, conforme Motta (2013), é preciso levar em conta a atitude e a posição do narrador, suas intencionalidades e estratégias, seu papel mediador, os efeitos de sentido possíveis e outros aspectos do processo integral da comunicação. Com isso em mente, a análise aqui presente baseou-se na identificação de três principais eixos: as estratégias comunicativas, os conflitos e, principalmente, o papel das personagens.

3.1 ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS

As narrativas podem ser estudadas em três instâncias expressivas: o plano da expressão (linguagem ou discurso), o plano da história (ou conteúdo) e o plano da metanarrativa (tema de fundo). Elas ocorrem de forma superposta umas às outras, e o sentido é deduzido de forma intuitiva e unitária. O plano da expressão é o da linguagem, o da superfície do texto, por meio do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador e onde serão identificadas estratégias comunicativas. É o plano do discurso propriamente dito e, na comunicação jornalística, observá-lo tem uma importância fundamental porque “a retórica escrita, visual ou sonora é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos, imprimir efeitos dramáticos de sentido” (MOTTA, 2013, p.136).

Maingueneau (2013) afirma que um enunciado não se assenta no absoluto, isto é, ele deve estar situado em relação a alguma coisa, e a linguagem humana tem como característica o princípio de que os enunciados tomam como ponto de referência o próprio acontecimento enunciativo do qual são o produto. Com efeito, o presente, o passado e o futuro são definidos em relação ao próprio momento da enunciação: é presente o que é validado no momento da enunciação; é passado aquilo que é

colocado como não sendo mais validado na situação de enunciação; e é futuro o que é colocado como ainda não sendo validado, mas que o será.

Algumas narrativas jornalísticas atuais, pontua Motta (2013), adquiriram o hábito pedagógico de situar a história contada por meio de *flashbacks* – a explicação dos antecedentes no final ou no meio da narrativa, algumas vezes em áreas intituladas “Para saber mais”, “Para conhecer os fatos”, “Entenda a notícia”. O uso de infográficos e tabelas também se enquadra nessa categoria, permitindo que se situe as causas, antecedentes e consequentes das ocorrências, construindo em parceria com o leitor o todo orgânico, o acontecimento-intriga⁹.

Entretanto, é também uma característica desse tipo de texto deixar lacunas, espaços vazios de sentidos que adiam o desenrolar da intriga para o dia seguinte, tanto porque nem sempre todas as informações estão disponíveis quanto porque interessa às vezes liberar as informações a conta-gotas, a fim de criar suspense e manter o público cativo (MOTTA, 2013). À função cronológica pela qual se operam a distensão e a compressão temporal presentes na narrativa dá-se o nome de catálise, de acordo com Gomes (2000).

Motta (2013) ainda destaca que, para definir os tempos da narrativa, é necessário observar o tempo dos verbos, os quais, por sua vez, podem indicar discursos (disse, falou, confessou etc.) ou realizações (matou, deu, votou etc.). O tempo pretérito perfeito do indicativo é o mais usado porque exprime uma certeza, um fato completamente acabado. O momento presente que tende para o futuro vem preferencialmente na voz passiva (está sendo construído, deverá ser publicado, poderá ser feito, por exemplo). O presente do indicativo, por fim, aparece também para indicar o futuro (o presidente chega amanhã, o documento sai na quinta-feira).

Gomes (2000) postula que é vetado falar em primeira pessoa na maior parte dos produtos jornalísticos porque eles organizam o campo social em nome de todos e não pode ser reiterado ou lembrado como individualista, uma vez que é a reafirmação da palavra consignada por todos e se posta como terceiro, vigiando o exercício do poder. É pela mesma razão que se nota a presença constante de sujeitos coletivos, como, por exemplo, a faculdade de medicina, a sociedade dos moradores de bairro ou o Brasil.

⁹ Motta (2013) chama de acontecimento-intriga a recomposição das notícias em uma nova síntese, já citada anteriormente, que cria um produto cultural novo e diferente e remete a uma antropologia da notícia, à compreensão da realidade imediata no transcurso cultural de uma sociedade.

Maingueneau (2013) explica que se chama embreagem o conjunto das operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação (referencial) e embreantes ou dêiticos os elementos que marcam essa embreagem no enunciado. Os dêiticos temporais são as marcas do passado, presente e futuro, normalmente tempos verbais e advérbios: ontem, amanhã, hoje, há dois dias, dentro de um ano etc. Os dêiticos espaciais referenciam o local da enunciação: aqui, lá, isto, isso, aquele etc. Os dêiticos de pessoa são os tradicionais pronomes: eu, tu/você, nós, meu, teu/seu etc. Eles têm um significado estável e caracterizam-se pelo fato de que seu referente é identificado em relação ao ambiente espaço-temporal de cada enunciação particular onde ele se encontra. Desta forma, pronomes que substituem um nome próprio, por exemplo, não são embreantes. Pode-se igualmente produzir um enunciado desprovido de dêiticos, como se estivesse isolado da situação de enunciação, a que se chama de enunciado não embreado (MAINGUENEAU, 2013).

Motta (2013) observa que outro recurso utilizado pelo jornalismo é a criação de relações hipotéticas, estados subjetivos de dúvida, de ressalvas, de suspensão temporária de definições, tanto em relação ao passado quanto ao futuro. Para isso, são usados o passado condicional (teria ocorrido) ou o futuro condicional (tudo leva a crer, há suspeita de que, pode ocorrer). A narrativa alterna então certezas absolutas com certezas hipotéticas e deixa em aberto algo que pode ou não ocorrer, que pode ou não ter ocorrido, estimulando a dúvida e a ambiguidade, gerando tensão e ansiedade e remetendo o pensamento do leitor para trás ou para frente, por adiantamento ou por adiamento. A fórmula “verbo poder + infinitivo de outro verbo” (pode ganhar, pode demitir) permite comunicar o porvir sem que o profissional se comprometa (MOTTA, 2013).

As notícias estão calcadas a todo momento por citações, entrevistas, fotografias e tabelas de porcentagem. Tratam-se de recursos que remetem ao real, são os elementos que compõem a verossimilhança e a plausibilidade. “No jornalismo o jogo da credibilidade se joga sobre o sucesso da referencialidade suposta” (GOMES, 2000, p. 30). Gritti (2008) distingue as fontes de informação jornalísticas entre informantes oficiais, que seriam as fontes autorizadas, os órgãos representativos e, como o próprio nome já sugere, oficiais, e informantes oficiosos, que seriam as declarações privadas ou os rumores. É interessante verificar de quem são as vozes que predominam no texto e seu uso estratégico. Motta (2013, p. 115) afirma que “as vozes que se manifestam precisam ser identificadas e medidas em termos de espaço

ou tempo, e relacionadas às estratégias discursivas dos atores sociais envolvidos no conflito noticiado”.

3.2 ESTRUTURA POR CONFLITOS

Ainda há, além do plano da expressão, o plano da história e o plano da metanarrativa. O plano da história é o plano virtual da significação, em que uma realidade referente é evocada pelo texto narrativo por meio de sequências de ações cronológicas e causais desempenhadas por personagens, estruturando uma intriga, enredo ou trama. Por fim, o plano da metanarrativa é o da estrutura profunda, mais abstrato, que evoca imaginários culturais. É onde temas ou motivos de cunho ético e moral integram as ações da história (MOTTA, 2013).

O plano da história será usado para identificar os acontecimentos da narrativa, os quais Barthes (2008) chama de funções. Suas unidades não têm todas a mesma importância. Algumas constituem verdadeiras articulações da narrativa, são ações que abrem, mantêm ou fecham uma alternativa consequente para o seguimento da história, inaugurando ou concluindo uma incerteza. Barthes (2008) designa-as como funções cardinais ou núcleos. São os momentos de risco da narrativa, e não se consegue suprimi-las sem alterar a história. Cabe ao analista identificá-las e separá-las das ações que apenas preenchem o espaço narrativo, fazendo ligações.

Motta (2013) baseia-se em Paul Ricoeur para pontuar que as ideias de princípio, meio e fim são efeitos da ordenação temporal da intriga, e que somente nela a ação tem contorno, limite, duração temporal (mais lógica que cronológica), porque a intriga é o elo entre a ética (o mundo real) e a estética (mundo imaginário). A lógica da narrativa estaria, então, na conexão de uma ação ou sequência por causa da outra, no encadeamento lógico, verossímil, possível, e não uma depois da outra. É no drama, na qualidade dos incidentes destruidores e dolorosos para as personagens, nas inversões que a resposta emocional do leitor é construída. A inversão, salienta Ricoeur (apud MOTTA, 2013), está à espera, à espreita, mas é criada pela intriga. Para ele, essa lógica dramática é aplicada a qualquer narrativa, e não apenas à narrativa ficcional: qualquer história trata de estados de mudança, para melhor ou para pior.

A concepção estruturalista da análise da narrativa pressupõe que todas as narrativas têm características em comum e tenta encaixá-las em um mesmo modelo

básico, mais simples ou mais complexo dependendo do autor e composto por diferentes nomenclaturas. Foi usada, neste trabalho, a sequência-tipo cunhada por Barthes (2008), que consiste em três ciclos semanticamente coesos: a) perturbação; b) transformação; c) resolução.

A partir de um incidente, os espectadores são tomados de perguntas referentes a possíveis consequências – “o que vai acontecer?” ou “qual vai ser a reação da personagem?” –, que se transformam em motivações para o público continuar consumindo a narrativa. O clímax não está nos fatos reais, mas na narrativa que é criada a respeito deles. Paralelamente, o conflito dramático é o frame cognitivo, o enquadramento, a perspectiva ou o ponto de vista, por meio do qual o narrador organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar. Sua face mais exposta costuma estar na conduta ou nas motivações, em torno de objetivos ou de percepções antagônicas. Há sempre pelo menos dois lados em confronto em qualquer relato, interesses contraditórios, algo que se rompe a partir de algum equilíbrio ou alguma estabilidade anterior que se interrompe e gera tensão (MOTTA, 2013).

O conflito (de interesses, de posições) enquanto um frame cognitivo estrutura o enredo da narrativa jornalística, torna os acontecimentos isolados em histórias compreensíveis. Colocando continuamente atores uns contra os outros, o narrador-jornal tece as intrigas, promove o conflito que necessita estimular para manter a narrativa jornalística sempre “aquecida” e atraente para o destinatário (MOTTA; GUAZINA, 2010, p.137).

O conflito, portanto, enquadra a realidade no relato jornalístico. Traquina (2007 apud MOTTA; GUAZINA, 2010) diz que os jornalistas têm o hábito de ver o mundo de maneira bipolar, isto é, através de polos opostos do tipo “bem x mal” ou “pró x contra”. Conforme o autor, a objetividade, a rapidez e a vontade de simplificar a realidade contribuem para essa visão bipolarizada. Isso levaria os jornalistas a dramatizar naturalmente o relato dos fatos e a desenvolver a retórica do conflito, a oposição entre ideias e fontes.

3.3 AS PERSONAGENS

Toda história é história de personagens, tendo em vista que elas têm um papel essencial na organização de qualquer narrativa. Elas permitem as ações, vivem-nas, assumem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido. Mais que isso: a personagem é

um dos elementos-chave da projeção e da identificação dos leitores, um dos suportes essenciais do investimento ideológico e psicológico dos autores e dos seus públicos (REUTER, 2002).

Aristóteles foi um dos primeiros autores a levantar a questão da personagem, em 1895, em *Poética*. Ao discutir as manifestações da poesia lírica, épica e dramática, o pensador grego criou o conceito de mimesis, que diz respeito à semelhança existente entre personagem e pessoa. Na obra, Aristóteles abordou a personagem como reflexo da pessoa humana e tratou-a como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto. Essas postulações podem ser usadas para uma conceitualização da personagem: um ente composto pelo poeta (ou, no caso, qualquer escritor) a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação (BRAIT, 1985).

Na análise pragmática indicada por Motta (2013), as personagens são consideradas escolhas do projeto dramático de um sujeito narrador que faz opções argumentativas todo o tempo, procurando envolver o destinatário. É o narrador que cria premeditada e intencionalmente, então, tudo que se passa na personagem e com a personagem, em função de uma estratégia narrativa. É ele quem a faz mover-se pela história, que a transforma em um sujeito simpático ou antipático, impõe força, ciladas, conquistas e derrotas a ela. O que interessa, defende o autor, é identificar as razões estratégicas pelas quais a personagem tem esta ou aquela qualidade ou defeito e porque age desta ou daquela maneira na história. Os processos de identificação do receptor com as personagens são resultado da premeditada enunciação do narrador. “Penso que essas identificações ocorrem porque o narrador, consciente ou inconscientemente, visa produzi-las no receptor” (MOTTA, 2013, p.176).

O entendimento da personagem como uma imitação do real contribuiu para a confusão, existente até hoje, entre o ser vivo e o ser ficcional. As personagens representam pessoas, mesmo na ficção, mas elas não existem fora das palavras. Brait (1985) aponta que a perspectiva dos formalistas¹⁰, no século XX, foi essencial à

¹⁰ A contribuição decisiva para esse estudo da personagem desvinculada das relações com o ser humano aparece com a publicação da obra *Morfologia skazki* (Morfologia do conto), em 1928, onde o formalista russo Wladimir Y. Propp (1895-1970) dedica um longo estudo ao conto fantástico russo, explicitando a dimensão da personagem sob o ângulo de sua funcionalidade no sistema

análise das personagens, pois proporcionou que sua concepção se desprendesse das muletas de suas relações com o ser humano e passasse a ser encarada como um ser de linguagem, ganhando uma fisionomia própria.

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a 'vida' desses seres de ficção. E somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habitado pelas personagens, que poderemos, se útil e se necessário, vasculhar a existência da personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto (BRAIT, 1985, p.12).

A personagem é, portanto, uma figura central da narrativa, é o eixo do conflito, em torno do qual gira toda a intriga. Na narratologia moderna, a personagem passou a estar indissociavelmente vinculada a sua ação. Tomada como categoria dramática central, abre, então, um caminho muito mais vasto que somente a sua categorização ou correferências. É, pois, natural que o estudo de qualquer narrativa a ponha em um lugar de destaque (MOTTA, 2013). No presente trabalho, as personagens Papa Bento XVI e Papa Francisco serão tratadas como pilar da narrativa, o foco da análise. As funções e conflitos serão identificados somente para uma melhor compreensão desses papéis, e não o contrário.

Reuter (2002) propõe que se utilize as seis categorias de critérios cunhadas por Philippe Hamon para distinguir e hierarquizar personagens, por meio do fazer (ações), do ser, de sua posição em determinado gênero e de como ela é designada pelo narrador. Serão aproveitadas, neste estudo, cinco delas, tendo em vista que a pré-designação convencional (marcas genéricas tradicionais, status) de ambas personagens que serão analisadas é a mesma: Papa. Assim sendo, as classificações que achamos pertinentes para este trabalho são:

- a) qualificação diferencial – concerne à natureza e quantidade de qualificações atribuídas às personagens, já que cada uma é descrita de maneira diferente, sendo mais ou menos caracterizada física, psicológica e socialmente;
- b) funcionalidade diferencial – diz respeito ao fazer das personagens, seu papel na ação, sendo mais ou menos importante, obtendo ou não sucesso;

verbal compreendido pela narrativa (BRAIT, 1985). O formalismo influenciaria, mais tarde, o estruturalismo, já abordado aqui, na análise literária.

- c) distribuição diferencial – concerne às dimensões quantitativa e estratégica da aparição das personagens, utilizadas mais ou menos frequentemente, por mais ou menos tempo, com um efeito mais ou menos importante;
- d) autonomia diferencial – combinação das personagens entre elas, ou seja, quanto mais importante, ela aparece mais vezes sozinha, mas também tem uma relação com um maior número de outras personagens;
- e) comentário explícito – portador de avaliações, diz respeito ao discurso do narrador a propósito da personagem, podendo ser mais ou menos abundante e distintivo.

Brait (1985) cita a categorização de Forster, pela qual as personagens, flagradas no sistema que é a obra, podem ser denominadas planas ou redondas. As personagens planas são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Normalmente definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor. As personagens classificadas como redondas, por sua vez, são aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano.

O uso de designantes das personagens, como os nomes próprios, os identificadores de cargos ou funções e as correferências (competência para realizar certas ações ou declarar tal coisa), é usado pelo narrador para produzir efeitos de real, para referenciar as personagens. Essas constantes referências remetem às características e competências da personagem, à sua autoridade, ao seu ser e fazer. “O narrador mantém o comando, é ele sempre quem produz as personagens, mesmo nas narrativas realistas como a do jornalismo e da historiografia” (MOTTA, 2013, p.187). Assim, o narrador imprime tonalidades de solidariedade, afastamento, aproximação ou estigmatização diversas e que vão implicar interpretações diferenciadas. A respeito disso, o analista deve procurar relacionar as artimanhas do narrador com as possíveis interpretações por parte dos leitores.

Reuter (2002) pontua que as falas são muitas vezes usadas como se fossem diretamente pronunciadas e reproduzidas, sem alteração ou mediação. O efeito do real é então reforçado no caso das falas, pois a linguagem, quando textualizada, parece sofrer transformações menores que as ações.

Toda narrativa constrói um universo (de modo realista ou não) e tenta torná-lo verossímil. Isso exige que o narrador e as personagens falem, argumentem, expliquem, situem esse mundo e vivenciem comportamentos humanos (REUTER, 2002, p.133).

As personagens jornalísticas costumam ser fortemente individualizadas e se transformam frequentemente no eixo das histórias. Sua análise é um caso singular porque a pessoa existe e há uma passagem entre esse ser real à figura de papel. No entanto, mesmo nas notícias, as personagens não são pessoas reais, e sim elementos do discurso, representações das pessoas. Como nenhuma história pode ser contada na íntegra, o discurso não traduz a realidade, mas conta uma versão dela. O analista, portanto, não vai estudar quem é a pessoa na vida real, sua biografia, e sim colocar seu foco em quem ela é e no que ela faz como figura construída, levando em conta indicadores linguísticos. Dependendo dos estímulos do texto, a imagem da pessoa física esvaece no ato de leitura e se confunde com pessoas-tipo: o herói, o vilão, o príncipe, o sapo etc. (MOTTA, 2013).

Dependendo das pistas deixadas no texto da história narrada, a identificação (ou rejeição) se dará com as qualidades já presentes nos estereótipos e no imaginário em torno dessa figura [...]. Ao analista interessa verificar pistas do texto que indicam como a audiência se apropriará desta personagem enquanto herói (melhor que nós) ou vilão (pior que nós). [...] assim a realidade que pressupomos verdadeira é continuamente construída (MOTTA, 2013, 191-192).

A realidade é cada vez mais um discurso de segunda ordem, produto dos discursos que incessantemente sobre ela são feitos. O objeto de análise é então a versão e não a história, mas a versão é a própria história, na medida em que esta vai sendo construída por aquela. Motta (2013) cita Mesquita para trazer à tona a ideia de que a pessoa real é sempre irreduzível às narrativas que se contam a seu respeito. Contudo, dessa pessoa sabemos apenas a personagem que a mídia constrói: os receptores do jornalismo conhecem as figuras públicas e do espetáculo através de fragmentos veiculados pelo jornalismo.

4 OS PAPAS BENTO XVI E FRANCISCO NA ZERO HORA

A fim de delinear como os Papas Bento XVI e Francisco são representados pela Zero Hora, foram analisados os textos do jornal que os têm como protagonistas, por meio da narratologia. Partindo do pressuposto de que o texto jornalístico é uma narrativa e que ambas figuras estão inseridas nesse universo, elas se tornam, conseqüentemente, personagens.

Para elucidar o problema de pesquisa, foram estudados esses elementos textuais que dizem respeito a pessoas de carne e osso, mas que existem de forma independente no papel, na medida em que todo discurso é criado com base em escolhas, e sua produção também é refém de limitações, fazendo com que ele não seja um espelho da realidade. Desta forma, a representação tem vida própria, e, levando em conta que um número restrito de pessoas efetivamente conhece os Papas, é principalmente a partir da construção que a mídia faz dessas personagens que o público toma conhecimento sobre quem eles são.

Não é um objetivo, portanto, investigar o quão verídicas são as narrativas – o que seria praticamente impossível de fazer, tendo em vista que a pesquisadora também não participou dos eventos relatados e que, por esse distanciamento, toda comparação seria feita com base em outras narrativas e outras representações. A preocupação é a de verificar quem são as personagens Bento XVI e Francisco nos textos jornalísticos da Zero Hora, partindo do pressuposto de que eles são produzidos por um veículo midiático e que interferem na visão de mundo dos seus leitores, para os quais eles são destinados.

O que deve ser observado, então, como defende o principal autor cujas ideias embasam esta pesquisa, Motta (2013), não são os fatos históricos externos à narrativa, mas sim o discurso narrativo como fato histórico em si mesmo, que em certa medida engloba o externo. Toda a análise deste trabalho fundamenta-se essencialmente nas proposições metodológicas desse pesquisador, que aplica a narratologia ao jornalismo. Ele defende que a narrativa jornalística não deve ser tratada como a narrativa literária e que aquela deve ser examinada levando-se em conta que há um veículo midiático por trás do produto, assim como um público massivo que se sente informado dele. Para analisar os aspectos de produção, então, estão sendo usadas, como complemento, algumas postulações da Análise da Cobertura Jornalística, sugerida por Silva e Maia (2011).

Essas pesquisadoras, assim como Motta (2013), são contrárias às diretrizes do modelo fragmentário de processo jornalístico, no qual produção, produto e recepção são tomados como categorias estanques. Por isso, elas também acreditam ser possível construir inferências sobre a produção jornalística a partir do produto, com o diferencial de propor um protocolo metodológico claro e prático para tanto. Todavia, como o processo de elaboração da notícia não é o principal foco deste estudo, não estão sendo aproveitadas todas as orientações da Análise da Cobertura Jornalística – somente as que tratam das marcas da apuração (quem assinou e procedência do texto) e da composição do produto (destaque do texto no veículo).

Operacionalmente, desta forma, foi aplicado um novo protocolo, criado com base nas recomendações de Motta (2013) e Silva e Maia (2011):

- a) Verificar em quantos textos jornalísticos as personagens Bento XVI e Francisco apareceram nos períodos propostos. Depois de exposto o número total, seguiram adiante, para a análise, somente textos dos gêneros notícia e reportagem que têm os Papas como figuras centrais (entrevistas pingue-pongue¹¹, crônicas, notas, infográficos e artigos foram descartados).
- b) Preencher uma ficha para cada texto, contendo data de publicação, página, título, autor/procedência, resumo, área ocupada na página e se gerou chamada de capa ou de contracapa. Nela, foi feito um exame individual de cada texto, para identificar as estratégias textuais (estéticas, de aproximação da realidade e vozes presentes no discurso) e a apresentação de cada personagem – avaliadas por meio da qualificação e da distribuição diferenciais e do comentário explícito, como sugere Reuter (2002).
- c) Posteriormente, agrupar os textos em dois acontecimentos-intriga, conforme Motta (2013). O primeiro reuniu as publicações de uma semana antes e uma semana depois da eleição de Joseph Ratzinger, enquanto o segundo tratou do mesmo período que envolve a eleição de Jorge Mario Bergoglio. Desta forma, foi possível identificar os conflitos essenciais da trama, ou seja, os núcleos e, a partir disso, verificar como as personagens se comportam: se são ativas ou passivas, se obtêm sucesso ou não, se são independentes – funcionalidade e autonomia diferenciais, segundo Reuter (2002) – e se são planas ou redondas.

¹¹ De acordo com Silva (2007), gênero que simula a entrevista face a face, em que uma resposta do entrevistado motiva outra pergunta do jornalista.

A análise deteve-se, principalmente, nos itens que envolvem as personagens e como elas são inseridas na narrativa, foco desta pesquisa. Antes de começar a análise, porém, é pertinente uma apresentação do objeto de estudo e da amostragem.

4.1 ZERO HORA E OS SELECIONADOS

Atualmente, o maior jornal impresso do Rio Grande do Sul, com circulação mensal de 184.566 exemplares, Zero Hora foi fundada em 4 de maio de 1964. Faz parte do Grupo RBS, líder na área de comunicação gaúcha e catarinense, que engloba mais sete jornais impressos (Diário Gaúcho, Diário de Santa Maria, Pioneiro, Diário Catarinense, Hora de Santa Catarina, Jornal de Santa Catarina e A Notícia), dois canais de televisão (RBS TV e TVCOM), oito emissoras de rádio (Rádio Gaúcha, Atlântida, Itapema, Cidade, Farroupilha, CBN Porto Alegre, CBN Diário e Rádio Rural) e um portal de notícias (o ClicRBS), além dos sites de cada veículo anteriormente citado (GRUPO RBS, 2015).

O layout do jornal mudou diversas vezes (com alteração do logo nas décadas de 1960, 1970, 1980, 1990 e em 2014). Em 1996, tanto a produção quanto a edição passaram a ser totalmente digitais. Em 2007, foi criado o site zerohora.com, que começou a ter conteúdo cobrado em 2012. Ao completar 50 anos, em 2014, a Zero Hora passou por uma profunda reformulação editorial, gráfica e de marca. Mudanças na paleta de cores e na tipografia, maior espaço para arte, ilustração e infografia, novos colunistas, cadernos reformulados e mais enfoque em vídeos e recursos online, que complementam as notícias impressas, fizeram parte da transformação (GRUPO RBS, 2015). Outra diferença do novo formato são as editorias. Antes, o conteúdo era publicado nas categorias Geral, Polícia, Mundo, Política, Economia, Esportes e Segundo Caderno. Agora, em Notícias, Sua Vida, Esportes e 2º Caderno.

A amostragem foi constituída por notícias e reportagens sobre os Papas Bento XVI e Francisco, publicadas em 30 dias, nos períodos de 12 a 26 de abril de 2005 e de 6 a 20 de março de 2013 (uma semana antes e uma semana depois da eleição de cada Pontífice, respectivamente). Após uma primeira indicação de quantas vezes o jornal Zero Hora citou os Papas Bento XVI e Francisco neste período, foram segregadas e selecionadas somente notícias e reportagens que os tinham como foco principal. Com o objetivo de estudar textos informativos com desenvolvimento cronológico de narrativa, não foram levados em conta imagens, notas, entrevistas,

artigos opinativos, colunas, editoriais e infográficos. O material que apenas mencionava os religiosos ou que, mesmo os tendo como motivação, abordava outros temas ou pessoas (como conteúdos de caráter turístico sobre as cidades natais de ambos ou perfis de diversos gaúchos de nome Bento) tampouco foi considerado. As chamadas na capa ou na contracapa que tratavam dos Papas foram indicadas, por ser um lugar de prestígio e chamar a atenção do leitor, mas não se deteve em um estudo de suas estruturas, somente dos textos que deram origem a elas.

Dentre o grupo de notícias e reportagens sobre os Papas publicados neste período, foi sorteado 1/3 do material correspondente à semana anterior à escolha de cada Papa e 1/3 à semana posterior. Cada texto foi numerado, e um sorteio virtual, realizado por meio do site Sorteador (2015) delimitou a amostragem que constituiria a análise.

Todo o material foi conseguido por meio do Networked Interactive Content Access (NICA), software usado pela Zero Hora para disponibilizar todas as páginas do jornal impresso em PDF. Nele, para pesquisar as publicações que interessaram a este trabalho, foram usadas as palavras-chave “Papa Bento XVI”, “Joseph Ratzinger”, “Papa Francisco” e “Jorge Mario Bergoglio” e os períodos anteriormente citados.

4.2 BENTO XVI NA ZERO HORA

Os nomes Joseph Ratzinger e Bento XVI foram citados em 97 páginas da Zero Hora entre o período de 12 a 26 de abril de 2005. Antes de o Conclave ser realizado, em 19 de abril de 2005, o cardeal já aparecia bastante: ele era o decano do Colégio Cardinalício, e, por isso, regeu a missa em homenagem à morte de João Paulo II, figurava a lista de prováveis escolhidos desde que se começou a especular e presidiu a homília que deu início ao Conclave, em 18 de abril.

De 12 a 18 de abril de 2005, três notícias que tinham Ratzinger como figura central foram publicadas e, seguindo o critério de seleção de 1/3 do material, apenas uma foi sorteada. De 19 a 26 de abril de 2005, o Papa protagonizou 46 textos, sendo que 15 deles¹² foram selecionados para análise. Os textos originais encontram-se em anexo.

¹² Números que não eram múltiplos de três obtiveram um resultado quebrado na divisão e, portanto, foram arredondados. Aqueles com a primeira casa depois da vírgula abaixo de 5 foram arredondados para baixo, enquanto aqueles com a primeira casa depois da vírgula acima de 5, para cima.

Quadro 1 – Notícia de 15 de abril de 2005

Data de publicação	15/4/2005
Página	24
Título	Disputa entre favoritos pode beneficiar gaúcho
Autor/procedência	Rodrigo Lopes, enviado especial/Vaticano.
Resumo	O italiano Carlo Maria Martini tornou-se o principal concorrente de Joseph Ratzinger. Se os cardeais eleitores não entrassem em consenso, um terceiro nome, como o do brasileiro Cláudio Hummes, poderia aparecer na disputa.
Tamanho	Página inteira.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>A notícia gira em torno de e já começa com uma possibilidade: a disputa entre Ratzinger e Martini “pode favorecer indiretamente o gaúcho dom Cláudio Hummes”. Há uma presença forte do futuro do pretérito tanto para travestir opinião de informação (Martini “seria o mais capacitado para enfrentar Ratzinger”), como para indicar o que irá acontecer como possibilidade e não como certeza, resguardando o jornalista (“atrairia os votos dos italianos”, “tenderiam a buscar um nome aceitável, fora dos dois blocos”, “os italianos teriam preferência por um latino”). No entanto, o texto não segue essa estratégia na frase “É neste contexto que dom Cláudio ganha preferência”, que, com o verbo no presente, apresenta uma suposição como certeza absoluta. O presente também é usado para explicar quem são as figuras citadas na publicação e, tendendo para o futuro, para informar o que vai ocorrer “completa 78 anos amanhã”, além do pretérito perfeito (“Martini despontou ontem”, “publicou que os dois cardeais”, “as especulações esquentaram ontem”). Os dêiticos temporais “na semana passada”, “ontem” e “amanhã” situam a narrativa e mostram que ela relata fatos de cerca de uma semana. A oração subordinada adverbial “depois que ele passou a ocupar o secretariado do Sínodo dos Bispos” sugere que o texto abrange um espaço ainda maior de tempo que, no entanto, não é especificado.</p> <p>As vozes presentes no texto são: o jornal italiano La Repubblica (sujeito coletivo); Luigi Accatoli, um dos vaticanistas do Corriere della Sera, responsável por uma publicação usada como fonte para a notícia; e “um dos quatro cardeais brasileiros com direito a voto no conclave”, cujo nome não é divulgado, mas que permitiu o uso de uma</p>

	citação direta, o que dá mais credibilidade aos fatos narrados.
Caracterização da personagem	A frase “até então apontado como favorito” dá a impressão que Ratzinger não é mais o favorito, que a corrida ficou mais acirrada. Conforme a notícia, o cardeal alemão “personifica o rigor doutrinal e a tradição eclesiástica”, é “ultraconservador” e “um dos mais poderosos cardeais do Vaticano” e “dirige a Congregação para a Doutrina da Fé, órgão ortodoxo e antigo Tribunal da Inquisição”. Usando o jornal La Repubblica como base, afirma que ele tem “pouca capacidade de gestão” e que cardeais americanos e alemães “temem que o cardeal seja fraco e deixe todo o poder nas mãos da Cúria Romana”. A afirmação “a ideia de um Papa de transição denotaria falta de coragem e levaria a Igreja a um estancamento, como nos últimos cinco anos de pontificado – mas sem a intuição nem os gestos de João Paulo II” sugere que Ratzinger seria: a) um Papa de transição, sem posições fortes, capazes de transformar a Igreja; b) menos carismático que João Paulo II. Por fim, o texto sugere que, por ser velho, seu pontificado não seria “muito longo”.

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 2 – Notícia de 20 de abril de 2005

Data de publicação	20/4/2005
Página	4
Título	Sob a bênção de Bento
Autor/procedência	Rodrigo Lopes, enviado especial/Vaticano.
Resumo	Joseph Ratzinger foi eleito Papa.
Tamanho	Página inteira.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	Neste texto, está presente um tempo verbal não muito comum no jornalismo: o pretérito imperfeito (“A fumaça branca começava a ganhar o céu”, “O filete, inicialmente escuro, causava confusão”, “à medida que ela clareava, aumentavam os gritos”, “o 265º papa, sucessor de João Paulo II, estava eleito”). Normalmente usado para indicar algo que ocorria em uma época e hoje não acontece mais, aqui toma lugar do pretérito perfeito (algo que ocorreu), o que faz com que cada relato se arraste no espaço temporal da narrativa, como se durasse mais, além de aproximar o narrador, o qual parece estar descrevendo a cena em detalhes, do acontecimento.

	<p>Este recurso é usado bastante na literatura e, por isso, concede um ar literário à notícia.</p> <p>Também há verbos e expressões de impacto que prendem a atenção do leitor como “nova era”, “irrompeu”, “emudeceu”, “ecoou” e “todo o mundo católico”. O acontecimento é descrito detalhadamente (“Às 17h45min”, “Qualquer aplauso vindo de um canto da praça despertava a atenção”), com a presença de adjetivos (“o céu cinzento”, “em um dos momentos mais bonitos da festa”, “nos olhos tensos dos fiéis”, “uma solitária bandeira alemã” e “segundo mais breve Conclave da História”).</p> <p>Tudo é contado com base na observação do narrador, que acaba sendo a principal voz da notícia. Há duas citações, uma de Ratzinger e outra dos fiéis, ouvidas pelo jornalista no momento da eleição.</p> <p>“No sábado”, “dois dias”, “na segunda-feira” e “hoje” (um dêitico temporal) estruturam a narrativa em cinco dias.</p>
<p>Caracterização da personagem</p>	<p>Uma das primeiras caracterizações diz respeito à proximidade do escolhido com João Paulo II, Papa que era adorado pela comunidade católica: “um dos melhores amigos do papa polonês – e herdeiro de sua ortodoxia”. Ao relatar o momento em que Ratzinger apareceu para a multidão, a notícia apresenta uma dualidade importante. “O normalmente sisudo cardeal alemão Joseph Ratzinger, favorito antes e depois do conclave, aparecia finalmente no balcão da Basílica de São Pedro com o sorriso de Bento XVI”. O carrancudo Joseph Ratzinger dá lugar, neste momento, ao sorridente Bento XVI.</p> <p>A partir do momento em que ele se torna Papa, a caracterização da personagem é mais humana e simpática: “emocionado e nervoso”, “Seus olhos demonstravam que ele dormiu pouco nos últimos dias”, “pastor recém-chegado”, “um velho conhecido”, chamando a multidão de “rebanho” e “seu povo”.</p> <p>Nas poucas linhas do primeiro discurso de Ratzinger que aparecem no texto, ele próprio se classifica como “um simples, humilde trabalhador da vinha do Senhor”. Sobre a escolha e a bênção do alemão, a notícia afirma que eram “um misto de emoção e relaxar de músculos”.</p> <p>No final da notícia, porém, ao tratar do antigo Ratzinger, que comandava a Congregação para a Doutrina da Fé, há a informação de que ele “manteve a Igreja na linha conservadora”.</p>

Quadro 3 – Notícia de 20 de abril de 2005

Data de publicação	20/4/2005
Página	6
Título	Vigilante da fé chega ao trono
Autor/procedência	Moisés Mendes/Não é indicado.
Resumo	História de Joseph Ratzinger.
Tamanho	Página inteira.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>O segundo parágrafo do texto, apresentado em negrito, prende a atenção do leitor com uma dúvida, cujos desenvolvimento e explicação são trabalhados no decorrer da notícia, mas cuja resposta só se terá em semanas, meses ou quem sabe anos depois, com o desenrolar do pontificado de Bento XVI: “Quanto da fama de inflexível e sombrio, trazida até então pelo cardeal Joseph Ratzinger, terá sobrevivido à aparição que o mostrou ao mundo como novo comandante da Igreja?”. No geral, o texto conta a história de Ratzinger, em uma tentativa de explicar porque o mundo via-o como inflexível. Essa trajetória, que aborda a vida do alemão desde os 30 anos de idade, é interrompida por uma outra frase geradora de suspense: “Ratzinger é agora desafiado a provar que pode ser tão bom papa quanto foi administrador dos princípios da Igreja”. Fica em aberto, para os leitores, se ele irá conseguir, quase como um “leia no próximo capítulo”.</p> <p>O bispo gaúcho dom Gílio Felício é a única fonte externa explícita da notícia, sendo o autor das citações diretas sobre o Papa: “um homem extremamente delicado no trato pessoal” e “A imagem de alguém inflexível desaparece quando se conversa com ele”.</p>
Caracterização da personagem	<p>Com um título que já apresenta uma importante caracterização: “vigilante da fé”, reiterando a imagem de fiscalizador de questões doutrinárias, o texto contém a mesma dualidade entre as figuras Joseph Ratzinger e Bento XVI que o anterior, com o seguinte primeiro parágrafo: “O homem que apareceu sorrindo e acenando para o povo da sacada do Palácio Apostólico [...] construiu durante décadas a imagem de carrancudo. Mas quem se apresentava ali, diante dos fiéis, [...] era o simpático Bento XVI”. Temos, então, já no início, um Ratzinger carrancudo contra um Bento XVI simpático. Expressões que ajudam a construir a definição daquele: “fama de inflexível e sombrio”, “cara impermeável da Igreja”, “poderoso síndico da Igreja” (assim consagrado</p>

	<p>popularmente, mas com o complemento de que “foi bem mais do que isso”), “guardião dos dogmas do catolicismo”, “um de seus mais brilhantes teólogos”, “controlador da fé católica”, “mais antigo dos cardeais”, “religioso vocacionado para o poder”, “Precoce”, “teólogo com talento acima da média”, “combatente do comunismo”, “perfil conservador”, “de pouca fala”, “tímido”, “o homem do Vaticano que dizia não”.</p> <p>Desta vez, a notícia dedica-se ainda a explicar porque Ratzinger tinha a fama de rígido, apresentando-o de forma mais positiva: a reputação só foi construída, segundo o texto, porque ele “se dedicou com afinco a suas atribuições. Sempre dormiu pouco, sempre exaltou as virtudes da prece, sempre estudou muito”.</p> <p>Ainda há uma segunda dualidade, a da personalidade de João Paulo II em comparação com a de Bento XVI – “O papa polonês gostava da tarefa de propagar suas ideias, das viagens, dos contatos com o povo. Ratzinger cuidava da formulação dos argumentos. Recluso, escrevia, articulava, aparecia pouco”. A proximidade de ambos também é evidenciada em “A cumplicidade que estabeleceram os tornou inseparáveis”.</p> <p>Por fim, a terceira e última dualidade: a “face mais dura” e a “face suave” de Ratzinger.</p>
--	---

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 4 – Notícia de 20 de abril de 2005

Data de publicação	20/4/2005
Página	7
Título	Futuro papa viveu pesadelo nazista
Autor/procedência	Não é indicado.
Resumo	Joseph Ratzinger serviu na Juventude Hitlerista e no exército.
Tamanho	Página inteira
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>Especulação, controvérsia, hipótese, tentativa de satanização e rumor são as palavras usadas para definir a suposta afinidade de Joseph Ratzinger com o nazismo. A notícia conta a história do religioso para desmentir essa suposição e está repleta de conjunções adversativas: “O novo papa [...] é reconhecido como teólogo brilhante, mas terá de se desfazer de uma especulação”; “Ratzinger integrou de fato a Juventude Hitlerista, aos 12 anos, e foi soldado de Hitler. Mas abandonou a organização para ser padre”; “ele e seus colegas [...] foram convocados para o Flak (corporação antiaérea) [...]. Mas</p>

	<p>continuava frequentando as aulas no seminário”; “alistou-se no treinamento básico da infantaria alemã, mas, por alegados motivos de doença, foi dispensado da maioria das obrigações militares severas”. Desta forma, mostra as informações que baseiam a especulação e que estão corretas, apresentando sempre contrapontos.</p> <p>As vozes presentes no texto são:</p> <ul style="list-style-type: none"> – “Parte da imprensa” e “sites da internet”, fontes não especificadas do rumor; – O “filósofo católico Tarcísio Padilha, membro da Academia Brasileira de Letras, que acha que a especulação foi uma tentativa de “setores descontentes” de satanizar o Papa. A caracterização da fonte justifica sua presença no texto (é um “especialista”), com a ressalva de que o fato de ele ser católico pode significar uma falta de distanciamento sobre o fato analisado; – “Uma fonte do Vaticano”, também não nomeada, com uma citação direta que diz que a informação era um rumor, e uma citação indireta que confirma que Ratzinger participou da Juventude Hitlerista; – O próprio Ratzinger, que levantou o fato no livro <i>Sobre Minha Própria Vida</i>.
Caracterização da personagem	<p>Por trás das caracterizações de “noviço prodígio da Igreja alemã”, um “teólogo brilhante”, com “carreira rápida na Cúria Romana” e de “linha inflexível”, Joseph Ratzinger é tratado como vítima neste texto. O próprio título já afirma que ele viveu um “pesadelo”, e o restante da notícia segue a mesma linha: sua família foi perseguida por não ter aderido ao nazismo, sendo o pai preso; ele desertou e fugiu para casa, correndo o risco de ser fuzilado; foi encontrado por soldados americanos e preso em um campo para prisioneiros de guerra. O relato do próprio Ratzinger (selecionado do seu livro) salienta a vitimização: “quando foi feito prisioneiro pelos aliados, [...] marchou com outros soldados por três dias por uma estrada de chão [...]. Tinha 18 anos”. Então, ele é caracterizado como “soldado” para introduzir sua fala de que os “soldados americanos tiravam fotografias para levar como recordação do exército derrotado e de seus soldados desolados”.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 5 – Notícia de 20 de abril de 2005

Data de publicação	20/4/2005
Página	10

Título	Sentimentos ambíguos na Praça de São Pedro
Autor/procedência	Rodrigo Lopes, enviado especial/Vaticano.
Resumo	Brasileiros que estavam em Roma opinam sobre a escolha do novo Papa.
Tamanho	5/6 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>O texto é construído com base nos relatos e opiniões de fiéis, e é por meio deles que a narrativa é guiada. Ela começa “na tarde da segunda-feira”, com o jornalista catarinense James Dadam, que achava, em um primeiro momento, que o Papa seria gaúcho (sentimento expressado por meio de uma citação direta). Dadam “desejava um papa progressista, capaz de fazer algumas mudanças na doutrina da Igreja”. “Ontem” (um dia antes da publicação, um dêitico temporal), o catarinense já pensava que o Papa podia não ser brasileiro, mas queria “a pessoa ideal para governar a Igreja. Quando o nome de Ratzinger foi divulgado, ele primeiro se decepcionou para depois aceitar a escolha.</p> <p>O narrador (jornalista) afirma então que “ficou um gosto esquisito na garganta dos brasileiros”, por imaginarem um Papa gaúcho – a eleição do alemão é apresentada então como derrota para os brasileiros. A frase “havia quem analisasse que a demora favoreceria o gaúcho” faz referência à matéria publicada no dia 15/4.</p> <p>A paranaense Regina Zanetti opina que um brasileiro estaria mais próximo dos pobres, enquanto a gaúcha Denise Avancini Alves, que também torcia por dom Cláudio, espera uma “continuidade à gestão da Igreja Católica, ‘da forma santa’ como João Paulo II” exerceu o pontificado.</p> <p>Uma matéria secundária, intitulada “Expectativa, confusão e alegria”, relata ainda o Conclave por meio da visão do estudante Alex Boardman que, como o título indica, também tinha expectativas quanto à escolha de um gaúcho, mas que acolheu a decisão de forma animada.</p> <p>Todas as pessoas escolhidas para compor a notícia compartilham, de modo geral, da mesma opinião e são todas desconhecidas, “gente como a gente”, em uma tentativa de aproximar o Conclave da vida real – que, para o público que lê este jornal em específico, inclui brasileiros e, principalmente, gaúchos.</p>
Caracterização da personagem	A caracterização da personagem neste texto dá-se por meio das falas das fontes: “é extremamente conservador”, disse

	<p>uma delas; “um pouquinho mais severo, mais antigo”, disse outra; a terceira disse que o “fato de Ratzinger ser conservador pode ser a base para algumas atitudes. Porém, como também existe uma estrutura dos cardeais, que estão dando este suporte, ele vai exercer o pontificado da melhor forma possível”. Ou seja, ele vai exercer um bom pontificado porque a estrutura dos cardeais não vai permitir que ele tome atitudes inadequadamente conservadoras, não porque é qualificado.</p>
--	---

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 6 – Notícia de 20 de abril de 2005

Data de publicação	20/4/2005
Página	17
Título	As lembranças de um intenso convívio
Autor/procedência	Bianca Nieckel/Não indicado.
Resumo	Monsenhor Urbano Zilles, conhecido de Ratzinger, falou sobre o novo Papa.
Tamanho	2/3 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>A notícia inteira é baseada na percepção do monsenhor gaúcho Urbano Zilles sobre o novo Papa. Por isso, faz-se necessário mostrar porque a opinião de Zilles é merecedora de tamanho espaço. O segundo parágrafo informa que eles tiveram “intenso convívio” durante 10 dias, em 1990. Depois de explicar que eles foram palestrantes em um curso para bispos latino-americanos e que Zilles foi o responsável por acompanhar o então cardeal alemão, mais um motivo é apresentado. Ele “já o conhecia anteriormente”, da Universidade de Münster, na Alemanha, tendo partilhado inclusive momentos de descontração (“conversavam, tomavam cerveja e fumavam charutos à sombra das muitas árvores do local”). O subtítulo “Zilles aposta na abertura do diálogo” divide a descrição deste “intenso convívio” com a frase: “Hoje o gaúcho de Nova Petrópolis não se considera íntimo do Pontífice, já que não se encontraram desde aquela época”. No entanto, ao usar a conjunção adversativa, “mas” e defender que a figura de Ratzinger ainda está mantida na memória, o relato segue baseando-se em Zilles, dessa vez, em suas previsões sobre o Pontificado.</p>
Caracterização da personagem	As duas primeiras palavras do texto são alegre e otimista, referindo-se à visão de Zilles sobre Ratzinger, que é “bastante diversa da imagem de conservador normalmente associada ao

	<p>novo Papa”, como a própria matéria aponta em seguida. O momento de descontração, de conversar, tomar cerveja e fumar, por mais que não seja uma caracterização direta, humaniza a figura do Papa. Zilles ainda afirma que ele “não é um homem que vê só o lado negativo das coisas”, é “afável e educado no contato com as pessoas” e uma pessoa “informal e divertida, capaz de promover mudanças positivas na condução da Igreja”. Na visita ao Brasil, “Ratzinger perguntava sobre os problemas do país, mas interessava-se principalmente por animais e frutas por ele desconhecidos”, única informação da notícia que pode ser tratada de forma pejorativa – ele se importava mais com animais e frutas diferentes do que com os problemas do país?</p> <p>Zilles também evidencia a “capacidade de discussão de Ratzinger”, que, no curso, “dava mostras de buscar o entendimento coletivo”. Por fim, a última citação de Zilles questiona a maioria das notícias veiculadas pelo jornal até aquele momento: “Os latino-americanos fizeram dele um conservador. Hoje não se pode dizer que ele é progressista mas também não é um conservador. Vai dialogar com a tecnocracia, porque é um homem muito preparado”.</p>
--	---

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 7 – Notícia de 20 de abril de 2005

Data de publicação	20/4/2005
Página	21
Título	Bispos não perdem a esperança
Autor/procedência	Não indicado.
Resumo	Dois bispos progressistas gaúchos opinaram sobre a escolha do novo Papa.
Tamanho	2/5 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	O texto é baseado nas opiniões e relatos de “dois bispos gaúchos considerados progressistas”, dom Ivo Lorscheiter (de Santa Maria) e dom José Mário Stroehler (de Rio Grande). A informação de que eles são considerados progressistas é importante na medida em que Bento XVI é tido como conservador, o que é apresentado de forma implícita na frase: “A expectativa seria [com destaque para o verbo no futuro do pretérito, que resguarda o jornalista quando ele precisa apresentar um fato que não é concreto] de cautela, mas

	<p>[conjunção adversativa, sugere um contraponto] eles se declararam esperançosos com a escolha do cardeal alemão”. Dom Ivo é a voz externa (fonte, no jargão jornalístico) predominante no texto, e isso é justificado com as caracterizações de que é o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e que “nos estertores da ditadura militar, dom Ivo ajudou na redemocratização do país, apoiou movimentos sociais”, além de que ele “conhece o novo papa desde os tempos em que Ratzinger era padre na Alemanha”. A voz de dom José Mário só aparece no final, com a explicação de que ele é um bispo “de referência para a Pastoral Operária no Estado”. O único dêitico que aparece na narrativa é temporal, “ontem”.</p>
<p>Caracterização da personagem</p>	<p>O título “Bispos não perdem a esperança” sugere que eles teriam motivos para perder a esperança, mas que não o fizeram. Um relato de dom Ivo sobre uma conversa que ele teve com João Paulo II mostra um pouco da relação deste com Ratzinger, implicitamente. O então Papa teria afirmado, conforme a citação de dom Ivo, que ele leu pessoalmente os livros de Leonardo Boff antes de desligá-lo da Igreja Católica “para não dizerem depois que eu só digo o que os outros me falam. Tenho a minha opinião”. Lendo as notícias anteriores, sabe-se que Ratzinger era o responsável por julgar questões doutrinárias, sendo o líder da Congregação para a Doutrina da Fé, e que ele era o principal conselheiro de João Paulo II, o que o relaciona com a fala. A citação tem um lado positivo, pois o próprio João Paulo II responsabiliza-se pela decisão, normalmente atribuída a Ratzinger.</p> <p>Também em uma citação direta de dom Ivo, o religioso alemão é chamado de “muito fino, educado, simples” e é dito que ele “tinha que ser muito exato nessas coisas”, referindo-se à reprimenda aos livros de Boff, porque “presidia aquele departamento da Congregação para a Doutrina da Fé”.</p> <p>Dom José Mário crê que o Papa eleito “demonstrou ser ‘acessível, humano, pastor’” e que ele “teve a sua imagem um ‘pouquinho distorcida’ por presidir a congregação, pelas reprimendas e pelos puxões de orelha que aplicou”. José Mário prevê que Ratzinger “será compreensivo com os movimentos sociais”. O interessante é que, por mais que essa previsão seja positiva, a forma como ela é colocada (logo depois das inferências sobre ele ter presidido a congregação) demonstra que a postulação só está presente no texto porque haveria motivos para ele não ser compreensivo com movimentos sociais.</p>

	É importante salientar que Ratzinger não foi denominado Bento XVI em nenhum momento da notícia, apenas “novo papa” e “sucessor de João Paulo II”.
--	---

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 8 – Notícia de 20 de abril de 2005

Data de publicação	20/4/2005
Página	24
Título	Israel quer apoio à luta contra antissemitismo
Autor/procedência	Não indicado.
Resumo	Governo de Israel esperava comprometimento de Ratzinger na luta contra o antissemitismo.
Tamanho	5/6 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>O governo de Israel, um sujeito coletivo, é a principal voz externa (fora aqueles que estiveram envolvidos na construção da notícia; também chamada de fonte) do texto e aparece logo na primeira frase. Por meio de um comunicado oficial, disse esperar que Ratzinger estivesse comprometido na luta contra o antissemitismo. A especial relação entre o novo Papa e o tema é explicada primeiramente em uma frase do ministro das Relações Exteriores israelense, Silvan Shalom – um sujeito individual, especificação do sujeito coletivo “governo de Israel” e segunda voz presente na notícia, mas de forma indireta, já que o que é usado como base de informações é o comunicado, que o cita: “– O ministro expressa sua esperança de que o Papa, considerando sua experiência histórica, seja especialmente comprometido com a luta [...] – afirmou em comunicado o ministro”. O destaque aqui está na ideia de que, “considerando sua experiência histórica”, Ratzinger deve ter mais comprometimento do que qualquer outro Papa. Essa “experiência histórica” é explicada em seguida: “Há informações de que Ratzinger [...] serviu na juventude hitlerista durante a II Guerra Mundial [...] como um membro compulsório”. A frase não explicita de onde vêm as informações, mas o texto segue com uma conjunção adversativa. “No entanto, diversos biógrafos afirmam que Ratzinger nunca pertenceu ao Partido Nazista”. A terceira voz presente no texto é “diversos biógrafos”, que não é um sujeito coletivo, e sim mais de um sujeito individual não especificado junto.</p>

	<p>A notícia volta a “dezembro de 1932” e a 1936 (“Cinco anos mais tarde”) para contar a história de Ratzinger, mas o texto principal não contém nenhum dêitico, sendo um enunciado não embreado – os tempos verbais sugerem quais acontecimentos aconteceram antes e durante a enunciação, mas não há como especificar, pela notícia, quando, onde ou por quem a enunciação foi feita.</p> <p>No final da notícia, há uma compilação de frases de pessoas renomadas sobre Bento XVI, sendo o nome completado por um aposto que explica a importância do enunciador: “Néstor Kirchner, presidente argentino”; “Kofi Anann, secretário-geral das Organizações das Nações Unidas”; “Jacques Chirac, presidente da França”; “Bill Frist, líder da maioria no senado norte-americano”; “José Luiz Rodriguez Zapatero, primeiro-ministro da Espanha”; “Rowan Willians, líder dos anglicanos” e “Presidente George W. Bush, dos EUA”. Com citações diretas e indiretas, essas são as últimas vozes da notícia. No caso de Néstor Kirchner, há o dêitico temporal “ontem”.</p>
Caracterização da personagem	<p>A personagem é denominada Bento XVI quatro vezes no decorrer da notícia, sendo que apenas uma está no texto principal (as outras estão nas citações das renomadas personalidades ao final da página) e estão inseridas em frases positivas – “O novo papa Bento XVI é um homem de grande sabedoria e experiência, que serve ao senhor”, afirmou Bush; “Bill Frist [...] desejou boas-vindas ao papa Bento XVI como líder da Igreja Católica” – e neutras – “Joseph Ratzinger, escolhido novo papa Bento XVI, esteja comprometido com a luta contra o antissemitismo”; “Néstor Kirchner [...] confirmou ontem viagem a Roma em visita ao novo papa Bento XVI”. A denominação da personagem como Joseph Ratzinger é usada nove vezes no decorrer do texto – inclusive em toda a parte que destaca a história do religioso, com as informações sobre a juventude hitlerista e o Partido Nazista, única que pode ser interpretada sob um aspecto negativo.</p> <p>Ratzinger é ainda caracterizado como “alemão”, o que evidencia porque o governo de Israel acredita que este Papa deve ter mais comprometimento com o antissemitismo, e como “grande teólogo”.</p> <p>Ao final do texto principal, há uma remissão a João Paulo II, que, em um primeiro momento, parece perdida. Trata-se do último parágrafo: “João Paulo II ganhou simpatia dos judeus por pedir desculpas pela Igreja Católica não ter se pronunciado, entre outras coisas, contra o nazismo durante a II Guerra Mundial”. A contextualização do Papado anterior</p>

	promove uma comparação implícita entre João Paulo II e Bento XVI e um estado de dúvida que só será respondido no decorrer do período de liderança do novo Papa – João Paulo II, que nem era alemão, já demonstrou preocupação com a religião judaica. Será que Bento XVI fará o mesmo?
--	--

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 9 – Notícia de 20 de abril de 2005

Data de publicação	20/4/2005
Página	25
Título	Gays temem aumento da discriminação
Autor/procedência	Não indicado.
Resumo	Homossexuais ficaram descontentes com a escolha do novo Papa e acreditam que ele não irá contribuir para diminuição do preconceito.
Tamanho	1/5 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>As vozes “entidades de defesa dos direitos gays do mundo inteiro” – com os sinônimos “líderes desses movimentos” e “entidades que defendem as minorias” – são usadas para que o jornalista e o veículo possam falar do futuro como certeza, sem se comprometerem: “Quando o alemão Joseph Ratzinger apareceu na janela do Vaticano, [...] entidades de defesa dos direitos humanos do mundo inteiro tiveram uma certeza. É zero a chance de a Igreja Católica flexibilizar sua opinião em temas como uso do preservativo e casamento de pessoas do mesmo sexo”. A notícia traz ainda duas citações diretas, de dois sujeitos individuais que se tornam outras vozes do texto: “Célio Golin, secretário-geral do Grupo Nuances, há 21 anos atuando na defesa das causas homossexuais no Rio Grande do Sul” [este também com uma citação indireta], e “Virgínia Feix, coordenadora da Themis, entidade gaúcha que defende os direitos da mulher”. Na fala de Virgínia Feix, há novamente a utilização do futuro, mas, diferentemente do início do texto, em que o verbo era utilizado no presente, o tempo verbal não é mascarado: “o Papa atuará na contramão das pesquisas científicas e sócio-culturais da humanidade”.</p> <p>Há ainda a utilização de expressões negativas fortes como “mais assustam”, “maior receio”, “pondo em risco”, além do início da seguinte frase: “Muito menos revogar a ideia de que homossexualismo é doença”.</p>

Caracterização da personagem	Sobre a escolha de Joseph Ratzinger, entidades dos direitos homossexuais “temem um conservadorismo radical”. Célio Golin, representante da causa, acredita que vai “piorar para nós”, enquanto Virgínia Feix afirma que é a “vitória do fundamentalismo religioso”. A citação indireta de Golin “países como Argentina, Uruguai e Paraguai sofrerão ainda mais com o novo Papa” dá a entender que não só alguns países da América Latina sofrerão com o novo Papa, mas, pela palavra “mais”, que será o mundo todo. Abaixo do texto, um pequeno quadro chama Bento XVI de integrante da ala mais conservadora do Vaticano e informa que ele “não admite” uso de preservativo, sexo antes do casamento, aborto, casamento de pessoas do mesmo sexo, homossexualismo (considerando-o doença), planejamento familiar, divórcio e ordenação das mulheres.
------------------------------	---

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 10 – Notícia de 21 de abril de 2005

Data de publicação	21/4/2005
Página	5
Título	Papa testa popularidade nas ruas
Autor/procedência	Não indicado.
Resumo	Bento XVI saiu às ruas pela primeira vez.
Tamanho	1/3 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>A primeira frase “papa Bento XVI saiu ontem às ruas de Roma e passou em seu primeiro teste de popularidade” concede uma dimensão maior ao fato relatado, que toma as reais proporções posteriormente em: a “saída se limitou a seu antigo apartamento, a 50 metros apenas de uma das entradas do Vaticano”. “Limitar” e “apenas” contribuem para essa diminuição de importância. O texto segue com “mas foi suficiente para reunir uma multidão em frente a seu edifício. Mais de cem soldados fizeram a segurança do Santo Padre”, retomando a relevância e justificando a notícia, com destaque para “multidão” e “mais de”, que volta a aumentar a dimensão da informação.</p> <p>Para indicar um discurso, os verbos são conjugados no pretérito perfeito quando é uma ação acabada (“Seus assessores relataram que o Papa [...] recolheu alguns de seus pertences”) e quando é uma citação direta (“respondeu o zelador”, “afirmou o cardeal colombiano Dario Castrillon</p>

	<p>Hoyos” e “disse a garota”). No caso de uma citação indireta com uma situação que ainda não terminou, o verbo de discurso acompanha o de ação e é conjugado no presente do indicativo (“Seus novos assistentes ainda relatam que ele possui uma biblioteca impressionante”). Os assessores, o zelador, o cardeal Dario Castrillon Hoyos e a garota romana Anna são as vozes presentes no texto além do jornalista e do veículo.</p>
Caracterização da personagem	<p>Entre as notícias até então analisadas, pela primeira vez a personagem é denominada predominantemente Bento XVI, sendo também intitulado de Papa e Santo Padre. O nome Joseph Ratzinger é usado uma vez em todo o texto.</p> <p>De modo geral, os relatos são positivos, mas a antiga caracterização de rígido é lembrada em “como que para provar que não quer distância dos jovens e tentar desmistificar sua imagem de linha-dura”, que, acrescida de “deu especial atenção às crianças, colocadas em locais estratégicos”, faz com que a saudação aos fiéis não pareça espontânea, e sim previamente planejada, com o objetivo de criar uma boa imagem do Papa. Posteriormente, o parágrafo “Para a surpresa até de seus seguranças, o alemão decidiu [...] bater na porta de cada um de seus vizinhos [...] para se despedir”, declara implicitamente que a ação não era esperada, nem pelos seus seguranças. A referência ao Ratzinger sisudo das notícias anteriores também está presente na fala do cardeal Hoyos, com o contraponto de uma opinião favorável. “Ele é um grande homem e com um grande coração. Fala-se que ele é duro, mas o mundo conhecerá um outro Ratzinger em pouco tempo”, relatou.</p> <p>A informação de que “ele possui uma biblioteca ‘impressionante’ contribui para a percepção de grande teólogo, e o zelador do prédio descreveu-o como “muito tranquilo”.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 11 – Notícia de 21 de abril de 2005

Data de publicação	21/4/2005
Página	9
Título	Pontífice sofreu um derrame em 1991
Autor/procedência	Não é indicado/Vaticano.
Resumo	Complicações de saúde de Bento XVI.
Tamanho	1/5 de página.

Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>O texto inicia-se com uma frase que contém um verbo no futuro, com o respaldo de que a afirmação é uma previsão do próprio Ratzinger — “o papa Bento XVI previu a cardeais que seu reinado será breve”. Nesse primeiro parágrafo, a informação é dada como certeza (“será”), o que é posto em dúvida logo em seguida, em uma citação direta: “— Espero, neste curto reinado, ser um homem de paz — teria dito o Papa, segundo o cardeal americano Francis George”. Como o relato não é de primeira mão (não foi o jornalista que ouviu o cardeal eleito dizendo isso), o verbo é conjugado no futuro do pretérito, o que dá a ideia de um passado condicional (“teria dito”). A maioria das informações da notícia são baseadas em relatos de terceiros, vozes que não são nem do jornalista nem do veículo. São três as que exceções: “Joseph Ratzinger sofreu, entre outros males, um derrame cerebral em 1991”; “Ratzinger foi internado pelo menos duas vezes no princípio dos anos 90”; “Em agosto de 1992, durante umas férias nos alpes italianos, Ratzinger bateu a cabeça sobre um aquecedor, desmaiou e sofreu uma forte hemorragia”. Também há um parágrafo sem fonte explícita (e cuja autoria, portanto, acaba recaindo ao jornalista) que trata da explicação de uma dessas complicações de saúde.</p> <p>A citação direta de Bento XVI, conseguida, no entanto, de forma indireta, por meio do cardeal americano Francis George, tornam ambos vozes do texto. Além deles, Georg Ratzinger, irmão do Papa, “prelados alemães”, um “jovem cura de Colônia, que pediu para não ser identificado”, “vários cardeais” e o jornalista John Allen, com o livro <i>Cardeal Ratzinger</i>, aparecem na notícia. O Vaticano (sujeito coletivo) também está presente, mas não chega a ser uma voz, pois “negou-se a fazer comentários”.</p>
Caracterização da personagem	<p>Todos os acontecimentos e opiniões narrados no texto constroem a imagem de uma personagem frágil, idosa, de saúde debilitada. Ele é descrito como “papa mais velho a ser eleito nos últimos 275 anos”, que tem uma saúde que “inspira cuidados”, “problemas para dormir e uma constituição delicada”. Há ainda uma previsão e comparação com João Paulo II em “ele provavelmente não será o papa peregrino que seu antecessor foi. João Paulo assumiu o comando da Igreja aos 58 anos”. O jornalista John Allen ainda afirma que, há dois anos, “ele aparentava cansaço, mas parece ter superado isso”.</p>

Quadro 12 – Notícia de 21 de abril de 2005

Data de publicação	21/4/2005
Página	10
Título	Ratzinger ouviu a decisão de cabeça baixa. Rezava?
Autor/procedência	Não indicado.
Resumo	Relatos de cardeais sobre o Conclave e de como Ratzinger recebeu a novidade.
Tamanho	3/4 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>“Quando foram queimadas as cédulas da eleição papal na Capela Sistina, um cardeal ficou observando a história ser escrita”, é o primeiro parágrafo do texto. Ele dá um caráter literário à notícia, sendo guiado por um detalhe (a queima das cédulas da eleição papal é a descrição de um momento específico, quando uma expressão mais simples e direta poderia ter sido usada – eleição do Papa). Também concede grandiosidade ao acontecimento, com “a história ser escrita”, e personifica o relato a um cardeal, mostrando o ponto de vista pelo qual a história será contada. Essa perspectiva, predominantemente visual, é evidenciada três vezes durante o texto, com a utilização do verbo observar (além da já transcrita, em uma citação direta do cardeal: “Vou observar isso, talvez não tenha outra chance”) e olhar (“Eles colocaram os papéis e eu fiquei olhando”, também afirmou o cardeal). Também é importante destacar que o gerúndio, comumente ausente em textos jornalísticos, foi utilizado três vezes – duas já reproduzidas, e uma que consiste em “relembrando o momento, na terça-feira”.</p> <p>No segundo parágrafo, a explicação que acompanha uma citação direta nomeia o cardeal como o britânico Cormac Murphy-O’Connor. É uma outra citação direta dele que justifica o título: “‘Todo mundo aplaudiu, mas ele estava com a cabeça abaixada. Acho que ele deve ter feito uma oração’, disse”. Essa afirmação é transposta ao título “Ratzinger ouviu a decisão de cabeça baixa. Rezava?”. O questionamento presente no título também não é comum em notícias jornalísticas e acaba já gerando um estado de dúvida, um suspense que procura instigar o leitor a se deter na narrativa. As vozes de outros cardeais são usadas para compor o clima do Conclave, incluindo o alemão Joachim Meisner e o americano Theodore McCarrick. Eles concedem um caráter</p>

	subjetivo ao texto (“o clima era de camaradagem”; “há uma sensação de trabalho bem-feito”; escolher um Papa é “maravilhoso”).
Caracterização da personagem	Neste texto, a personagem é chamada de Joseph Ratzinger (ou somente Ratzinger) em relatos de momentos antes da escolha e de Bento XVI depois. Não há uma descrição de características nesta notícia, mas há a de ações que geram interpretações sobre o religioso. “Ratzinger parecia ‘um pouco triste’ quando foi vestir-se para o anúncio oficial no Quarto das Lágrimas, assim chamado porque muitos pontífices recém-eleitos se emocionam ao compreender a magnitude da missão”. Da forma como foi estruturado este parágrafo, o que se sugere é que, normalmente, os Papas estão tão felizes e emocionados que choram, mas Ratzinger estava triste com a escolha. Como não há a informação de que ele também chorou, a imagem que fica é a de indiferença.

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 13 – Notícia de 21 de abril de 2005

Data de publicação	21/4/2005
Página	10
Título	Bispo de Cruz Alta defende postura de Bento XVI
Autor/procedência	Eduardo Cecconi, correspondente / Cruz Alta
Resumo	Bispo de Cruz Alta que conhece Ratzinger e opina sobre ele.
Tamanho	1/4 de página
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	A notícia começa com uma descrição física daquela que será a principal fonte – e voz – da matéria: o “azul dos olhos, a pele avermelhada do rosto e o sotaque característico evidenciam a origem germânica do bispo diocesano de Cruz Alta”. As características germânicas são a primeira ligação de Friedrich Heimler com Joseph Ratzinger, e por isso são abordadas. Outros motivos para ele ter autoridade para falar do Papa e, portanto, merecer um espaço no jornal, aparecem no decorrer do texto: “nasceu a pouco mais de cem quilômetros de distância da localidade natal do conterrâneo” e em “duas oportunidades, os religiosos alemães se encontraram” (com explicações sobre as duas oportunidades). No último parágrafo, dois pontos a destacar. São os usos, em primeiro lugar, da linguagem figurada, com a expressão “marcar na agenda” em “uma nova oportunidade já está marcada na agenda do bispo”, e, em segundo lugar, o

	momento presente, tendendo para o futuro, com a combinação de um verbo que expressa incerteza (“deve”) e outro no infinitivo (“comparecer”), referindo-se à Jornada Mundial da Juventude, que aconteceria meses depois.
Caracterização da personagem	<p>Como o próprio texto explicitamente indica, “Heimler defende a postura do novo pontífice e critica a abordagem sobre ele” e “identifica virtudes no líder da Igreja Católica”, contrariando o “enfoque incisivo atribuído às opiniões de Bento XVI sobre assuntos polêmicos, como o homossexualismo”. Nas palavras do bispo de Cruz Alta, a personagem não tem “só uma visão negativa”, “não é contra tudo”, “adota a postura oficial da Igreja” e é envolvido “com a mensagem de Jesus Cristo”. Nos encontros entre os dois, Ratzinger teria causado “uma boa impressão”.</p> <p>A única fonte da matéria é, então, a favor do novo Papa. Todavia, mesmo que seja para contrariar, o lado conservador de Ratzinger está novamente presente.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 14 – Notícia de 21 de abril de 2005

Data de publicação	21/4/2005
Página	11
Título	A comemoração particular de irmã Maria da Graça
Autor/procedência	Bruna Porciúncula, Agência RBS / Santa Maria.
Resumo	Bispo de Cruz Alta que conheceu Ratzinger opinou sobre ele.
Tamanho	1/4 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>Não é a primeira vez que um gaúcho que conheceu Ratzinger torna-se foco e fonte principal de uma notícia. Essa estratégia aproxima o Papa, uma figura quase sagrada e aparentemente inalcançável, dos leitores de Zero Hora. Também é uma fonte mais direta (o jornalista ouve o relato em primeira mão da pessoa que conheceu Ratzinger, e não o retira de outra referência, como acontece com os de cardeais ou vaticanistas estrangeiros, muitas vezes transcritos de livros ou outras notícias). Neste caso, a voz predominante no texto é a de Maria da Graça Sales Henriques, religiosa de Santa Maria, irmã da congregação de Schoenstatt, que “trabalhou por 16 anos no Vaticano, no Conselho Pontifício para Leigos,” e “participou do conselho de dois sínodos” ao lado do alemão. Verbos para indicar discursos e opiniões estão no presente, enquanto relatos dos encontros com Ratzinger estão no</p>

	<p>pretérito perfeito. Ao final do texto, a opinião da irmã permite a utilização de um verbo no futuro: “Maria da Graça acredita que, aos poucos, o mundo conhecerá a humanidade de Joseph Ratzinger”.</p> <p>A narrativa é não-embreada.</p>
Caracterização da personagem	<p>Novamente, a referência de conservador é feita, para então ser contraposta pela opinião de Maria da Graça: “Sobre o rótulo de conservador do religioso de 78 anos, a irmã que o conheceu discorda com veemência”; “considera as críticas feiras ao estilo de Ratzinger grosseiras, sem fundamento e de mau gosto”; as “posições firmes de Bento XVI são apontadas pela irmã como um dos motivos desta suposta ‘antipatia”’.</p> <p>A irmã também o descreve como “um homem de alto valor espiritual e de um não menor quilate espiritual” e “um homem certamente santo”, prevendo que ele dará “respostas a muitas pessoas sobre o sentido da existência” e “conquistará corações”. Uma das últimas frases do texto, já transcrita, que afirma que o mundo conhecerá a humanidade de Joseph Ratzinger, dá a entender que, até então, as pessoas não conhecem o lado humano do Papa.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

Quadro 15 – Notícia de 23 de abril de 2005

Data de publicação	23/4/2005
Página	28
Título	Papa pede apoio dos cardeais
Autor/procedência	Não é indicado / Roma.
Resumo	Bento XVI teve o primeiro encontro de trabalho com o colégio dos cardeais.
Tamanho	Meia página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	A primeira frase da notícia é nominal, ou seja, não tem verbo (“Como Cristo, com abnegação, simplicidade e disponibilidade”). Ela cativa o leitor, pois não há como entender seu sentido completo sem ler a próxima (“É desta forma que Bento XVI se dispõe a levar adiante seu papado”). Somente a partir da terceira frase, entende-se que essas informações vieram de uma declaração do Pontífice (“As declarações daquele que para os católicos é o representante de Deus na Terra foram feitas ontem”).

	<p>“Ontem” é o primeiro dêitico temporal da matéria, acompanhado de “hoje” e “amanhã”. Eles, somados aos adjuntos adverbiais “no domingo” e “na terça-feira”, situam a narrativa em uma semana (a notícia foi veiculada no sábado). Os adjuntos adverbiais de local “na Sala Clementina, no Vaticano”, “na Basílica de São Pedro”, “no seu primeiro encontro de trabalho com o colégio de cardeais” e na “primeira audiência desde que foi eleito” ancoram a narrativa no cenário religioso do Vaticano.</p> <p>A voz do narrador (jornalista) intercala-se com a voz de Bento XVI durante todo o texto. O futuro é usado em dois momentos. O primeiro é para indicar uma missa ao ar livre que “será celebrada [...] amanhã” (um dia depois da publicação da notícia). O segundo aparece em uma citação direta do Papa (“me incitarão a cumprir meu mandato com total lealdade e dedicação”).</p>
Caracterização da personagem	<p>A personagem já é definitivamente reconhecida como Papa, sendo chamada por essa denominação três vezes, duas por Pontífice, três por Bento XVI e apenas uma por Joseph Ratzinger (mesmo neste caso, há o complemento de “ex-cardeal alemão”, o que remete a uma ideia de estado passado). Também é caracterizada como “representante de Deus na terra” e “guia da Igreja católica”.</p> <p>O espaço concedido ao discurso de Ratzinger (de forma indireta e direta) também ajuda na criação da personagem jornalística. Nas citações indiretas, destaca-se que ele pediu aos cardeais “para ajudá-lo a superar suas fraquezas” e que “foi eleito para servir e não para ser servido”. Nas diretas, que não “se trata de honras, mas de realizar um serviço com simplicidade e disponibilidade” e que o conselho o incitará a cumprir seu mandato “com total lealdade e dedicação”. Por fim, nas inferências do narrador (jornalista), consta, em uma explicação após uma das citações diretas: “disse o Pontífice, com humildade, mas determinação”.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2005).

4.3 FRANCISCO NA ZERO HORA

Os termos Jorge Mario Bergoglio e Papa Francisco foram citados em 74 páginas da Zero Hora entre o período de 6 a 20 de março de 2013. Antes de Bergoglio ser eleito, em 13 de março de 2013, não foi publicada nenhuma notícia ou reportagem sobre ele. Na semana posterior, 38 textos o tinham como figura central. Dentre eles,

foram selecionados, por meio de um sorteio, 13 para análise. Os textos originais encontram-se em anexo.

Quadro 16 – Notícia de 14 de março de 2013

Data de publicação	14/3/2013
Página	16
Título	Da capital do tango para o comando da Igreja Católica
Autor/procedência	Juliana Bublitz/Não indicado.
Resumo	Trajetória de Jorge Mario Bergoglio.
Tamanho	Página inteira.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>A maior parte da narrativa é construída com os tempos verbais presente e pretérito perfeito, mas a combinação do verbo “ter” no futuro do pretérito e outro no particípio (a origem piemontesa “teria contado pontos” no Conclave e “Bergoglio teria ajudado muitos perseguidos”) aparece duas vezes no decorrer do texto, em casos que o jornalista não pode afirmar com certeza que a informação da frase é realmente verdadeira. O particípio ainda é usado para indicar somente voz passiva, como “foi dado”, “foi ordenado”, “ser acusado” e “ter compactuado”. O futuro do pretérito também está presente no penúltimo parágrafo, em uma “década após o fim da ditadura, o jesuíta seria nomeado bispo, e, em 1998, conquistaria o posto de arcebispo”. Por indicar um futuro que já passou, o tempo verbal aproxima o narrador do acontecimento relatado, como se estivesse premeditando o que estava por vir.</p> <p>A história do novo Papa é contada durante toda a reportagem, mas até o quarto parágrafo não há nada que indique exatamente o momento temporal dos acontecimentos, com a utilização de expressões mais genéricas como desde menino, mais tarde e uma década depois (sem especificar depois de que ano). Somente no quarto parágrafo, então, há uma indicação mais precisa (“em março de 1958, aos 22 anos”). São fontes generalizadas do texto “pessoas próximas” e “defensores dos direitos humanos”.</p>
Caracterização da personagem	A linha de apoio, em um corpo de texto maior do que o restante da reportagem, já está repleta de caracterizações e antecipa, de forma resumida, o que virá a seguir: “Apaixonado por futebol e torcedor do argentino San Lorenzo, Jorge Mario Bergoglio cresceu em uma família com quatro irmãos e de

	<p>origem humilde. Descobriu a vocação para o sacerdócio aos 22 anos, depois de se formar em química e de perder um dos pulmões, devido a uma doença respiratória”. O dado de que ele é “apaixonado por futebol” mostra que o Papa é uma pessoa como qualquer outra e aproxima-o dos leitores brasileiros, país cujo principal esporte é justamente esse. As informações da linha de apoio são desdobradas no decorrer do texto, que relata que Bergoglio vem de uma “família modesta”, “filho de uma dona de casa e de um ferroviário”, que nunca “foi dado a luxos”, “estudou em escola pública” e optou por “continuar vivendo sem ostentações”.</p> <p>Os diferentes caminhos tomados pela personagem também humanizam o Papa, por mostrar certa indecisão – ele “formou-se em química”, depois “decidiu estudar humanidades no Chile, mas logo voltou à pátria” e só então se licenciou em Filosofia e Teologia e foi ordenado sacerdote.</p> <p>Duas frases de estrutura parecida qualificam o trabalho de Bergoglio:</p> <ul style="list-style-type: none"> – “Não precisou mais do que quatro anos para assumir a liderança da congregação jesuítica no país”; – “Seriam necessários apenas mais três anos para ser criado cardeal pelo papa João Paulo II e iniciar a caminhada rumo ao papado”. <p>Chamado de “jesuíta”, também consta no texto que ele ocupou “vários cargos de destaque na Igreja”. No entanto, a notícia também apresenta dois aspectos negativos. O primeiro é a informação de que ele chegou a ser acusado de ter compactuado com o regime ditatorial da Argentina, com o contraponto de que “segundo seus defensores, a versão verdadeira é outra: Bergoglio teria ajudado muitos perseguidos a escaparem da prisão”. A segunda é a de que ele “comprou briga com a família Kirchner” por Cristina ter aprovado a união de pessoas do mesmo sexo, com um comentário do jornalista que acaba se tornando o desfecho do texto – nesse “ponto, não restam dúvidas: o novo papa, de novo, não tem nada”.</p>
--	--

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Quadro 17 – Notícia de 15 de março de 2013

Data de publicação	15/3/2013
Página	4
Título	Pontífice defende mudança de atitude
Autor/procedência	Não indicado.

Resumo	Bergoglio discursou na Capela Sistina em seu primeiro dia como Papa.
Tamanho	Página inteira.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>A palavra “sermão”, utilizada para tratar do discurso feito por Jorge Mario Bergoglio na Capela Sistina, em seu primeiro dia como Papa, pode significar tanto pregação quanto repreensão. Por mais que a primeira alternativa faça mais sentido neste contexto, e tenha sido provavelmente a intenção do autor, a segunda também cabe na notícia (tendo sido, provavelmente, a interpretação dos leitores que só conheciam o lado pejorativo do termo). Isso porque o discurso defende “mudanças na Igreja”, pede coragem aos colegas para “sair de seus palácios” e “se misturar às pessoas que deles precisam”, sugere uma solução aos “problemas da Igreja” (dando a entender que há problemas) e toca na ferida (conforme uma citação direta, que informa que Bento XVI também já havia levantado as mesmas questões e “tocado na ferida de Igreja”). As vozes presentes no texto são o teólogo e professor da PUCRS Luiz Carlos Susin, o arcebispo de Bordeaux, Jean-Pierre Ricard, o arcebispo de Viena, Christoph Schönborn, e o arcebispo de Boston, Sean O’Malley (um relato terciário, conseguido por meio de uma entrevista que ele concedeu à Associated Press). Há os dêiticos temporais “hoje” e “amanhã”, sendo que um verbo no presente para tratar do futuro (“amanhã, apresenta-se a jornalistas”) complementa este último. Outro tempo verbal a destacar é o pretérito mais-que-perfeito (“Bergoglio já surpreendera”), raro no jornalismo e normalmente substituído pela composição mais informal de “ter” ou “haver” + verbo (tinha surpreendido, havia surpreendido).</p>
Caracterização da personagem	<p>Do discurso de Bergoglio, é destacado que ele defende o retorno à essência do cristianismo (termo utilizado entre aspas na notícia) e a confissão, além de pedir coragem aos colegas para levar uma vida irrepreensível (também entre aspas). Essa postura foi recebida no Vaticano, conforme o texto, “como um aviso de que os religiosos devem zelar pela coerência entre palavras e ação”.</p> <p>Também é abordada a surpresa causada pelos “gestos de humildade e quebra de protocolo” do Papa.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Data de publicação	15/3/2013
Página	5
Título	Jorge de las calles
Autor/procedência	Diogo Olivier, enviado especial / Buenos Aires.
Resumo	Descrição de como era a vida de Bergoglio na Argentina, antes de se tornar Papa.
Tamanho	Meia página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>“Dizem os argentinos: o sucessor de Pedro detestava passar o dia enfurnado no apartamento na Cúria.” Com uma primeira oração curta, seguida de dois pontos, a narrativa começa causando impacto e provocando curiosidade. A fonte genérica “os argentinos” provoca a interpretação de que se trata de uma opinião popular, algo que é falado nas ruas, no boca a boca. A mesma ideia segue no segundo parágrafo com os “amigos de las calles” de Bergoglio, também como fonte genérica. “De las calles” significa “das ruas” em espanhol, mas a expressão não é traduzida na notícia.</p> <p>O texto descreve a rotina de Bergoglio detalhadamente – acordava “cedo, por volta das 6h”; atravessava a Plaza de Mayo rumo à “banca de revistas de Daniel Regno”; “em pé, conversava às vezes por mais de hora sobre tudo”; visitava as igrejas “a pé ou de transporte público”; “entrava, cumprimentava todos”. Os detalhes tornam a narrativa mais crível e a aproximam da literária, já que, no hard news (notícias quentes, do dia a dia), normalmente não há espaço para um desenrolar minucioso das histórias. Como se pode perceber nesses trechos transcritos, verbos no pretérito imperfeito são bastante utilizados neste texto, o que evidencia a mudança na vida de Bergoglio – são hábitos que ele tinha, mas que deixará por ter se tornado Papa.</p> <p>Ajudam a tecer a história e, portanto, tornam-se vozes da notícia Daniel Regno, dono da banca de revistas onde Bergoglio comprava o jornal, Bruno Pastore, “dono de uma cafeteria perto da banca de Daniel”, Francisco Baigorria, “pároco da San Inácio”, e Alejandro Russo, “pároco e administrador da catedral”. Nenhuma fonte oficial é usada no texto, cujo propósito não é representar sujeitos coletivos, mas justamente tornar o relato mais pessoal, individualizado em Bergoglio.</p> <p>A notícia tem ainda um caráter de conversa informal, com expressões como “tem uma ótima dele”, que precede o relato</p>

	de uma boa história, e “tirada clássica”, tratando de uma piada, “que bebe no mesmo humor do ‘venho do fim do mundo’”. Além dos tempos verbais, único dêitico presente no texto é “dias atrás”.
Caracterização da personagem	<p>Nesta notícia, a personagem é chamada predominantemente de Jorge, o que contribui para que o relato se torne pessoal e informal (como se tratasse de um velho amigo) e humaniza o Papa. Certas ações dele que são destacadas no texto são importantes para a construção da representação. Ele “detestava passar o dia enfurnado no apartamento na Cúria, escolhido para fugir da suntuosidade da Igreja”; “preferia sair, caminhar, conversar, tomar café e comer alfajor”; não queria que os amigos o chamassem de cardeal; tinha uma amizade com o jornalista; visitava as igrejas da cidade a pé ou de transporte público; “cumprimentava a todos”. As transcrições mostram um Bergoglio ativo, que gosta de estar nas ruas, humilde e próximo das pessoas.</p> <p>Uma das vozes da notícia afirma que ele é “um torcedor fanático, daquele que lamenta gol perdido e se irrita com erro do árbitro” (referindo-se ao futebol) e outra que “ele será sempre o Jorge”, com um “ótimo papo”. A primeira referência indica um Papa “gente como a gente”, enquanto a segunda sugere que ele continuará sendo simples, mesmo depois de ganhar o posto.</p> <p>Depois de uma brincadeira de uma fonte da reportagem, o narrador afirma que essa pessoa “se permite brincar com o Papa Francisco” porque “aprendeu” com ele. Isso, somado a um gracejo de Bergoglio contado no texto, o caracteriza como brincalhão e bem-humorado.</p> <p>A notícia então termina com uma previsão e uma opinião do autor: “Francisco vai dar uma ‘desorganizada’ na Igreja. O que parece bom”.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Quadro 19 – Notícia de 15 de março de 2013

Data de publicação	15/3/2013
Página	6
Título	Um argentino de muitas paixões
Autor/procedência	Nilson Mariano/Não indicado.
Resumo	Trajectoria de Jorge Mario Bergoglio.
Tamanho	Página inteira.
Chamada de capa e contracapa	Sim.

Estratégias comunicativas	<p>O primeiro parágrafo descreve Jorge Mario Bergoglio em diferentes fases da vida sem, contudo, nomeá-lo. “Era um menino peralta que dava uma canseira nas professoras [...]”. Foi um rapaz pé de valsa, namorador arrebatado [...]. Tornou-se um padre de hábitos simples [...]”. O início brinca com a trajetória de menino a rapaz, de rapaz a padre, para então, na última frase, permitir que um reconhecimento de sujeito com “foi ungido o pastor supremo da Igreja Católica” (ainda não há um nome, mas somente uma pessoa foi escolhida Papa). Este personagem fantasma gera curiosidade no leitor. Somente no segundo parágrafo explicita-se que se trata de Jorge Mario Bergoglio.</p> <p>Verbos no pretérito imperfeito (“era”, “dava”, “estudava”, “cozinava”, “tomava”, “pegava”) são usados para relatar a vida do Papa antes de ser eleito. Há a utilização do presente tendendo para o futuro em “Bergoglio também deve imprimir um jeito menos carrancudo no Vaticano” e a combinação do verbo “ter” no futuro do pretérito com outro no particípio, que indica uma incerteza do jornalista com relação à informação (“teria brincado com os cardeais”).</p> <p>Depois da narração do período infantil de Bergoglio, e expressão “rapaz feito” indica a passagem de tempo, sem a presença de nenhum adjunto adverbial. Pode-se encontrar idades do Papa e anos relevantes, situando acontecimentos, mas não há nenhum dêitico além dos tempos verbais.</p> <p>Estão presentes no texto as vozes da irmã Martha Rabino (cujo relato foi conseguido por meio de uma entrevista que ela concedeu à agência de notícias AFP) e do próprio Bergoglio (que tem uma citação retirada do livro <i>O jesuíta – Conversações com o Cardeal</i> e outra informada pelo porta-voz da Santa Sé, Federico Lombardi).</p>
Caracterização da personagem	<p>A personagem é caracterizada em diferentes fases da sua vida. Como criança, é tido como “travesso”, “peralta”, “diabinho”, “intenso” e “precoce galanteador”, com uma pequena história de que “aos 12 anos, escreveu uma carta para uma garota chamada Amalia, propondo casamento futuro” e fazendo uma ameaça: “– Se não me caso contigo, viro padre”. A brincadeira dá um toque de humor e descontração à narrativa e à personagem, que é tida como “um genuíno argentino”. Apesar de dar trabalho às professoras, a gratidão aparece no relato de que “nunca esqueceu a paciência das antigas mestras”, que visitou sua catequista até que ela morresse, quando “passou a noite rezando”. Como rapaz, “pé de valsa”, “namorador arrebatado”,</p>

	<p>“fanático por futebol”, “gostava de ouvir tango e dançar milonga com outra namorada”. Como homem, “sofreu dura provação” quando precisou retirar parte de um pulmão, e, como padre, tinha “hábitos simples”, “cozinhou o próprio almoço, tomava mate e pegava o metrô” e “subiu rápido na hierarquia da Igreja”.</p> <p>Há um juízo de valor em “foi ungido o pastor supremo da Igreja Católica por suas qualidades como bispo”. Relacionado à eleição, é caracterizado como primeiro jesuíta a ocupar o trono de São Pedro, “inspira católicos”, se autodeclarou Francisco “em homenagem ao santo que se dedicou aos pobres” e “deve imprimir um jeito menos carrancudo no Vaticano” (aqui, o “mais” sugere uma comparação implícita com Bento XVI).</p> <p>A própria notícia afirma que sua vida não foi linear, que primeiro experimentou paixões terrenas, “como qualquer jovem”, para depois mostrar dotes teológicos ao se dedicar ao catolicismo. Por isso, é uma personagem redonda.</p>
--	---

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Quadro 20 – Notícia de 16 de março de 2013

Data de publicação	16/3/2013
Página	6
Título	Cameron reage a declaração sobre Malvinas
Autor/procedência	Não indicado.
Resumo	Premier britânico discordou de citação de Bergoglio feita anos antes de que as ilhas Malvinas deveria ser da Argentina.
Tamanho	1/5 de página
Chamada de capa e contracapa	Não.
Estratégias comunicativas	<p>A primeira frase contém um verbo no gerúndio – “Jorge Mario Bergoglio está vendo declarações antigas suas se transformarem em motivo de polêmica” –, o que aproxima narrador e personagem, nivelando-os no mesmo presente (o Papa está, neste momento que o autor escreve, neste momento que a matéria é publicada, neste momento que o público lê, vendo declarações virarem polêmicas). A segunda começa com as “mais recentes” (declarações), sugerindo que houve outras anteriormente.</p> <p>As vozes presentes no texto são “jornais como o The Times e o The Sun”, que “descobriram” a declaração de Bergoglio, o premier britânico, David Cameron, que respondeu a ela e motivou a notícia, a presidente Cristina Kirchner, o governo argentino, a Argentina, o governo britânico e o chefe da Igreja</p>

	<p>Católica nas Malvinas, Michael McPartland (ouvido, por sua vez, pelo jornal argentino Clarín). A maior parte das fontes da notícia é, portanto, sujeito coletivo. Podem-se perceber, ainda, os dêiticos temporais “ano passado” e “nesta semana”.</p> <p>Há dois momentos de certezas hipotéticas durante a narrativa, com a utilização do passado condicional em “Bergoglio teria dito aos fiéis que estavam ali” e “governo argentino teria classificado o referendo de ilegal”.</p>
Caracterização da personagem	<p>Não há uma caracterização explícita da personagem. Todavia, a narrativa constrói um cenário em que o Papa e o governo argentino têm a mesma opinião, de que as ilhas deveriam ser latinas, enquanto David Cameron discorda, formando este embate. Mesmo assim, o premier britânico reage à declaração “respeitosamente”, o que evidencia a importância da figura de Bergoglio. O fato de a notícia explicar o embate por meio do Papa indica certa participação política, por mais que o texto termine com uma citação direta que afirma que ele “não é um político”.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Quadro 21 – Notícia de 16 de março de 2013

Data de publicação	16/3/2013
Página	10
Título	Sequestrado se diz em paz com Bergoglio
Autor/procedência	Não indicado.
Resumo	Sobre acusação de negligência com sequestros de religiosos jesuítas na Argentina, missionário afirmou estar reconciliado com Bergoglio.
Tamanho	5/6 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>“Em paz com o Sumo Pontífice. Assim o missionário jesuíta Francisco Jalics, membro da ordem religiosa sequestrado junto com um colega pela junta militar argentina nos anos 1970, definiu sua relação com o papa Francisco.” A notícia começa com uma frase curta e nominal, sem verbo, que instiga o leitor a seguir para a seguinte a fim de entender sobre o que se trata. Logo no primeiro parágrafo, já está presente a principal voz do texto, Francisco Jalics. Em segundo lugar, com quase o mesmo espaço concedido, está o Vaticano, que tem sua posição resumida no segundo parágrafo, para ser repetida e desdobrada no sétimo. “Ativistas de direitos humanos”, o porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi,</p>

	também aparecem na narrativa. Há a presença de um dêitico temporal: “agora”.
Caracterização da personagem	<p>A notícia expõe uma acusação de negligência ao Papa, e, por mais que Jalics afirme que não pode se pronunciar sobre o papel de Bergoglio nos sequestros, a informação de que eles estão “agora” reconciliados abre espaço para o entendimento de que havia motivo para um desentendimento. O posicionamento do Vaticano é de que os questionamentos são caluniosos e difamatórios, conforme o texto, rejeitando-os “com firmeza”. Há uma citação extensa defendendo o Papa, chamando as acusações de “campanha contra Bergoglio”, com “matriz anticlerical”. O porta-voz do Vaticano ainda afirma que a personagem pediu perdão pela Igreja não ter feito o suficiente durante a ditadura.</p> <p>Nesta narrativa, a integridade de Bergoglio é posta em questão. Nenhum relato, contudo, é veementemente contra a personagem, e o texto dá a entender que houve uma turbulência no passado: o Papa já pediu perdão, e o padre sequestrado já o perdoou.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Quadro 22 – Notícia de 17 de março de 2013

Data de publicação	17/3/2013
Página	16 e 17
Título	Temas sociais e arejamento moral na pauta do Vaticano
Autor/procedência	Não indicado.
Resumo	Previsões sobre o Pontificado de Francisco.
Tamanho	Uma página e 4/5 de página.
Chamada de capa e contracapa	Não.
Estratégias comunicativas	<p>A narrativa estrutura-se em forma de tópicos, titulados como “Governo compartilhado”, “Perfil dos bispos”, “Mente mais aberta”, “Latino-americanização”, “Mudança no perfil da cúria”, “Combate à pedofilia” e “Foco social”.</p> <p>De forma geral, os itens são compostos por:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Um acontecimento que envolva Bergoglio – “Em sua aparição na sacada da Basílica de São Pedro, Francisco não se referiu a si mesmo como Papa. Preferiu definir-se apenas como bispo de Roma”; nos “tempos de professor de colégio católico, o padre Jorge Mario Bergoglio lutou para que uma aluna que engravidara não fosse expulsa”; “já como arcebispo de Buenos Aires, aproveitou uma missa para chamar de ‘hipócritas’ os padres de sua jurisdição que se negavam a

batizar crianças nascidas fora do casamento”; em uma entrevista, “declarou que ‘os males da Igreja se chamam vaidade e arrivismo’ e estariam por trás da atual crise ao insuflar a ânsia pelo poder”; após “ser cumprimentado discretamente pelo cardeal americano Bernard Law, Francisco teria virado as costas e sussurrado a assessores que não desejava ver mais o religioso no local [...]. Bernard Law é acusado de acobertar mais de 200 padres envolvidos em denúncias de pedofilia”.

– Comparações e críticas aos pontificados anteriores – “Autocrático, o papa polonês [João Paulo II] não chamava os bispos para opinar, mas para dar ordens. Esse espírito ditatorial foi mantido sob Bento XVI”; durante “dois papados e quase 40 anos, a dupla [João Paulo II e Joseph Ratzinger] perseguiu e eliminou da Igreja quase todo pensamento liberal”; a “desproporção [de cardeais europeus contra latino-americanos] sempre existiu, mas foi acentuada por Bento XVI”; nos últimos anos, a Cúria “foi sacudida por suspeitas de corrupção, disputas de poder e escândalos sexuais”; João Paulo II e Bento XVI “testemunharam o encolhimento no rebanho de fiéis na maior parte do Ocidente”.

– Uma previsão de mudança, relacionada ao acontecimento ou à crítica, para o novo papado. Há aqui a utilização de verbos no futuro (“o governo da Igreja será compartilhado”, “uma das ações de Francisco será mudar o perfil dos bispos”, “Francisco fará mais cardeais nos continentes hoje periféricos”, “haverá uma mexida profunda”, “o Vaticano demonstrará menos tolerância com os desvios éticos”). Antes deles, porém, muitas vezes há uma oração com um verbo acompanhado do pronome “se”, índice de indeterminação do sujeito (acredita-se, espera-se, dá-se), o que faz com que não se saiba quem acredita, quem espera, quem dá. O futuro hipotético também aparece, em casos como “pode vir”, “deverá perder”, “deverá dar”, “deverá ser”, assim como o presente hipotético “pode ser” e o passado hipotético “teria virado”.

– A opinião de especialistas (um professor, quatro padres e dois que atuam em ambas as áreas), de forma direta e indireta. De forma geral, eles auxiliam a fazer as previsões, explicam questões doutrinárias e falam sobre Bergoglio. Estão presentes no texto mais dois sujeitos coletivos: o jornal italiano La Stampa e “religiosos brasileiros”, além da voz do próprio Papa.

Caracterização da personagem	<p>As citações diretas estão repletas de trechos que caracterizam a personagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> – “Dizem que ele escuta duas vezes mais do que fala. Isso era justamente o que faltava [...]. O fato de ser jesuíta já é muito significativo [...]. Existe aí uma ideia de compartilhar”; – “Ele pode ser mais aberto, porque está mais perto das experiências das pessoas”; – “Isso [um latino-americano como Papa] significa uma instituição mais preocupada com o clamar de quem sofre”; – Papa “simples”; – “Ele representa um choque de Evangelho e humildade. Não gosta de ser chamado de eminência. Um homem assim dá nova credibilidade moral e ética à Igreja”; – “Ele sinaliza para uma Igreja que vai aonde o povo está, nos bailes da vida [...]. Será o Francisco de Deus, mas também o Francisco da gente”. Esta impactante frase é a última da narrativa. <p>Também há destaques no restante do texto, como a crença de “uma tendência de mudança”, um “foco mais social” com Bergoglio, que, informa o texto, considera a vaidade um dos piores pecados da Igreja e que seria capaz de “inspirar um novo modelo de comportamento” por dar o exemplo aos colegas.</p> <p>O Papa ainda é chamado de personalidade destoante, “um homem com experiência no mundo real”, que tem “o perfil certo para promover um arejamento” na Cúria, com uma comparação a São Francisco Xavier, “que renunciou à riqueza para levar o cristianismo à Índia e ao Japão”. Também consta na notícia que o “combate à pobreza e à exploração humana é uma das características da trajetória religiosa de Jorge Bergoglio”.</p>
------------------------------	--

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Quadro 23 – Notícia de 17 de março de 2013

Data de publicação	17/3/2013
Página	18
Título	Um Francisco para os pobres
Autor/procedência	Renato Igor/Não indicado.
Resumo	Papa Francisco falou à imprensa e explicou escolha do nome.
Tamanho	9/10 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.

Estratégias comunicativas	<p>O primeiro parágrafo da notícia já aborda a proximidade entre o argentino Jorge Mario Bergoglio e o brasileiro Cláudio Hummes, com a informação de que este influenciou aquele na escolha do nome Francisco. O laço é fortalecido em outros trechos, como em: “durante o conclave, [Francisco] esteve sentado ao lado de Cláudio Hummes, a quem definiu como ‘um grande amigo’”; ou em uma citação direta de Francisco, que diz “ele [Hummes] me tranquilizou”. Levando em conta a nacionalidade de Cláudio Hummes, esta estratégia aproxima os leitores da personagem e da narrativa.</p> <p>A maior parte dos acontecimentos relatados ocorreu durante a primeira audiência pública do Papa, realizada “na manhã deste sábado” na sala Paulo VI, em Roma. Suas falas no evento, no entanto, remetem ao Conclave, e há uma avaliação de “analistas” que remete a dias anteriores por ter sido feita nos “últimos dias” – ambas funcionam como <i>flashbacks</i>.</p> <p>O clímax da narrativa encontra-se no final, a partir do penúltimo parágrafo, com um fragmento que engrandece o encontro e Bergoglio: os “jornalistas, que raramente aplaudem durante coberturas jornalísticas, abriram exceção para Francisco. Em vários momentos, o Papa teve de interromper a fala enquanto era aclamado”.</p>
Caracterização da personagem	<p>Segundo o texto, o discurso de Francisco foi apresentado “no estilo informal e bem-humorado que tem caracterizado os primeiros dias do argentino”, com quebras de protocolo e ele falando “de improviso”, o que, somado a uma “brincadeira” que fez no encontro, contribui para a criação de uma personalidade animada e contagiante para a personagem. A característica da humildade aparece no “desejo do novo papa de substituir a pompa da Cúria pela simplicidade e de promover uma maior atenção da Igreja às causas sociais”, com a reprodução de uma fala classificada como “uma das frases mais marcantes” (sem referência a que, se é uma das mais marcantes de Francisco ou de todos os Papas): “Como eu gostaria de uma Igreja pobre, para os pobres”.</p> <p>Bergoglio também causou “surpresa em um público acostumado a uma postura menos aberta a outras crenças” ao destinar uma bênção silenciosa em “respeito à diversidade religiosa”.</p> <p>A narrativa então finaliza com uma citação direta em que um repórter defende que, em uma semana, “este argentino é capaz de pôr o Vaticano de pernas para o ar”.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Quadro 24 – Notícia de 18 de março de 2013

Data de publicação	18/3/2013
Página	6
Título	Improvisação na bênção dominical
Autor/procedência	Não indicado/Cidade do Vaticano.
Resumo	Papa Francisco celebrou primeira bênção dominical em estilo informal.
Tamanho	5/6 de página.
Chamada de capa e contracapa	Sim.
Estratégias comunicativas	<p>“Fiel ao estilo de quebrar protocolos, o papa Francisco disse ontem [...]”. A primeira frase da notícia contém um paradoxo interessante. “Fiel” pressupõe continuidade, fidelidade, algo constante, mas “quebra” significa justamente o contrário. O “disse” também merece destaque. A maior parte do texto ancora-se “ontem” (dêitico temporal), na primeira bênção dominical realizada por Bergoglio, e, por se tratar de um acontecimento que por si só é um discurso, os verbos de declaração aparecem em peso no relato (três vezes “disse” e duas vezes “afirmou”, além de “comparou” e “havia criticado”). Este último é uma alternativa ao “criticara”, comum na linguagem literária, mas formal para o tom do texto, que é, de maneira geral, mais coloquial. Ele está inserido na única parte do relato que não se refere à bênção dominical, e sim a uma missa realizada “mais cedo” (dêitico temporal, expressão bastante informal), que, portanto, é um <i>flashback</i>.</p> <p>Em um mesmo parágrafo, o verbo voltar é utilizado duas vezes – “voltou a quebrar o protocolo”, “voltou a se diferenciar do seu antecessor” –, palavra repetida que por si só já sugere repetição.</p>
Caracterização da personagem	<p>A “marca registrada” do Papa Francisco, conforme a linha de apoio da notícia, é “quebrar protocolo”. A explicação aparece no decorrer do texto: ele saudou “os fiéis que lotaram a Praça São Pedro com um informal ‘bom dia’ e referiu-se aos presentes como ‘irmãos e irmãs’”; cumprimentou-os, “como um padre de paróquia”; abaixou-se para conversar com crianças. Há uma comparação, positiva para Bergoglio, com os antecessores Bento XVI e João Paulo II, “que deram a seus pontificados um caráter rígido e tradicionalista por meio do alijamento de centenas de teólogos que pregavam a renovação da Igreja”. Francisco seria diferente deles, conforme a notícia, por ter dado ênfase na misericórdia durante a bênção. Uma segunda comparação é feita somente</p>

	<p>com Bento XVI em: “Bergoglio voltou a se diferenciar do antecessor Bento XVI pelo tom informal e teve sua fala interrompida algumas vezes por aplausos”. Neste caso, não fica claro se ter a fala interrompida por aplausos também é um diferencial do argentino ao alemão (que, portanto, não recebia aplausos) ou se a última oração simplesmente demonstra o sucesso de ter um “tom informal”.</p> <p>Pelo segundo texto consecutivo (entre os analisados), Bergoglio “surpreende” com alguma coisa – “surpreendeu espectadores com um toque de humor”.</p> <p>O final da narrativa relata que, por “volta de 12h15min locais [...], o papa arrancou as últimas risadas ao se despedir do povo”. A palavra “últimas” sugere que houve risadas em todo o encontro, que foi uma bênção descontraída.</p>
--	--

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

Quadro 25 – Notícia de 20 de março de 2013

Data de publicação	20/3/2013
Página	24
Título	O jesuíta que já conquistou a multidão
Autor/procedência	Não indicado/Cidade do Vaticano.
Resumo	Cerimônia oficializou o início do Pontificado de Bergoglio.
Tamanho	Página inteira.
Chamada de capa e contracapa	Sim
Estratégias comunicativas	<p>“Eram 8h50min [...] quando Francisco perdeu-se em meio à multidão na Praça de São Pedro. Vestido com a batina branca, entrou na grande esplanada vaticana a bordo de um jipe branco – um papamóvel aberto. Contava apenas com a presença recatada dos seguranças”. Desta forma bastante descritiva, com detalhes (“eram 8h50min”, “vestido com a batina branca”) e adjetivos (“grande”, “branco”, “aberto” e “recatada”), começa a narrativa. Além de ser a primeira notícia analisada com a presença de uma descrição física (de como o Papa estava vestido), vale ressaltar o uso do verbo “perder” no sentido figurado (obviamente, ele não se perdeu no sentido de não encontrar o caminho, mas de não ser mais visto, tamanha a multidão).</p> <p>Entre os relatos das ações de Bergoglio durante a cerimônia, está que ele “chegou a descer do veículo para cumprimentar um deficiente físico”. O “chegou”, nesse trecho, indica que o ato é incomum. A única voz presente no texto com citação direta é a de Bergoglio. Nela, é pertinente destacar os verbos</p>

	<p>conjugados na terceira pessoa do plural (nós) – “sejamos”, “deixemos”, “devemos” –, que mostram que o Papa inclui a si mesmo nos conselhos que dá e coletiviza as falas. Ainda há as vozes com citações indiretas da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, e da Argentina, Cristina Kirchner (cujo relato é conseguido de forma indireta, pela “imprensa portenha”).</p> <p>A primeira vez em que Dilma aparece na notícia é na seguinte frase: “o momento histórico fez com que a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, se emocionasse, a exemplo da multidão”. É curioso que, enquanto a maior parte das narrativas jornalística procura usar sujeitos coletivos, se tenha, neste caso, utilizado um indivíduo para personificar essa emoção. Só depois, então, o relato é levado à multidão, que foi, em outras palavras, representada por Dilma Rousseff. O termo “momento histórico” evidencia a importância do acontecimento relatado.</p>
Caracterização da personagem	<p>As chamadas à notícia – cartola (“Frenesi popular”), título (“O jesuíta que já conquistou a multidão”) e linha de apoio (“Bergoglio agora é Francisco. O argentino Jorge Mario Bergoglio comoveu milhares de pessoas na cerimônia que oficializou o início de seu pontificado”) abordam a popularidade do Papa. A primeira oração da linha de apoio ainda ressalta o caráter de transição da personagem.</p> <p>No âmbito do comportamento, Bergoglio “manteve a predileção pela conduta simples”, usou “poucos adornos” e reforçou a ideia de “atenção aos pobres e à natureza”. Definiu-se como um humilde servo. Pela terceira vez consecutiva, entre as notícias analisadas, “o Papa fez uma surpresa”. Desta vez, telefonou para a Catedral Metropolitana de Buenos Aires, onde havia também milhares de pessoas (50 mil, conforme o texto), e discursou aos fiéis. A popularidade e a emoção do acontecimento aparecem também neste trecho final da narrativa: enquanto Bergoglio “falava, houve um silêncio profundo. Depois, vieram aplausos e gritos”.</p> <p>Sobre a impressão causada pelo argentino, consta que: ele “deixou freiras e padres extasiados”; “Dilma havia elogiado o empenho do Papa em priorizar o auxílio aos pobres, mas pediu que ele compreenda as opções diferenciadas do mundo”; e “Cristina Kirchner, que antes do conclave classificava Bergoglio como um opositor, também disse ter chorado”.</p>

Fonte: Adaptado pela autora com base em Zero Hora (2013).

4.4 ACONTECIMENTOS-INTRIGAS

Para construir os acontecimentos-intrigas, foi respeitada a cronologia das publicações, mas cada etapa foi delimitada de acordo com as ações mais importantes para a história como um todo (núcleos), o que significa que nem todo texto configurou um item, enquanto alguns mereceram mais de um. Nesta etapa, usamos a categorização sugerida por Brait (1985), cunhada por Forster, de personagens planas – formadas em torno de uma única ideia ou qualidade – e redondas – complexas, que apresentam várias qualidades. Também será analisada a funcionalidade diferencial das personagens, que diz respeito aos seus papéis nas ações, sendo mais ou menos importante, obtendo ou não sucesso (REUTER, 2002).

Sorteados, os textos que representam a semana anterior e a posterior à eleição de Joseph Ratzinger como Papa constroem o seguinte acontecimento-intriga:

- a) Joseph Ratzinger é apontado como favorito ao Conclave. Aqui, a personagem é passiva, plana (tendo como característica referencial o conservadorismo), mas que obtém sucesso (já que estava bem cotada na eleição);
- b) Não é mais o favorito do Conclave. A personagem mantém a passividade e a categorização plana, mas fracassa;
- c) É eleito Papa. A personagem continua sendo passiva, mas volta a obter sucesso (é escolhido rapidamente, no segundo mais breve Conclave da história) e passa a ser redonda (o “normalmente sisudo” Ratzinger mostra um lado sorridente);
- d) Pronuncia a primeira bênção. A personagem começa a ser ativa, também tem sucesso (preside um “momento bonito”, de “emoção e relaxar de músculos”) e segue sendo redonda;
- e) Relatos da trajetória de Ratzinger promovem um *flashback* no acontecimento-intriga. Foi prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Há, aqui, uma personagem ativa, que carregou o peso de ser a cara impermeável da Igreja, construindo durante décadas a imagem de carrancuda e de controladora da fé católica. Isso por si só tornaria Ratzinger um vilão – que, conforme Motta (2013), caracteriza-se por ser uma personagem pior que o leitor –, mas há o contraponto de que ele se

dedicou com afinco à tarefa, além do fato de ele ser um teólogo acima da média, o que mostra extremo sucesso e o torna um anti-herói;

- f) O *flashback* continua. A personagem viveu na Alemanha nazista. Atividade e passividade se mesclam (integrou a Juventude Hitlerista, desertou, foi convocado para a guerra, foi preso), mas Ratzinger é visto como vítima do regime;
- g) Ratzinger não admite e não discute a homossexualidade. A personagem é ativa, plana (volta a ser tratada somente como conservadora) e vilã – pior que o leitor, conforme Motta (2013);
- h) Sai às ruas pela primeira vez. A personagem continua sendo ativa, mas torna-se redonda novamente (a rigidez é contraposta pela tranquilidade e popularidade), tem sucesso e é apresentada de maneira positiva, como herói;
- i) Há mais um *flashback*. Ratzinger sofreu um derrame. Aqui, a personagem é passiva, e os problemas de saúde apresentados o tornam frágil;
- j) Ratzinger realiza o primeiro encontro de trabalho com o colégio dos cardeais. A personagem é ativa, plana e mostra um lado humano e humilde ao pedir ajuda aos cardeais para superar suas fraquezas.

A perturbação do acontecimento-intriga está situada no momento em que Ratzinger deixa de ser favorito por ser rígido e tem suas capacidades questionadas. A transformação ocorre no momento em que ele é eleito Papa, quando sua vida e personalidade são abordadas de maneira mais aprofundada, e ele deixa de ser apenas o “sisudo Ratzinger” para se tornar o “sorridente Bento XVI”. A resolução ocorre a partir do momento em que ele sai às ruas pela primeira vez, na medida em que é apresentada uma popularidade que até então não havia sido citada. É a comprovação de que, afinal, ele não é odiado por ser rígido.

Por outro lado, não houve nenhum texto sobre Jorge Mario Bergoglio no período que antecedeu o Conclave de 2013. A semana posterior à sua eleição, portanto, é responsável pelo material que constrói o seguinte acontecimento-intriga:

- a) Bergoglio já é Papa, e sua história é contada por meio de um *flashback*. Ele nasceu em família modesta, o que o faz uma personagem passiva, mas contribui para a caracterização de humilde;
- b) Ainda como *flashback*, assumiu a liderança da congregação jesuítica de seu país e foi criado cardeal, iniciando-se a caminhada rumo ao Papado.

Aqui, a personagem é ativa e obtém grande sucesso, mas é plana, pois é caracterizada somente pela simplicidade;

- c) Defende mudanças de atitude na Igreja Católica em sua primeira missa. Ativo, a personagem aqui tem personalidade forte, pois pede mudança aos colegas logo no primeiro sermão;
- d) Em um segundo *flashback*, quatro núcleos contam a trajetória de Bergoglio e a tornam uma personagem redonda: era um menino peralta, que cansava as professoras do colégio; foi um rapaz que gostava de dançar, namorador e fanático por futebol; tornou-se um padre que cozinhava o próprio almoço, tomava mate e utilizava metrô (humilde e simples). Até aqui, a personagem também é ativa. No último núcleo, foi ungido pastor supremo da Igreja (passividade) por suas qualidades como bispo (atividade). A caminhada demonstra alguém de sucesso;
- e) Uma declaração antiga de Bergoglio torna-se alvo de polêmica, e o premier britânico, respeitosamente, discorda com o Papa. Neste momento, a personagem é passiva e não tem voz, não há espaço para defesa;
- f) Ativistas dos direitos humanos acusam Bergoglio de negligência em casos de prisões de padres durante a ditadura argentina, mas um deles se diz em paz e reconciliado com o Papa. Novamente, a personagem é passiva e não tem voz, mas é defendida pelo Vaticano (o que reforça a passividade). Pela primeira vez, ele aparece como vilão, pois a narrativa abre espaço apenas para uma interpretação negativa;
- g) Há novamente *flashbacks* com quatro núcleos sobre a vida de Bergoglio: nos tempos de professor, lutou para que uma aluna que engravidara não fosse expulsa (personagem ativa e heroica); em 2012, chamou padres que se negavam a batizar crianças nascidas fora do casamento de hipócritas (ativa, de personalidade forte, justiceira); em sua primeira aparição depois de ser eleito, Francisco não se referiu a si mesmo como Papa, mas apenas como bispo de Roma (personagem ativa, humilde, que obtém sucesso); por fim, ao ser cumprimentado por um cardeal americano acusado de acobertar casos de pedofilia, virou as costas e sussurrou que não queria mais o ver no local (novamente, ativa, de personalidade forte, justiceira). Aqui, o conjunto dos acontecimentos tornam a personagem redonda e um herói;

- h) Com previsões sobre o Pontificado de Bergoglio, há também *flashforwards* neste acontecimento-intriga: o governo da Igreja será compartilhado; uma de suas ações será mudar o perfil dos bispos; vai promover um arejamento em relação a alguns tópicos polêmicos; fará mais cardeais nos continentes periféricos; demonstrará menos tolerância com os desvios éticos dos membros do clero; dará um foco mais social à ação do Vaticano. Aqui, a personagem é ativa, forte, uma grande liderança;
- i) Bergoglio fala de improviso na primeira audiência pública e explica a escolha do nome Francisco. Neste trecho, a personagem é ativa e redonda, por ser bem-humorada, brincalhona (quebrando mais de uma vez o protocolo), mas preocupada com os pobres e respeitosa com a diversidade religiosa. Foi aclamado por jornalistas – detalhe que sugere passividade, mas também sucesso extremo e comoção. A personagem cativa o público e é heroica;
- j) Comanda sua primeira bênção dominical, o que incluiu quebra de protocolo, brincadeiras, aproximação com o público e defesa da misericórdia. A personagem é ativa, redonda e se mantém heroica;
- k) Bergoglio vira oficialmente Francisco. Há um caráter de transição na cerimônia que oficializa o Pontificado, mas a representação de Papa do povo é reforçada. Ele comoveu milhares de pessoas, manteve o estilo simples e surpreendeu, mais uma vez, ao ligar para a catedral onde rezava em Buenos Aires. O heroísmo e a comoção em torno da personagem, ativa e redonda, chegam ao ápice;

Como a personagem já se inicia Papa neste acontecimento-intriga, a perturbação ocorre mais além, quando ela é acusada de negligência e aparece uma única vez como vilã. A transformação está na primeira audiência pública, quando Bergoglio fala de improviso pela primeira vez e começa a conquistar de forma mais contundente a multidão. A resolução está na cerimônia que o oficializou como Papa Francisco, quando a personagem é aclamada e seu sucesso e popularidade consolidam-se de forma surpreendente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De 12 a 26 de abril de 2005, conforme já explicado, período que compreende a semana que antecede e a que sucede a eleição de Joseph Ratzinger, ele foi citado em 97 páginas do jornal Zero Hora. Neste montante, havia 49 textos que o tinham como figura central, sendo 15 analisados neste trabalho. Na semana que antecedeu sua escolha, o cardeal alemão já aparecia bastante no veículo jornalístico e foi protagonista de três notícias, o que mostra que, durante o Conclave, o público em geral – especialmente os leitores de Zero Hora – já sabia quem ele era. Em comparação, de 6 a 20 de março de 2013, período que atende à mesma especificação já apresentada neste capítulo com relação a Jorge Mario Bergoglio, ele foi citado em 74 páginas. Entre elas, havia 30 textos que o tinham como figura central, sendo 10 analisados nesta pesquisa. Na semana que antecedeu sua escolha, ele não motivou a criação de nenhuma notícia, o que demonstra que ele não era tão conhecido pela sociedade em geral, e a eleição tampouco esperada.

No caso de Ratzinger, todo material que passou por análise teve chamada de capa ou contracapa, enquanto que, no de Bergoglio, apenas dois não tiveram. Todavia, é importante frisar que algumas delas diziam respeito à cobertura do Papado como um todo, veiculada em determinado dia (que, muitas vezes, abrangia mais de um texto), ou seja, mais de uma publicação ganhava destaque com a mesma chamada. Com ambos, a maior parte do material era composta por mais de meia página. Isso salienta a importância do Conclave para a mídia e o destaque dos Papas no cenário jornalístico.

Sob o aspecto da produção, na amostragem que dizia respeito a Ratzinger, um enviado especial do jornal ao Vaticano assinou três textos, dois foram escritos por repórteres da Zero Hora sem indicação de procedência (o que sugere que o trabalho foi feito na própria redação) e dois por repórteres do interior do Estado. Houve ainda duas situações em que só foram mostradas a procedência (Vaticano e Roma), sem referência a autor, e seis em que não foram apresentados nem procedência nem autor. Ou seja, oito objetos da análise não expunham o jornalista e sete o faziam.

No caso de Jorge Mario Bergoglio, um texto era assinado por um enviado especial (a Buenos Aires), três por um repórter sem procedência indicada, dois somente com a procedência e sem autor indicado e quatro sem nenhum dos dois.

Assim, seis não mostravam o jornalista responsável pelo material, enquanto quatro o faziam.

A falta de um profissional que assine o texto sugere que a informação foi coletada de forma indireta (por meio de agências de notícia ou outros veículos de comunicação) e escrita a partir da redação – já que ter um repórter no local do acontecimento transmite mais credibilidade e, a princípio, se fosse o caso, não haveria motivo para não expor essa proximidade. O fato de ter um intermédio entre o que é relatado e o autor do relato salienta o pouco que realmente se conhece de cada Papa e o quanto a imagem que se tem deles depende de um número reduzido de discursos diretos e informações conseguidas em primeira mão.

Se o veículo midiático, que precisa transmitir o acontecimento ao seu público e desenvolve estratégias para tal, não tem fácil acesso ao comandante da Igreja Católica, a limitação é infinitamente maior no que se refere à população como um todo. O número de pessoas que efetivamente conhece Ratzinger ou Bergoglio é extremamente reduzido, e, no entanto, a maioria sabe quem eles são, como eles são, possivelmente tendo uma opinião formada sobre ambos. Isso é possível principalmente devido à comunicação de massa, incluindo os jornais, que transmitem continuamente relatos sobre os religiosos – como defende Motta (2013), a linguagem é a mediadora entre o homem e o mundo, do nosso conhecimento sobre a realidade, e a narrativa é a sua principal forma expressiva. Segundo o autor, os textos são pontos de referência entre alguém que se expressou argumentativamente para induzir seu interlocutor a interpretar os fenômenos relatados de acordo com sua intenção. Em outras palavras, o estudo da representação dos Papas pelas notícias permite que se suponha como a sociedade enxerga-os, tamanha é a influência jornalística na percepção que se tem sobre eles.

O texto jornalístico é uma narrativa, mas com características peculiares. Motta (2013) pontua que o jornalismo pretende ser objetivo – por mais que esteja repleto de subjetividades, por ser uma versão entre várias outras possíveis sobre fatos ou pessoas –, tentando se aproximar ao máximo do mundo real e provocando a falsa impressão de que os acontecimentos falam por si mesmos.

A impessoalidade do narrador é um dos fatores que contribuem para isso. Em todos os objetos analisados, estavam presentes somente dêiticos temporais, o que deixa o mínimo de rastro possível do narrador e do momento de enunciação, sendo que mesmo esses se referiam ao momento de publicação e não ao de enunciação (o

“hoje” diz respeito ao dia em que os jornais chegam às ruas, enquanto o enunciado em si foi produzido um dia antes). O tempo verbal, que também poderia ser um dêitico temporal, é diferente no jornalismo, com o presente sendo usado para indicar o futuro, por exemplo, e certezas hipotéticas para falar de fatos sem comprovação ou que ainda não aconteceram.

Dentre outras estratégias comunicativas, as citações foram bastante utilizadas para transmitir credibilidade. Acompanhando-as, pode-se perceber, na grande maioria das vezes, uma justificativa que explica porque determinada fonte mereceu ser ouvida – por ser uma autoridade, um especialista ou ter conhecido os Papas. Em diversas ocasiões, gaúchos que tiveram alguma relação com Ratzinger ou Bergoglio foram vozes de destaque nas narrativas, o que aproxima a figura distante do Vaticano aos leitores do veículo Zero Hora (e também torna o relato mais crível, tendo em vista que foi conseguido de forma direta).

Motta (2013) e Traquina (apud MOTTA; GUAZINA, 2010) destacam que o conflito é utilizado para criar um clímax na narrativa e que os jornalistas costumam tratar os acontecimentos por uma visão bipolarizada (“bem x mal”, “pró x contra”) que simplifica e ao mesmo tempo dramatiza o relato. Nos objetos que tratavam de Joseph Ratzinger, isso pôde ser percebido em alguns textos pós-Conclave, em que determinadas fontes não concordavam com as definições de rígido e sisudo consolidadas anteriormente pela mídia e pela sociedade em geral. A percepção negativa era apresentada para ser contraposta pela opinião positiva. Com Jorge Mario Bergoglio, foi o contrário. A visão positiva já era predominante quando duas notícias apresentaram contrapontos: em “Cameron reage a declaração sobre Malvinas”, o premier britânico David Cameron contraria Bergoglio e a presidente da Argentina, Cristina Kirchner (Cameron x Bergoglio + Kirchner); em “Sequestrado se diz em paz com Bergoglio”, há acusações de negligência dirigidas a Bergoglio (sem fonte explícita, mas que não são negadas por um dos alvos prejudicados, Francisco Jalics) contra a defesa do Vaticano.

Conforme Moscovici (2003), as representações convencionalizam as pessoas, dando-lhes uma forma definitiva e inserindo-lhes em categorias, ou seja, simplificam a complexidade do ser para tornar o objeto mais facilmente compreensível e reconhecível. Neste trabalho, as representações foram analisadas por meio do conceito de personagem, figura central da narrativa.

Antes do Conclave de 2005, Ratzinger já era conhecido e tinha certo destaque na mídia. Era representado como ultraconservador e poderoso. Logo após ser eleito, há um momento de transição, em que o “normalmente sisudo” Joseph Ratzinger aparece como o sorridente Bento XVI. A rigidez e o conservadorismo, contudo, estão presentes como características em quase todos os textos, mesmo que para serem contrapostas. A figura de grande teólogo também aparece constantemente. Nos últimos materiais analisados, o alemão torna-se tranquilo e frágil de saúde. Passa no “teste de popularidade” em sua primeira saída às ruas, mas sem grandes alardes. Tem traços de humildade ao pedir ajuda aos cardeais para superar as próprias fraquezas. O que predomina nos relatos sobre Bento XVI é a perspectiva de inalterabilidade, ou seja, a Igreja mantendo o mesmo caminho do Pontificado anterior.

Fora da hierarquia da Igreja Católica e de seu país, Bergoglio não era conhecido antes do Conclave de 2013, e sua escolha por si só já causou surpresa (sendo evidenciado o fato de ele ser jesuíta e da América Latina). É representado como humilde e simples. Tem personalidade forte, de líder, e simboliza a mudança na Igreja Católica. Sua trajetória e o jeito com que conduz os eventos (representação de brincalhão e bem-humorado) causam simpatia, e há a utilização do verbo “surpreender” em três textos consecutivos. As últimas narrativas analisadas geram um clímax de comoção em torno do Papa, que chega ao ápice como herói.

No período de quatro semanas – distribuídas em dois anos distintos de Conclave – examinadas por esta pesquisa, os Papas Bento XVI e Francisco mobilizaram um grande número de relatos jornalísticos. Essas personagens, que representam pessoas reais, mas que não podem ser confundidas com as próprias pessoas, protagonizaram narrativas e afetaram a maneira como os leitores do jornal Zero Hora veem Ratzinger e Bergoglio. Ao analisar o material, ficaram evidentes os traços de subjetividade presentes nos textos: uma pessoa não muda de personalidade de um dia para o outro. Todavia, as personagens se transformavam no decorrer dos acontecimentos-intrigas. Isso porque é muito difícil abordar a complexidade da pessoa como um todo (que, é prudente salientar, mesmo assim continuaria sendo apenas uma representação) em um único relato, ainda mais com o espaço limitado e a objetividade do jornalismo. Assim, determinadas características eram escolhidas, conforme a história a ser relatada, enquanto outras, desprezadas.

A maior parte dos leitores desconhece as estratégias comunicativas e os detalhes de produção de um jornal, cujas publicações têm estatuto de verdade.

Levando em conta a dificuldade de acesso ao Vaticano e aos Papas, o jornalismo dá elementos, por meio da representação, para que o público construa sua percepção sobre os líderes religiosos. Uma análise dos textos em conjunto (abordados aqui por meio do acontecimento-intriga) permite que se compreenda os Papas de forma plural, mas nem todos os leitores leem tudo, podendo absorver somente parte das características. Em um plano genérico, por mais que o alemão tenha sido protagonista de um maior número de notícias e reportagens do que o argentino, Zero Hora contribuiu para uma visão, com Ratzinger, de Papa rígido e de Pontificado de continuísmo, e, com Bergoglio, de Papa carismático e de Pontificado inovador.

Seria interessante estudar os mesmos aspectos aqui abordados ao final do Pontificado de cada Papa, a fim de identificar as transições e a complexidade de cada personagem por um período maior de tempo – e, desta forma, refletir sobre como Joseph Ratzinger e Jorge Mario Bergoglio são representados após anos frente à Igreja Católica. Também caberia pesquisar o tema com foco na perspectiva da recepção. Os desafios ficam para uma futura empreitada.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA LUSA. **Perfil do papa no Twitter atinge 10 milhões de seguidores**. out. 2013. Disponível em: <www.ebc.com.br/noticias/internacional/2013/10/conta-papal-no-twitter-atinge-10-milhoes-de-seguidores>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- ALVES, José Eustáquio Diniz; CORRÊA, Sonia; JANNUZZI, Paulo de Martino. Direitos e saúde sexual e reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores. In: CAVENAGHI, Suzana (Org.). **Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva**. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA, 2006. p. 27-62.
- ANGELINI, Maria Cristina. Os gestos dos papas na cultura da mídia. **CoMTempo**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2014. Disponível em: <casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/12/Maria-Cristina-Angelini.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2015.
- ARRAES, Virgílio. Primeiros passos do pontificado de Bento XVI. **Meridiano 47**, Brasília, DF, n. 67, p. 17-18, fev. 2006. Disponível em: <periodicos.unb.br/index.php/MED/issue/view/195>. Acesso em: 3 abr. 2015.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. **A inquisição**. Rio de Janeiro: Imago, 2001. 263 p.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 19-60.
- BIOGRAFIA de sua santidade Bento XVI [200-?]. Disponível em: <w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/elezione/documents/biografia.html>. Acesso em: 30 mar. 2015.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985. 95 p.
- CAMAROTTI, Gerson. **Segredos do Conclave**: os bastidores da eleição do Papa Francisco e a operação do Vaticano para estancar a hemorragia de fiéis na América Latina. São Paulo: Geração Editorial, 2013. 148 p.
- CAVACA, Osmar. Uma Eclesiologia chamada Francisco: estudo da Eclesiologia do Papa Francisco a partir da Evangelii Gaudium. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, n. 83, p. 15-34, jan./jun. 2014. Disponível em: <revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19221>. Acesso em: 15 abr. 2015.
- DIAS, Juliano Alves. **Sacrificium laudis**: a hermêutica da continuidade de Bento XVI e o retorno do catolicismo tradicional (1969 – 2009). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 132 p.
- FRANCO, Joaquim. Fátima. **Série Monográfica de Ciência das Religiões**, coleção (Re) pensar a Religião, Edições Universitárias Lusófonas, n. 5, p. 33-58, nov. 2010. Disponível em:

<revistas.ulusofona.pt/index.php/seriemonograficacienciadasreligi/article/view/3996>. Acesso em: 28 abr. 2015.

GIBBS, Nancy. A Escolha: O Papa Francisco é a Personalidade do Ano eleita pela Time em 2013. **Time**, dez. 2013. Disponível em: <poy.time.com/2013/12/11/a-escolha-o-papa-francisco>. Acesso em: 05 maio 2015.

GOLDEROS, Mario Escobar. **Francisco: o papa da simplicidade**. Rio de Janeiro: Agir, 2013. Disponível em: <books.google.com.br/books?id=vFGV5Yxyr2MC&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 26 abr. 2015.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Edusp, 2000. 111 p.

GRINDLEY, Lucas. The Advocate's Person of the Year: Pope Francis. **Advocate.com**, 2013. Disponível em: <www.advocate.com/year-review/2013/12/16/advocates-person-year-pope-francis>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GRITTI, Jules. Uma narrativa de imprensa: os últimos dias de um “grande homem”. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 163-173.

GRUPO RBS, **Nossas empresas**: Zero Hora. 2015. Disponível em <www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora>. Acesso em: 05 maio 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2015.

JOÃO PAULO II. **Perfil biográfico de João Paulo II (1920-2005)**. 2014. Disponível em: <www.vatican.va/special/canonizzazione-27042014/documents/biografia_gpII_canonizzazione_po.html>. Acesso em: 30 mar. 2015.

LAFONT, Ghislain. **Imaginar a Igreja Católica**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 270 p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013. 304 p.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. 2. ed. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga; GUAZINA, Liziane. O conflito como categoria estruturante da narrativa política: o caso do Jornal Nacional. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 132-149, 2010.

PAULO VI, **Motu proprio "Integrae servandae" sobre a reestruturação da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé**. Vaticano, dez. 1965. Disponível em: <www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_po.html>. Acesso em: 23 mar. 2015.

PEREZ ESQUIVEL, Adolfo. **Biografia**. 2015. Disponível em: <<http://www.adolfoperezesquivel.org>>. Acesso em: 15 maio 2015.

PESSINATTI, Nivaldo Luiz. **Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil**. Editora Vozes. São Paulo/Petrópolis, 1998. 350 p.

PINTO, Milton José. Introdução: mensagem narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 7-19.

PULLELLA, Philip. Papa Francisco atrai 6,6 mi de fiéis em 2013 ao Vaticano, três vezes mais que Bento. **Reuters Brasil**, jan. 2014. Disponível em: <br.reuters.com/article/topNews/idBRSPEA0103X20140102?sp=true>. Acesso em: 15 jun. 2015.

RÁDIO VATICANA. **Anuário Estatístico revela crescimento estável da Igreja**. Vaticano, mar. 2015. Disponível em: <br.radiovaticana.va/news/2015/03/25/anu%C3%A1rio_estat%C3%ADstico_revela_crescimento_est%C3%A1vel_da_igreja/1131918>. Acesso em: 17 mar. 2015.

RATZINGER, Georg. **Meu irmão, o papa**. São Paulo: Editora Europa, 2012. Depoimento a Michael Hesemann. 255 p.

REDAZIONE. Vanity Fair elegge Papa Francesco uomo dell'anno. **Vanity Fair.it**, giul. 2013. Disponível em: <www.vanityfair.it/news/italia/13/07/09/cover-vanity-papa-francesco>. Acesso em: 15 jun. 2015.

REESE, Thomas J. **O Vaticano por dentro**. 3. ed. Bauru: Edusc, 1999. 416 p.

REIS, Carlos. Narratologia(s) e teoria da personagem. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 2, n. 1, p. 26-36, jan./jun. 2006. Disponível em: <www.perguntaserespostas.com.br/seer/index.php/rd/article/view/505>. Acesso em: 05 maio 2015.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: Difel, 2002. 190 p.

ROWLAND, Tracey. **A fé de Ratzinger**. Campinas: Ecclesiae, 2013. 279 p.

SANTIAGO, Homero. **Os excessos da identidade**: Bento XVI e a questão da tolerância. São Paulo: Lua Nova, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ln/n74/08.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2015.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia Dourado. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. **Rumores** – Revista de Comunicação, Linguagem e Mídias, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 18-36, jul./dez. 2011. Disponível em: <www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/view/7936>. Acesso em: 20 maio 2015.

SILVA, Nívea Rohling da. **O gênero entrevista pingue-pongue**: reenunciação, enquadramento e valoração do discurso do outro. 2007. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

SIMON, Marcello Zanluchi Surano. **A imagem do papa Bento XVI na imprensa brasileira**: a cobertura da Folha de S. Paulo sobre a pedofilia. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Bauru, 2013.

SORTEADOR. **Site**. 2015. Disponível em <www.sorteador.com.br>. Acesso em: 02 jun. 2015.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2014, p. 272-284. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewArticle/17148>. Acesso em: 2 maio 2015.

TIME. **The People's Pope**. July 2013. Disponível em: <content.time.com/time/covers/europe/0,16641,20130729,00.html>. Acesso em: 15 jun. 2015.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 209-254.

TORNIELLI, Andrea. **Francisco**: a vida e as ideias do papa latino-americano. São Paulo: Planeta, 2013. 143 p.

WOLFF, Elias. Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e os 500 anos da reforma luterana, no contexto do pontificado do Papa Francisco. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v.12, n. 34, p. 534-567, abr./jun. 2014. Disponível em: <periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n34p534>. Acesso em: 20 abr. 2015.

ZERO HORA. Porto Alegre, abr. 2005. Pesquisa realizada nas edições de 12 a 26 de abril de 2005.

_____. Porto Alegre, mar. 2013. Pesquisa realizada nas edições de 6 a 20 de março de 2013.

ANEXO – Versão original das notícias